



INSTITUTO POLITÉCNICO
DE VIANA DO CASTELO

Nome completo do Candidato

Francisco Joaquim Barbosa Gonçalves

TÍTULO DA DISSERTAÇÃO

Plano de Interpretação dos Caminhos de Santiago no Centro Histórico de Barcelos

Nome do Curso de Mestrado

Turismo, Inovação e Desenvolvimento

Trabalho efectuado sob a orientação da

Professora Doutora Olga Matos

Dezembro de 2012

JÚRI

Presidente: Professor Doutor Thomas Brysch, Professor Adjunto, ESTG

Arguente: Professora Doutora Maria de Fátima Matos da Silva

Professora Auxiliar

Departamento de Ciências da Educação e do Património

Universidade Portucalense, Porto

Orientadora: Professora Doutora Olga Matos, Professora Adjunta, ESTG

AGRADECIMENTOS

Apresentamos os nossos sinceros agradecimentos pela colaboração prestada, à Orientadora deste trabalho académico, a Senhora Professora Doutora Olga Matos. Aproveitamos para agradecer a quem, de alguma forma, ajudou a levar esta dissertação a bom termo.

ABSTRACT

This dissertation aims to present an interpretation plan for the historical routes of the Camino de Santiago in the Historic Center of Barcelos. Interpretation is an educational activity, which aims to reveal meanings and relationships through the use of original objects, by firsthand experience and by illustrative media, rather than simply to communicate factual information. This plan aims to identify and interpret these historical Jacobean routes in Barcelos and their contribution to its birth, its heritage and traditions related to the Legend of the Cock.

Barcelos was a cross of several roads, before the Jacobean pilgrimage started, in the 9th Century. However, in the Middle Ages, it became a key waypoint for all Jacobean pilgrims, specially, after the construction of the Gothic bridge, in the 14th Century.

To this dissertation, it was carried out a detailed reading on the existing literature about heritage interpretation, Jacobean routes and the city of Barcelos. A survey was undertaken, focused on its visitors profile and their motivations to visit this town. It presents an overview of this research and describes its main goal and specific objectives. Results suggest that its visitors' profile and motivations belong to the cultural tourism segment, justifying the opportunity of implementing this interpretation plan.

Key Words: religious tourism, visitors profile; interpretation; Jacobean routes; cultural tourism.

RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo principal apresentar um plano de interpretação das rotas históricas dos Caminhos de Santiago no Centro Histórico de Barcelos. A interpretação é uma atividade educacional, que visa revelar significados e relações através do uso de objetos originais, experiências em primeira mão e por meios ilustrativos, em vez de comunicar, simplesmente, informações factuais. Este plano tem como objectivo identificar e interpretar essas rotas históricas jacobeanas em Barcelos, a contribuição para a sua génese, o seu património e as suas tradições relacionadas com a Lenda do Galo.

Barcelos foi um cruzamento de várias estradas medievais, antes do início das peregrinações jacobeanas, no século IX. No entanto, na Idade Média, chegou a ser um ponto de passagem crucial para todos os peregrinos a Santiago, especialmente, após a construção da ponte gótica, no século XIV.

Para esta dissertação, foi realizada uma leitura detalhada da literatura existente sobre a interpretação, as rotas jacobeanas e a cidade de Barcelos. A pesquisa foi realizada, com enfoque no perfil dos seus visitantes e nas suas motivações para visitar esta cidade. Apresenta-se uma visão geral da pesquisa e descreve-se o seu objectivo principal e os objectivos específicos. Os resultados sugerem que o perfil dos seus visitantes e as suas motivações pertencem ao segmento do turismo cultural, justificando a pertinência para implementar este plano interpretação.

Palavras-chave: turismo religioso; perfil dos visitantes; interpretação; rotas jacobeanas; turismo cultural.

LISTA DE SIGLAS

CMB - Câmara Municipal de Barcelos

ERPNT - Entidade Regional de Turismo do Porto e Norte de Portugal

HUB - designação dada a aeroportos que funcionam como centros de operações de vôos comerciais.

ICOMOS - International Council on Monuments and Sites

OMT - Organização Mundial de Turismo

PENT - Plano Estratégico Nacional do Turismo

PTCAB - Posto de Turismo e Centro de Artesanato de Barcelos

RCM - Resolução do Conselho de Ministros

ÍNDICE

Júri.....	II
Agradecimentos.....	III
Abstract.....	IV
Resumo.....	V
Lista de Siglas	VI
Índice	VII
Introdução.....	1
Metodologia.....	4
I - A Teoria da Interpretação	6
I.1 – A sua Génese	6
I.2- Carta Ename	7
I.3 – Conceitos de Interpretação	8
I.4 - Os seus Objectivos.....	10
I.5- Os seus Princípios.....	12
I.6 – A Teoria de um Plano de Interpretação	17
I.6.1 – Introdução	17
I.6.2 – Visão	17
I.6.3 – Os Visitantes	18
I.6.4 – Os Recursos	20
I.6.5 – Os Temas	21
I.6.6 – As Técnicas de Interpretação.....	21
I.6.7 – A Implementação.....	23
I.6.8 – A Monitorização	24
II - Os Caminhos de Santiago	25
II.1 – Alguns Dados Históricos	25
II.2 – A Lenda de Santiago	26
II.3 – O Mito Motivador da Reconquista Cristã.....	28
II.4 – Pelos Caminhos de Santiago.....	28
II.4.1 - O Caminho Português de Santiago.....	30
II.4.2- Os Itinerários Históricos em Barcelos	33

Caminhos de Santiago no Centro Histórico de Barcelos

II.4.2.1 - O Itinerário Primitivo.....	34
II.4.2.2 - O Itinerário da Ponte Medieval.....	34
II.4.2.3 - O Itinerário do Milagre das Cruzes.....	34
II.4.2.4 - O Itinerário dos Séculos XX e XXI.....	34
III - Caracterização do Centro Histórico de Barcelos	36
III.1 – Localização.....	36
III.2 – Dados Estatísticos.....	37
III.3 – A situação Sócio-económica	37
III.3.1 – A Evolução Sócio-económica.....	37
III.3.2 – O Turismo em Barcelos.....	38
III.3.3 – A Génese do Burgo Barcelense	42
IV – Plano de Interpretação.....	45
IV.1 – Enquadramento.....	45
IV.2 – Visitantes.....	46
IV.2.1 – Motivações e Perfil do Visitante	46
IV.2.2 – Segmentação de mercado.....	58
IV.3 – Recursos	59
IV.4 - Itinerários Temáticos da Rota Jacobea	60
IV.4.1 - Itinerário temático “O Berço de Barcelos”	60
IV.4.2 - Itinerário temático “O Milagre do Galo de Barcelos”	69
IV.4.3 – Itinerário Temático “O Milagre das Cruzes”	79
IV.5 – As Técnicas de Interpretação	89
IV.5.1 - A Técnica Directa: as Visitas Guiadas	89
IV.5.2 – A Técnica Indirecta: as Placas Interpretativas.....	89
IV.5.2.1 – Itinerário temático “ O Berço de Barcelos”	92
IV.5.2.2 – Itinerário temático “o Milagre do Galo de Barcelos”	95
IV.5.2.3 – Itinerário temático “o Milagre das Cruzes”	100
IV.6 – Implementação e Monitorização do Plano de Interpretação	103
Conclusão e Recomendações	104
Bibliografia.....	108
Apêndices	115

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 - Características das Técnicas de Interpretação 22

Tabela 2 - Perfil do visitante da região de turismo PNP..... 40

LISTA DE FIGURAS, FOTOS, GRÁFICOS E MAPAS

Figura 1 - Protótipo das placas interpretativas 90

Figura 2 - Painel do itinerário temático " O Berço de Barcelos" 92

Figura 3 – Painel do itinerário “ O Milagre do Galo de Barcelos” 95

Figura 4 - Painel do itinerário “O Milagre das Cruzes” 100

Foto 1- Centro Histórico de Barcelos 36

Foto 2 - Passagem a vau no rio Cávado..... 60

Foto 3 - Fundo da Vila ou Fonte de Baixo 62

Foto 4 - Largo do Apoio ou Cimo da Vila..... 63

Foto 5 - Casa do Apoio 64

Foto 6 - Casa do Santo Condestável 65

Foto 7 - Casa do Alferes Barcelense..... 66

Foto 8 - Hospital Medieval do Espírito Santo 67

Foto 9 - Chafariz do Largo do Apoio 68

Foto 10 - Capela e Ponte Medieval..... 69

Foto 11 - Ponte medieval de Barcelos 70

Foto 12 - Solar dos Pinheiros..... 71

Foto 13 -Pelourinho de Barcelos 72

Foto 14 - Paço Condal 73

Foto 15 - Cruzeiro da Lenda do Galo 74

Foto 16 - Igreja Matriz de Barcelos 76

Foto 17 - Paços do Concelho 77

Foto 18 - Largo do Apoio 78

Foto 19 - Rua dos Mercadores (S. Francisco) 79

Foto 20 – Capela de S. Francisco 80

Foto 21 - Rua Direita (D. António Barroso)..... 81

Foto 22 - Torre de Menagem da Porta Nova 82

Foto 23 - Templo do Senhor da Cruz 83

Caminhos de Santiago no Centro Histórico de Barcelos

Foto 24 - Jardim das Barrocas	84
Foto 25 - Casa dos Andrades e Almada.....	85
Foto 26 - Igreja do Terço	86
Foto 27 - Casa do Jardim	87
Foto 28 - Solar do Benfeito	88
Foto 29 - Quiosque para afixação dos painéis interpretativos	91
Gráfico 1 - Objectivo da visita a Barcelos	47
Gráfico 2 – Outro motivo para a visita	47
Gráfico 3 - Visita só ou em grupo?.....	48
Gráfico 4 - Que tipo de grupo?	48
Gráfico 5 – Grupo – número de pessoas.....	49
Gráfico 6 - Meio de Transporte	49
Gráfico 7 - Outro Meio de Transporte	50
Gráfico 8 - Motivações para escolher Barcelos	50
Gráfico 9 – Outras Motivações.....	51
Gráfico 10 - Razão para a visita nesta data.....	52
Gráfico 11- Outras razões para a escolha desta data	52
Gráfico 12 - Adjectivo para descrever a imagem de Barcelos	53
Gráfico 13 - Idade dos visitantes	53
Gráfico 14 – Género dos visitantes.....	54
Gráfico 15 - Estado civil dos visitantes	54
Gráfico 16 - Situação profissional dos visitantes	55
Gráfico 17 - Estatuto profissional dos visitantes	55
Gráfico 18 - Origem dos visitantes	56
Gráfico 19 - Cidade de origem dos visitantes nacionais.....	56
Gráfico 20 - Origem dos visitantes estrangeiros.....	57
Gráfico 21 - Nível académico dos visitantes	57
Mapa 1 - itinerários históricos dos Caminhos de Santiago em Barcelos.....	33
Mapa 2 - Estrada medieval	35

INTRODUÇÃO

Um plano de interpretação inicia-se com uma reflexão sobre os seus dois principais componentes, isto é, os visitantes e os recursos. Para a elaboração deste plano, foram identificados os recursos mais emblemáticos da rota jacobea, no centro histórico de Barcelos e identificados os seus visitantes, através da realização de um inquérito, de forma a se poder, eficazmente, relacioná-los.

Barcelos resultou do cruzamento de várias estradas medievais. O seu território não terá sido escolhido para qualquer outro povoamento anterior à fundação da nação portuguesa, no século XII. No entanto, na Idade Média, tornou-se um ponto de passagem crucial para os peregrinos a Santiago, especialmente, após a construção da ponte gótica, no século XIV. Actualmente, a crescente dinamização dos Caminhos de Santiago tem colocado Barcelos na rota de inúmeros peregrinos e visitantes, que têm contribuído para o aumento do seu sector turístico. Os resultados dos vários estudos, incluindo o que foi realizado no âmbito desta dissertação, sugerem que o perfil e as motivações dos seus visitantes pertencem ao segmento do turismo cultural, justificando, deste modo, a pertinência para a implementação deste plano interpretação.

Para a elaboração deste plano de interpretação, partiu-se do pressuposto de Barcelos ser a única cidade portuguesa onde terá ocorrido um “milagre do galo”, nos Caminhos de Santiago. Esta lenda e o seu galo tornaram-se a imagem de marca da cidade e factores de desenvolvimento e divulgação de Barcelos através do mundo. Além disso, acredita-se que os Caminhos de Santiago terão estado, estreitamente, ligados à génese do burgo barcelense.

A Carta Internacional do Turismo Cultural aponta o património cultural e natural, as diversidades e as culturas vivas, como sendo as grandes atracções turísticas no futuro. Sendo a interpretação uma atividade educacional, que visa revelar os significados e as relações através do uso de objectos originais, experiências em primeira mão e por meios ilustrativos, em vez de comunicar, simplesmente, informações factuais, constata-se a existência de um número crescente de peregrinos a procurar o posto de turismo de Barcelos para apoio e informação sobre o centro histórico e os Caminhos de Santiago.

O objetivo geral desta dissertação é elaborar um plano de interpretação dos Caminhos de Santiago no Centro Histórico de Barcelos, do seu património histórico e da sua Lenda do Galo. E os seus objectivos específicos são: dominar a teoria da interpretação e apresentação do património; identificar as experiências históricas e os monumentos ligados aos Caminhos de Santiago, que possam valorizar este centro histórico; investigar a relação das peregrinações jacobeanas com a génese desta cidade; estruturar o centro histórico com linhas de leitura da evolução dos Caminhos de Santiago no seu interior; desenvolver o turismo cultural e religioso, promovendo uma imagem turística da cidade ligada à tradição jacobea; concretizar este plano de interpretação para enriquecer as experiências de lazer, a percepção da vida quotidiana e das tradições que nos rodeiam.

As mais recentes tendências no turismo apontam para a procura de destinos culturais, de autenticidade, capaz de transmitir identidade e equilíbrio, indo ao encontro do conceito do novo turista, que procura algo de diferente para satisfazer a sua necessidade de auto-realização. Este tipo de turismo tem como principal motivação descobrir, conhecer, aprender e explorar culturas diferentes e os atractivos dos destinos, através de percursos em *tours*, rotas ou circuitos de diferente duração e extensão e em viagens independentes ou organizadas. O facto de Barcelos ser a única cidade portuguesa nos Caminhos de Santiago, com a Lenda do Galo, justifica o objectivo geral desta dissertação.

Apresenta-se, no capítulo I, a fundamentação teórica da interpretação e apresentação do património, nomeadamente, os seus conceitos, os seus princípios, os seus objectivos e o seu contributo para a conservação e a valorização do património. Tendo em conta que se elabora este plano de interpretação sobre os Caminhos de Santiago no Centro Histórico de Barcelos, no capítulo II, apresenta-se uma resenha histórica dos Caminhos de Santiago e da sua relação com a cidade de Barcelos e a sua Lenda do Galo. Seguindo a mesma lógica, no capítulo III, faz-se a caracterização desta cidade, destacando a sua localização, os dados estatísticos mais relevantes, a sua evolução socio-económica, o seu sector turístico e o enquadramento histórico da génese deste burgo medieval e judeu. Finalmente, no capítulo IV, apresenta-se, concretamente, este plano de interpretação.

Os vários estudos realizados sobre a procura turística em Barcelos, incluindo o que foi realizado no âmbito desta dissertação, apresentam um perfil de visitante que se enquadra no tipo de turismo cultural, justificando a elaboração deste plano de interpretação. Recomenda-se, conseqüentemente, a sua implementação, pois esperamos contribuir para o desenvolvimento do sector turístico em Barcelos, posicionando o seu centro histórico como a âncora dos Caminhos de Santiago em Portugal.

Sendo a interpretação a voz dos recursos, argumenta-se que este plano de interpretação poderá, eventualmente, contribuir para aumentar a qualidade das experiências turísticas dos seus visitantes, a conservação mais eficaz do seu património e um turismo mais sustentável, em Barcelos.

METODOLOGIA

Após a definição dos objectivos para esta dissertação, foi estruturada a metodologia para a elaboração de cada um dos seus capítulos, que assenta, fundamentalmente, nos seguintes suportes:

Foi realizada uma pesquisa bibliográfica sobre as temáticas da Interpretação e apresentação do património, dos Caminhos de Santiago e da História de Barcelos. Fez-se um plano detalhado de leitura desta bibliografia, que sustentou, teóricamente, a elaboração dos capítulos I, II e III. Esta pesquisa foi iniciada no ano de 2011 e realizou-se, essencialmente, nas bibliotecas da Escola Superior de Tecnologia e Gestão, em Viana do Castelo e da Câmara de Barcelos. Foram também realizadas pesquisas em vários *websites* relacionados com estas temáticas, nomeadamente, os Caminhos de Santiago e a cidade de Barcelos.

Foram realizadas pesquisas no terreno através da participação em reuniões e actividades culturais da Associação Espaços Jacobeus, de forma a conseguir uma envolvência real e emocional com os Caminhos de Santiago; da participação num curso sobre História e Arte na Catedral de Santiago, ministrado por oradores ligados à Catedral e à Universidade de Santiago e noutro sobre interpretação do património cultural; de conversas com pessoas ligadas aos Caminhos de Santiago, com destaque para Carlos Basto, artista plástico, com obras realizadas sobre os Caminhos de Santiago, João de Sousa, colecionador de fotos e histórias de Barcelos e o Conde Lourenço de Almada, autor de um livro sobre a sua própria peregrinação a Santiago, iniciada em Barcelos; e, finalmente, da peregrinação no Caminho de Santiago desde Barcelos até à Catedral de Santiago, de modo a vivenciar essa experiência. Estas pesquisas ocorreram durante os anos de 2011 e 2012, com mais incidência durante o segundo semestre de 2011. As pesquisas, atrás referidas, contribuíram para aprofundar o conhecimento da realidade dos Caminhos de Santiago e, mais detalhadamente, da sua relação íntima com a génese da cidade de Barcelos. Deste modo, os conhecimentos, adquiridos com a leitura, ficaram enriquecidos com estas experiências, que contribuíram, mais particularmente, para a elaboração dos capítulos II, III e IV. Além disso, para a elaboração deste último, foi feita uma reflexão sobre as duas principais componentes deste plano de interpretação, isto é, os seus visitantes e os seus recursos. Primeiramente,

foram identificados os recursos mais emblemáticos da rota jacobea no centro histórico e, depois, foi realizado um inquérito para avaliar quem são os seus visitantes, o seu perfil e as suas motivações para visitar a cidade. Esse inquérito foi realizado através de um questionário com 13 perguntas divididas em 3 categorias: As motivações (5), a imagem (1) e o perfil do visitante (7). Com as respostas obtidas, através deste questionário, definiu-se o perfil e as motivações do visitante, de forma a fazer-se a segmentação de mercado. Seguidamente, foi definida uma estratégia para a usufruição eficaz dos recursos, que passou pela elaboração de três itinerários temáticos, em que se incluiu a Lenda do Galo de Barcelos. Os resultados do inquérito sugerem que perfil e as motivações dos visitantes pertencem ao segmento de turismo cultural, justificando, deste modo, a oportunidade para implementar este plano interpretação.

Foram realizadas visitas, *in loco*, aos vários locais históricos dos Caminhos de Santiago, no Centro Histórico de Barcelos, uma delas acompanhada pela Orientadora desta dissertação, sempre documentadas por fotografias, às quais foi realizada uma minuciosa análise, para descobrir tudo quanto possa ter interesse para a interpretação dos itinerários. Note-se que as fotografias sem fonte são do autor. Também foram realizadas visitas a outros centros históricos, para avaliar os elementos interpretativos aí existentes, com o propósito de contribuir para a elaboração deste plano. Igualmente, foram realizadas várias reuniões com o Dr. Nuno Rodrigues, coordenador dos Serviços Técnicos de Turismo de Barcelos. E, finalmente, foram realizadas sessões quinzenais de orientação tutorial com a Professora Doutora Olga Matos, orientadora desta dissertação, cruciais, julgamos, para a execução de um trabalho elaborado através de métodos cientificamente aceites.

I - A TEORIA DA INTERPRETAÇÃO

Neste capítulo, pretende-se analisar o que é a interpretação e apresentação do património, qual a sua origem, as suas definições mais concensuais, os seus objectivos, os vários modos de interpretar, os seus princípios, como deve ser feita a sua gestão e, finalmente, como elaborar um plano de interpretação.

I.1 – A SUA GÉNESE

A Interpretação é bastante recente, aliás os termos interpretação e intérprete só começaram a ser usados nos parques e resorts do Canadá e do Oeste Americano, durante os anos 20 do século XX. Estes profissionais, antes, eram conhecidos por “*Lecturers*”, devido ao facto de muitos deles serem professores universitários e investigadores (Carr, 1993, *cit. in* Knudson *et al.*, 2003:7-8).

O proprietário de um resort, Enos Mills, usou em 1920 o termo “*nature guiding*” para descrever o seu próprio trabalho nos Rockies. Foi ele, quem terá usado pela primeira vez o termo “*interpret*” para descrever o trabalho dos “*nature guiding*”. Nessa época, o termo alternativo para definir interpretação era “*education*” (Makruski, 1978, *cit. in* Knudson *et al.*, 2003:7-8). Contudo, foi Tilden, com a publicação do seu livro “*Interpreting our Heritage*”, em 1957, quem fez o termo “*interpretation*” começar a ser largamente usado e reconhecido pelo público, podendo-se afirmar que a história da Interpretação começou nesse ano (Knudson *et al.*, 2003:7-8).

Tilden nasceu a 22 de Agosto de 1883, em Massachusetts a norte de Boston nos Estados Unidos da América. Era filho de um famoso jornalista, Samuel Tilden, que o encorajou a escrever. E ele assim fez durante a sua juventude, escrevendo alguns artigos para o jornal do pai, o *Boston Transcript*. Mas, contrariamente ao desejo do seu pai, que desejava vê-lo prosseguir uma carreira académica, Tilden preferiu viajar e conhecer o mundo, tornando-se fluente em algumas línguas estrangeiras. Todavia, aos 19 anos de idade, regressou aos EUA e dedicou-se à escrita, tendo regressado ao jornalismo. Mas começou também a escrever livros de ficção, contos e poemas. Aos 58 anos de idade, quando muitas pessoas já pensam na reforma, Tilden resolveu dar um novo rumo à sua vida, pois sentia-se saturado de escrever ficção. Em 1941, entrou no escritório de

Newton Drury, o director do Parque Nacional, e disse-lhe que gostaria de fazer algo de mais útil para o mundo. Drury aproveitou a oportunidade de poder ter um homem talentoso ao seu serviço e nomeou-o de imediato seu “assistente administrativo” com carta branca para formular um plano para as relações públicas e a Interpretação do Sistema dos Parques Nacionais. A partir daí, Tilden escreveu muitas palavras, não só para entreter os seus leitores, mas também para os informar e educar (Craig, *cit. in* Tilden, 2007:5-6). E foi assim que nasceu a interpretação.

I.2- CARTA ENAME

A Carta Ename¹ surgiu do reconhecimento de que, tal como a Carta de Veneza estabelecera o princípio, segundo o qual, a proteção do património era essencial para a sua conservação, também a interpretação do significado desse património deveria ser parte integrante do processo da sua conservação e fundamental para se obterem resultados positivos dessa mesma conservação do património.

Foi na Primavera de 2002, que os funcionários do *Ename Center*, uma organização sem fins lucrativos, fundada em 1998 e patrocinada pela Província da Flandres (Bélgica) em cooperação com o Instituto do Património Flamengo e em colaboração com Jean Louis-Luxen, o então secretário-geral do Comité Científico Internacional de Turismo Cultural (ICOMOS), tiveram a ideia de elaborar um texto internacional sobre a interpretação e apresentação do património. Surgiram dúvidas e divergências e por isso, Jean Louis-Luxen sugeriu que fosse o ICOMOS, a instituição mais adequada para a elaboração de uma Carta com carácter internacional. No dia 25 de Março de 2002, foi elaborado o primeiro rascunho da Carta Ename. Em Setembro desse mesmo ano, ocorreu a primeira discussão pública sobre esse primeiro rascunho numa Conferência, organizada em Ghent na Bélgica, com o título “Património, Tecnologia e Desenvolvimento Local”. Já em Novembro desse mesmo ano, foi organizado um *workshop* em Washington (EUA), cuja recomendação principal foi a de Gustavo Araoz do US-ICOMOS, segundo a qual, a iniciativa da Carta Ename deveria ser, oficialmente, autorizada pelo ICOMOS Internacional e em última análise deveria ser formulada de

¹ Carta Internacional para a Interpretação e Apresentação de Sítios de Património Cultural

acordo com os padrões de procedimento doutrinal do ICOMOS. Durante o ano de 2003, foram realizados vários encontros e contactos para a reestruturação do seu texto. Contudo, o segundo esboço só foi apresentado a 20 de Fevereiro de 2004 e nesse mesmo ano foi recomendado elaborar um terceiro esboço. E de esboço em esboço, chegou-se ao ano de 2007, em que foi apresentado o esboço final, o sétimo que foi, finalmente, aprovado. A Carta Ename tem como principal objectivo definir os princípios básicos da interpretação e apresentação como componentes essenciais dos esforços de conservação do património e dos meios para melhorar a compreensão do público e a sua valorização.²

I.3 – CONCEITOS DE INTERPRETAÇÃO

A palavra “*interpretation*” tem vários usos e significados, pois tanto pode ser usada na tradução entre línguas diferentes, como se pode referir a documentos legais e à explicação de certos sonhos e presságios. Tilden define-a como “*the translation from one language to another by a qualified linguist; the construction placed upon a legal document; even the mystical explanation of dreams and omens*” (2007: 25). E Knudson *et al.* (2003:4-7-8) afirmam que a primeira definição de Interpretação, a que mais vezes foi citada pelos vários autores que escreveram sobre esta temática, foi esta de Tilden: “*an educational activity which aims to reveal meanings and relationships through the use of original objects, by firsthand experience and by illustrative media, rather than simply to communicate factual information*” (2007:163). Este conceito foi corroborado pela Carta Ename, que propõe a seguinte definição da interpretação: “*the full range of potential activities intended to heighten public awareness and enhance understanding of cultural heritage site. These can include print and electronic publications, public lectures, on-site and directly related off-site installations, educational programmes, community activities, and ongoing research, training, and evaluation of the interpretation process itself*” (2007:3). De facto, a Carta Ename define a interpretação como a explicação ou a discussão pública, cuidadosamente planeada de um sítio de património cultural, abrangendo todo o seu significado, tanto tangível como intangível.

² Cf. in: http://www.enamecharter.org/initiative_0.html, acedido em 6 de Fevereiro de 2012.

Esta definição sugere que a interpretação seja abrangente a todas as actividades potenciais que visam aumentar a consciência pública e melhorar a compreensão do significado do património cultural. Neste conceito, podem-se incluir as publicações, as conferências, as instalações, os programas educacionais, as actividades comunitárias, a investigação, a formação e a avaliação contínua do próprio processo de interpretação. Tilden explica que a interpretação é uma tentativa de revelar as verdades que estão por detrás das aparências: *“interpretation is an attempt to reveal the truths that lie behind the appearances”* (2007:163). Para Tilden *“the interpreter’s task is to plant the “the seed of provocation” and to help the visitor see beyond the mind’s eye”*. Ele considera que a interpretação não é somente educação, mas sim provocação e que seria mais fácil defini-la por aquilo que ela não é para o visitante conseguir ver para além do alcance físico da sua própria visão, através da provocação (*op.cit.*:161).

Entre a publicação do livro de Tilden (1957) e a aprovação do sétimo (e último) esboço da Carta Ename (2007), foram vários os autores e as instituições ligadas à conservação do património a definirem o conceito de interpretação do património. A Associação Americana de Museus definiu-a como um esforço planeado para criar no visitante uma compreensão da história e o significado dos eventos, dos povos e dos objectos associados ao sítio: *“a planned effort to create for the visitor an understanding of the history and significance of events, people and objects with which the site is associated”* (Alderson e Low, 1985, American Association of Museums). E a Associação para a Interpretação do Património Britânico corroborou a definição anterior, realçando no entanto, a atitude em relação à conservação, deste modo, *“the process of clear significance to the visitor of the site or object, increasing the benefits of access and facilitating the understanding of the cultural heritage and the environment, while allowing a receptive attitude in relation to its conservation”* (Society for Interpreting Britain’s Heritage, 1998). Já a *National Association for Interpretation* (2000) define-a como um *“communication process that forges emotional an intellectual connections between the interests of the audience and the inherent meanings in the resource”* enquanto que a *Professional Interpretation Australia Association* (2001) apresenta a seguinte definição: *“heritage interpretation is a means of communicating ideas and feelings which help people understand more about themselves and their environment”*.

Tilden alerta para o facto da Interpretação não dever ser confundida com a informação, pois sendo esta a sua matéria-prima, por si só, não é interpretação, que é revelação baseada na informação. Portanto, sendo a interpretação e a informação coisas diferentes, toda a interpretação inclui informação, a sua matéria-prima (2007:44-48). York Eduards define a arte da interpretação como “*a powerful means for revealing that the land can react with kindness or with disastrous retaliations, depending on how it is treated. Knowing this, is to know wisdom and delight in living life, as a person, as a citizen, as a bit of Earth’s life. People do not understand land automatically. They must be shown. And they must have come to be shown because the story and its telling are more attractive than anything else they might do at the time.*” (cit. in Knudson et al., 2003:46).

A interpretação, a voz aos recursos, através da informação, a sua matéria-prima, contribui para educar e provocar os visitantes, para verem para além do alcance físico da sua própria visão e usufruírem de experiências turísticas únicas e memoráveis. “*Interpretation is the voice of the resources*” (Bureau of Land Management cit. in Knudson et al., 2003:387).

I.4 - OS SEUS OBJECTIVOS

Tilden afirma que o principal objectivo da Interpretação é a provocação: “*the chief aim of interpretation is not instruction but provocation*” (2007:59). Contudo, a interpretação tem outros objectivos, tais como, ajudar as pessoas a ganharem o sentido do lugar, a responderem à beleza do ambiente e a entenderem o significado das suas próprias história e cultura; ajudar os visitantes a reconhecerem num determinado local, mais do que uma simples montanha ou um simples rio ou uma simples cidade, mas também a desenvolverem a identidade das características especiais, a “grande estória” e o que isso representa no esquema geral das coisas. A Interpretação deve expandir-se num horizonte mais amplo, por exemplo, ensinar como se pode relacionar um campo de batalha com toda uma guerra e os seus efeitos duradouros sobre a política e a vida dos seus habitantes; fazer com que um visitante ao sair de um museu ou de um centro de interpretação, sinta o que lá encontrou de forma diferente ou especial e, dentro de si próprio, um estímulo para descobrir mais e levar pistas de como e onde poderá exercer a sua própria pesquisa de interpretação (Knudson et al. 2003:8).

Mills afirma que o objectivo da interpretação é ajudar os turistas a escolher como passar o seu tempo de lazer, sendo esta escolha um factor determinante para perpetuar os povos e as nações: *“the interpreter can be a mighty factor in helping people to determine how they will best spend their leisure hours. People are made and nations perpetuated through the right use of leisure time”* (cit. in Knudson et al., 2003:385). E Tilden afirma que a interpretação deverá estimular no visitante (ouvinte ou leitor) o desejo de alargar o seu horizonte de interesses e conhecimentos, adquirir uma maior compreensão das verdades que estão por detrás das declarações de facto e enriquecer a visita do turista, que normalmente, tem três limitações: tempo, dinheiro e capacidade de apreensão (2007:59-68).

A interpretação produz benefícios pessoais e socio-económicos, para além de acrescentar valor ao sector do turismo e bem-estar à comunidade receptora. É considerada, cada vez mais, uma componente integrante de muitas organizações, nomeadamente, de negócios com política de *marketing*. Aliás, muitos líderes têm afirmado que a interpretação contribuirá, no futuro, para uma sociedade com mais vitalidade, pois os seus objectivos vão muito além de umas simples viagens agradáveis pelo campo ou passar uma tarde tranquila a pensar em artefactos antigos. Deverá promover um modo de vida menos agressivo para com o planeta e deve ajudar a criar laços mais fortes com o património cultural e contribuir também para uma relação mais harmoniosa, mental e emocional entre o indivíduo e o meio-ambiente. As experiências interpretativas devem ensinar a cuidar melhor do planeta e do património cultural. Uma interpretação com qualidade, em cada nação, será a garantia de um futuro melhor, pois cidadãos bem formados e informados respeitarão mais os seus recursos, a sua cultura e tomarão decisões, tendo em consideração os impactos sobre as gerações futuras (Knudson et al., 2003:385).

Mills acredita que *“this new occupation is likely to be far-reaching in its influences; it is inspirational and educational”* (cit. in Knudson et al., 2003:397). A Interpretação visa enriquecer as experiências de lazer dos visitantes, a percepção da vida quotidiana e das tradições que os rodeiam. Pretende inspirar as pessoas para viverem de forma mais inteligente no contexto social e natural, contribuindo, assim, para honrar o passado e assegurar o futuro. Para isso, a interpretação deve ser exercida por bons profissionais, pois trata-se de uma profissão formal, nobre e em crescendo, que deve

servir os visitantes de forma inovadora, eficaz e progressiva, contribuindo, assim, para um mundo melhor (*op.cit.*:397).

I.5- OS SEUS PRINCÍPIOS

Tilden definiu seis princípios para a arte de Interpretação. No primeiro, afirma que a interpretação que não relacione o que está a ser exibido ou descrito, de alguma forma, com a personalidade ou a experiência do visitante, será estéril, pois o interesse do visitante deve estar sempre em primeiro lugar; o segundo aborda a informação, que por si só, não é interpretação, pois esta é revelação baseada em informação, embora sendo coisas completamente diferentes, toda a interpretação inclui informação, que é a sua matéria-prima; o terceiro define a interpretação como a arte que combina muitas outras artes, quer os materiais apresentados sejam científicos, históricos ou arquitetónicos, tendo em conta que qualquer arte pode ser ensinada, mas contar a estória é a “coisa”; o quarto define o objectivo principal da interpretação, que não é a instrução, mas sim a provocação, pois é através da interpretação que se consegue a compreensão e, através desta, a apreciação, através da qual, se consegue a protecção; o quinto estabelece que a interpretação deve ter como objectivo apresentar o todo em vez da parte e deve dirigir-se à pessoa como um todo, ao invés de qualquer fase, pois a sabedoria não é o conhecimento de muitas coisas, mas a percepção da unidade subjacente de factos, aparentemente, sem relação; e, finalmente, o sexto, segundo o qual, a interpretação dirigida a crianças (até aos doze anos de idade) não deve ser uma diluição da apresentação para adultos, mas deve seguir uma abordagem, fundamentalmente, diferente, devendo ser de melhor qualidade e apresentada num programa separado, pois as crianças absorvem factos e casos, mas não absorvem processos abstratos (2007:34-35).

A Carta Ename, cinquenta anos mais tarde, estabeleceu os seguintes princípios para a interpretação e apresentação do significado do património:

O primeiro princípio concentra-se no acesso e na compreensão. Para a interpretação ser adequada e sustentável, deve facilitar o acesso físico e intelectual do público ao património cultural. E para ser efectiva deve realçar a experiência, aumentar o respeito e a compreensão desse público. O objectivo da interpretação deve ser o de estimular o interesse e a aprendizagem, encorajando as comunidades e os seus membros

a refletirem sobre as suas próprias percepções de um sítio, a estabelecerem uma conexão significativa com ele, a contribuir com ideias e factos e a comunicarem a importância da conservação do património cultural. Para atingir este objectivo, é crucial identificar, segmentar e avaliar as audiências, tanto demograficamente como culturalmente, de forma a comunicar os valores e o significado do sítio aos diferentes segmentos de público. Consequentemente, a diversidade da linguagem entre visitantes e as comunidades associadas ao património deve reflectir-se na infra-estrutura interpretativa. Concluindo, são cruciais para a interpretação, tanto a compreensão como a acessibilidade, mas sem esquecer as pessoas com mobilidade condicionada. A interpretação e a apresentação de actividades devem estar fisicamente acessíveis ao público em toda a sua variedade e nos casos onde o acesso físico seja restrito devido a preocupações de conservação, sensibilidades culturais ou por questões de segurança, devem ser facultadas fora do local.

O segundo princípio define as fontes de informação. A interpretação deve-se basear em provas obtidas através de métodos científicos, academicamente, aceites e mostrar a gama de informações orais e escritas, relíquias, tradições e significados atribuídos a um sítio, devendo identificar claramente as fontes dessas informações. Deve ser baseada em estudos multidisciplinares do local e dos seus arredores, devidamente, pesquisados. Também se deve reconhecer que a interpretação significativa inclui uma reflexão sobre as hipóteses históricas alternativas, mitos locais e outras histórias. No património cultural, em que a narrativa tradicional ou as memórias históricas dos participantes são uma fonte de informação sobre a importância do sítio, os programas interpretativos devem incorporar esses testemunhos orais, quer indirectamente, através das instalações da infra-estrutura interpretativa, quer directamente, através da participação activa dos membros das comunidades associadas ao sítio. A reconstrução visual, seja por artistas, arquitectos ou técnicos de computador, deve ser baseada numa análise detalhada e sistemática do ambiente, arqueológico, arquitectónico dos dados históricos, incluindo a análise da escrita, das fontes orais e iconográficas e fotografias. As fontes de informação, em que tais representações visuais sejam baseadas, devem ser claramente documentadas e as reconstruções alternativas baseadas nessa mesma evidência e, quando disponíveis, devem ser fornecidas para

comparação. As fontes de pesquisa e a informação devem ser documentadas e arquivadas para futura referência e reflexão.

O terceiro princípio define o contexto e a definição. A interpretação de sítios de património cultural deve relacionar-se com os seus contextos sociais, culturais, históricos, naturais e as suas configurações; deve explorar o significado histórico, social, político, espiritual e artístico de um sítio, considerando todos os aspectos de importância cultural e ambiental do local. As contribuições de todos os períodos históricos para a importância de um sítio deve ser respeitada, assim como o seu contexto contemporâneo e o seu significado. O processo de interpretação deve também ter em conta as contribuições culturais de todas as comunidades associadas ao sítio, incluindo os grupos minoritários e a paisagem circundante, o ambiente natural e a localização geográfica. O património imaterial de um sítio, tais como as tradições culturais e espirituais, as histórias, a música, a dança, o teatro, a literatura, as artes visuais, os costumes pessoais e a cozinha deve ser anotado e incluído na sua interpretação.

O quarto princípio define a autenticidade. A interpretação deve respeitar os princípios básicos de autenticidade no espírito do documento de Nara (Japão) datado de 1994. A autenticidade é uma preocupação relativamente às comunidades humanas e aos vestígios materiais. O projecto de um programa de interpretação do património deve respeitar as funções sociais tradicionais do sítio, as práticas culturais e a dignidade dos moradores locais e das comunidades associadas. A interpretação deve contribuir para a conservação da autenticidade do património cultural, comunicando o seu significado sem adulterar os seus valores culturais ou alterar, irreversivelmente, o seu tecido. As infra-estruturas interpretativas visíveis, tais como os quiosques, os trilhos para caminhadas, os painéis de informação, devem ser sensíveis ao carácter, à definição e ao significado cultural e natural do sítio.

O quinto princípio define a sustentabilidade. Segundo este princípio, um plano de interpretação de um sítio de património cultural deve ser sensível ao seu ambiente natural e cultural, tendo a sustentabilidade social, financeira e ambiental entre os seus objectivos centrais. Consequentemente, o desenvolvimento e a implementação de programas de interpretação devem ser partes integrantes do planeamento global, do orçamento e do processo de gestão do património cultural. O efeito potencial das infra-estruturas interpretativas, o número de visitantes, as características físicas, a integridade

e o ambiente natural do sítio devem ser plenamente considerados nos estudos de avaliação dos impactos no património. A interpretação deve contribuir para uma ampla gama de objetivos educacionais e culturais, pois o sucesso de um plano de interpretação não deve ser julgado apenas com base no número de visitantes ou de receita. Além disso, a interpretação deve integrar também o processo de conservação, aumentando a consciencialização do público para os problemas específicos de conservação encontrados no sítio e explicando os esforços que estão a ser feitos para proteger a sua integridade física. Quaisquer elementos técnicos ou tecnológicos, selecionados para fazerem parte permanente da infra-estrutura interpretativa de um sítio, devem ser projectados e construídos de forma a garantir a sua manutenção eficaz e regular. As actividades interpretativas devem ter como objectivo fornecer equitativamente e sustentavelmente benefícios económicos, sociais e culturais para a comunidade de acolhimento através da educação, formação e criação de oportunidades económicas. Para esse efeito, o emprego e a formação de intérpretes do sítio pertencentes à comunidade local devem ser incentivados.

O sexto princípio define a inclusão. A interpretação de sítios de património cultural deve ser o resultado de uma colaboração significativa entre os profissionais do património, as comunidades associadas e os outros interessados. O *know-how* multidisciplinar de académicos, especialistas em restauro, autoridades governamentais, gestores do sítio, operadores de turismo e outros profissionais devem ser integrados na formulação da interpretação e nos programas de apresentação. Os direitos tradicionais, as responsabilidades e os interesses dos proprietários, dos moradores e das comunidades associadas devem ser anotados e respeitados no planeamento da Interpretação e dos programas de apresentação de sítios. Estes programas devem ser abertos aos comentários e ao envolvimento do público. Como a questão da propriedade intelectual e dos direitos culturais tradicionais são especialmente relevantes para o processo de interpretação e a sua expressão em diversos meios de comunicação (exemplos: apresentações no local, multimédia e materiais impressos), a propriedade legal e o direito de uso de imagens, textos e outros materiais interpretativos devem ser discutidos e esclarecidos no processo de planeamento dos planos de interpretação.

Finalmente, o sétimo princípio define a avaliação da investigação e da formação no âmbito do processo de interpretação. Segundo este princípio, a continuidade da

pesquisa, a formação e a avaliação são componentes essenciais da interpretação do património cultural para promover a compreensão e a apreciação da importância de um sítio e devem ser elementos integrantes de cada plano de interpretação do património, pois estes não devem ser considerados concluídos com a realização de uma infraestrutura específica de interpretação. O programa interpretativo e a infra-estrutura devem ser concebidos e construídos de uma forma a garantir a revisão periódica do conteúdo e/ou da sua expansão. A interpretação, os programas de apresentação e o respectivo impacto físico num sítio devem ser continuamente monitorizados e avaliados. As mudanças periódicas devem ser feitas com base na análise científica e académica e nos comentários do público. Os visitantes e os membros das comunidades associadas, bem como os profissionais ligados ao património devem ser envolvidos neste processo de avaliação. Cada plano de interpretação deve ser visto como um recurso educacional e seu *design* deve ter em conta a sua possível utilização em currículos escolares, comunicações e meios de informação, actividades especiais, eventos e envolvimento de voluntários sazonais. A formação de profissionais qualificados nas áreas especializadas de interpretação, tais como a criação de conteúdos, gestão, tecnologia, orientação e educação deve ser um objectivo crucial da interpretação. Além disso, os programas básicos de conservação devem incluir uma componente sobre a interpretação, visando actualizar e informar os funcionários, as comunidades de acolhimento e os associados, dos recentes desenvolvimentos e das inovações no terreno. A cooperação internacional e a partilha de experiências são essenciais para o desenvolvimento e a manutenção dos padrões dos métodos e das tecnologias de interpretação. Para esse efeito, as conferências internacionais, *workshops* e os intercâmbios de profissionais do sector, bem como as reuniões nacionais e regionais devem ser incentivadas, pois irão proporcionar uma oportunidade para o intercâmbio regular de informações sobre a diversidade de abordagens interpretativas e experiências em várias regiões e culturas.

Tilden definiu os princípios para a interpretação do património, em 1957, que foram reconhecidos e melhorados, em 2007, com a aprovação do sétimo esboço da Carta Ename. Foram-lhes acrescentadas, essencialmente, a necessidade de inovação e de adaptação à evolução tecnológica, a autenticidade, a sustentabilidade, a formação, a monitorização e o envolvimento das comunidades de acolhimento.

I.6 – A TEORIA DE UM PLANO DE INTERPRETAÇÃO

I.6.1 – INTRODUÇÃO

“*Plans are dreams of the wise*” (provérbio alemão, *cit. in Knudson et al., 2003:309*).

O ponto de partida para a elaboração de um plano de interpretação é sempre uma reflexão sobre os seus dois principais componentes, os visitantes e os recursos. Primeiramente, deve-se identificar as características dos recursos mais significativos e o perfil dos visitantes; segundo, deve-se definir uma visão de como o recurso deve servir os visitantes; finalmente, deve-se sugerir como relacionar os recursos com as características, necessidades, motivações e desejos dos visitantes, propondo um conjunto de experiências, nomeadamente, temas e estórias. A gestão dos recursos deve procurar saber quem são os seus visitantes e o que procuram, de modo a poder decidir o que deseja que vejam, aprendam e apreciem (*op. cit.:308*).

I.6.2 – VISÃO

A visão para a elaboração de um Plano de Interpretação deve elucidar o modo como o recurso ou a facilidade deve melhor servir os seus visitantes, tendo em conta as suas características. Deve ter como objectivo principal a comunicação de temas, estórias e conceitos específicos, que na opinião do administrador e funcionários do sítio, sejam capazes de transmitir a essência do seu significado, em concreto e provocar o visitante. Além disso, deve ser definido, claramente, o modo como interpretar um recurso histórico, cultural ou outro, incluindo a descrição dos meios para produzir experiências ricas e memoráveis para os visitantes. Devem ser definidas estratégias para ajudar os intérpretes a ligarem os recursos e os visitantes, de forma a descobrirem o significado dos valores históricos, culturais e naturais e o respectivo significado para as suas próprias vidas. Devem ser orientados e educados para o uso sustentável dos recursos (Knudson *et al.*, 2003:309-310).

I.6.3 – OS VISITANTES

Sendo os visitantes, uma das componentes de um plano de interpretação, deve-se, primeiramente, procurar saber quem são e o que procuram. Aliás, no seu primeiro princípio, Tilden (2007:36) afirma que a interpretação que não relacione o que está a ser exibido ou descrito, de alguma forma, com a personalidade ou a experiência do visitante, será estéril, pois o interesse do visitante deve estar sempre em primeiro lugar.

Analisar o perfil dos visitantes implica compreender quem são, o que querem, quanto gastam, quais são as suas características, as necessidades, os desejos e as motivações, de forma a conseguir definir os segmentos de mercado alvo para o plano de interpretação. A segmentação do público é crucial para o sucesso de qualquer plano, pois o desafio é conhecer bem o seu cliente, para melhor o servir. Um plano de interpretação deve ser elaborado de forma que o intérprete consiga fazer com que o significado do recurso seja entendido por cada um dos visitantes (*op. cit.*:312).

Kotler *et al.* afirmam que a segmentação é crucial, pois os mercados são compostos por consumidores, sendo cada um deles, diferente do outro. Por isso, é essencial segmentar o mercado, ou seja, dividi-lo em grupos com motivações, necessidades e desejos semelhantes (1998:240). Para melhor se entender a procura, é importante entender as necessidades, os desejos e as motivações humanas. Para este entendimento contribuiu o estudo que Maslow desenvolveu com o seu modelo da hierarquia das necessidades humanas. Estas vão desde as inferiores (fisiológicas) até às mais elevadas (auto-realização), numa lógica de progressão sustentada, na ideia de que nem todas as necessidades são idênticas, levando a satisfação de uma ao surgimento de uma nova, até ao patamar mais elevado da satisfação de necessidades de auto-realização. No entanto, o conceito de satisfação, em cada um dos níveis apresentados, pode variar de país para país, em função da influência cultural e da personalidade. No entanto, os principais mercados emissores de turistas são os países ocidentais, onde, actualmente, estão resolvidas a maioria das necessidades mais básicas (fisiológicas e de segurança), encaminhando-os para os níveis superiores da hierarquia, onde surgem muitos dos diferentes tipos de consumo turístico, o que torna mais complexa a determinação da motivação dado que a mesma pode combinar várias necessidades dos diferentes níveis (*cit. in* Cunha, 2006:109).

Rodrigues afirma que, actualmente, em Portugal há uma divisão clara dos fluxos turísticos, pois uma parte continua inserida no turismo de massas, vocacionado para os produtos turísticos, tais como o “sol e praia”, mas por outro lado, há um outro tipo de turismo, em crescendo, constituído por visitantes que procuram lugares menos saturados e mais representativos das diferenças culturais e reveladores das identidades de cada região (2005). Estes visitantes enquadram-se na nova tendência de turismo com o regresso às origens e a procura de autenticidade, susceptível de transmitir identidade e equilíbrio, indo ao encontro do conceito do novo turista que procura algo de diferente para satisfazer a sua necessidade de auto-realização (Poon *cit.in* Henriques, 2003:94). Este tipo de turismo, o *Touring*, tem como principal motivação descobrir, conhecer e explorar os atractivos de uma região através de percursos em *tours*, rotas ou circuitos de diferente duração e extensão, em viagens independentes ou organizadas (MEI, 2007).

No âmbito desta dissertação, foi realizado um inquérito aos visitantes a Barcelos, através de um questionário, para descobrir o seu perfil, as suas motivações e o grau de satisfação. Por ser impossível entrevistar toda a população, tornou-se necessário estabelecer uma amostra, cujo processo Altinay e Paraskevas (2008:89) definem assim: *“sampling is the process by which researchers select a representative subset or part of the total population that can be studied for their topic so that they will be able to draw conclusions regarding the entire population”*. No final de cada projecto, também deverá ser utilizada a amostragem probabilística, pois de acordo com estes autores, *“when choosing to use a probability sample, your aim should be to minimize the sampling error of the estimates for the most important variables in your study, and at the same time to minimize the time and cost of conducting the study. In this way, it would be chosen the simple random sampling for the reason that “according to this sampling technique, all members of the population under study have the same chance (probability) of being selected and the right size for a sample depends on the level of sampling error you are prepared to tolerate (i.e. the degree of precision you wish to achieve), the level of confidence you need to have that your collected data are actually representative of the population (op.cit.:91-104)”*. Para conseguir atingir estes objectivos, a informação recolhida será qualitativa e não quantitativa, pois os estudos qualitativos visam explicar e descrever comportamentos, sendo que é através de um questionário que se consegue obtê-la. A razão desta escolha é explicada assim por

Altinay and Paraskevas (2008:120): *“a particularly useful data collection technique when you know exactly what to ask, need to ask a lot of people and can ask standard questions that everyone will be able to understand and respond to”*. Consequentemente, foi elaborado um questionário com 13 perguntas divididas em 3 categorias: as motivações (5), a imagem (1) e o perfil do visitante (7). Com as respostas obtidas, através deste questionário, definiu-se o perfil do visitante ao centro histórico de Barcelos, assim como as suas motivações, de forma a poder fazer-se a segmentação de mercado e a propôr um Plano de Interpretação adaptado a cada um dos seus principais segmentos de mercado. Um exemplar do questionário deste inquérito encontra-se no apêndice C.

I.6.4 – OS RECURSOS

O autor de um plano de interpretação deve elaborá-lo de forma a identificar todos os recursos existentes, fazendo uma lista do seu significado, das suas características e da sua história, separando os recursos culturais dos naturais, para, deste modo, facilitar a vida ao intérprete (Knudson *et al.*, 2003:309-310).

A Lei n.º 107/2001 de 8 de Setembro, publicada no Diário da República - I, Série A - N.º 209-8 de Setembro de 2001:5808-5829, considera no seu texto, que o património cultural corresponde a todos os bens materiais e imateriais, podendo os bens materiais ser bens móveis ou imóveis. A Convenção da UNESCO define como recursos culturais imateriais, as tradições, as expressões orais (incluindo os idiomas), as artes do espectáculo, os usos sociais, os rituais, os actos festivos e as técnicas de artesanato tradicional. Machado afirma que no caso português, integram o património cultural todos os bens que, sendo testemunhos com valor de civilização ou de cultura, portadores de interesse cultural relevante, devam ser objecto de especial protecção e valorização. Por exemplo, a língua portuguesa, enquanto fundamento da soberania nacional, é um elemento essencial do património cultural português. O interesse cultural relevante, designadamente histórico, paleontológico, arqueológico, arquitectónico, linguístico, documental, artístico, etnográfico, científico, social, industrial ou técnico, dos bens que integram o património cultural reflectirá os valores da memória, antiguidade, autenticidade, originalidade, raridade, singularidade ou exemplaridade. Integram o património cultural, não só o conjunto de bens materiais e imateriais de interesse

cultural relevante, mas também, quando for caso disso, os respectivos contextos que, pelo seu valor de testemunho, possuam com aqueles uma relação interpretativa e informativa (2005:83).

A Carta Internacional do Turismo Cultural (ICOMOS, 1999:2) aponta o património cultural e natural, as diversidades e as culturas vivas como sendo as grandes atracções turísticas no futuro. Ashworth afirma que falar de turismo cultural, significa falar de cultura enquanto produto turístico (*cit. in* Henriques, 2003:144). Kotler *et al* definem um “*produto como qualquer coisa que possa ser oferecido a um mercado para aquisição, uso ou consumo de forma a satisfazer um desejo ou necessidade, incluindo objectos físicos, serviços, pessoas, lugares, organização e ideias*”(1998:274). Para a elaboração deste plano de interpretação, foram analisados todos os recursos culturais, históricos e religiosos, artes e práticas tradicionais, festas e feiras, museus, artes performativas e visuais, música, desportos e todos os aspectos gerais do estilo de vida da comunidade receptora, no centro histórico de Barcelos.

I.6.5 – OS TEMAS

O plano de interpretação deverá identificar os temas dominantes que possam contribuir para a concentração de todo o programa interpretativo, juntando todas as características de um sítio (Knudson *et al.*, 2003:309-310). Nesse sentido, os temas deverão ser organizados após o inventário de todos os recursos materiais e imateriais do património existente nos Caminhos de Santiago no centro histórico de Barcelos e deverão ser representativos dos conteúdos que os visitantes devam ver, aprender e apreciar.

I.6.6 – AS TÉCNICAS DE INTERPRETAÇÃO

Como já referido, a interpretação fazia-se tradicionalmente através do contacto pessoal e directo, contudo, o intérprete dispõe, actualmente, de outros modos de contacto, para além do pessoal e directo, nomeadamente, o escrito e o audiovisual (Knudson *et al.*, 2003:120). A tabela 1 apresenta as características das técnicas de interpretação mais utilizadas, incluindo as deste plano de interpretação.

Tabela 1 - Características das Técnicas de Interpretação

Pessoal e directa:	Escrita:	Audiovisual:
Flexível	Fácil, sempre usado	Compara o antes e depois
Tempo limitado	Recordação	Escalas de tempo diferentes
Nem sempre disponível	Lucrativa	Sempre disponível
Qualidade inconstante	Risco de tornar-se lixo	Qualidade constante
Cara	Inflexível	Cara
Mais eficiente	Lisível	Manutenção obrigatória
	Mensagens curtas	Ambiente especial

Fonte: Countryside Commission, 1980, *cit. in* Knudson *et al.*, 2003:12.

Apesar das vantagens das técnicas indirectas de interpretação, acima referidas, Tilden (1957) considera que jamais algum dispositivo será melhor que o contacto pessoal e directo. As técnicas indirectas mais comuns são a escrita e a audiovisual, realizadas através de sinais, publicações e vídeos. A linguagem interpretativa tem três componentes, nomeadamente, o texto, o objecto e o *design* que devem constituir o ponto central de um plano de interpretação, de modo a combinar e a relacionar, eficazmente, os recursos e os visitantes (Knudson *et al.*, 2003:224).

A técnica indirecta, seleccionada no âmbito deste plano de interpretação, foi a escrita, que, para ser eficiente, deve obedecer as certas regras, tais como, as que foram definidas por Knudson *et al.* (2003). Assim, os elementos interpretativos, nomeadamente, os painéis, as placas interpretativas devem ser colocados num local, onde os visitantes passem ou se reúnam, de modo a que o recurso fique bem visível durante todo o ano. Os textos devem ser breves, com umas 25 a 50 palavras. Quanto aos seus materiais, devem ser a madeira, o metal, a porcelana ou a fibra de vidro. As dimensões deverão rondar os 40 a 50 cm e no máximo até 106 cm. O tipo de letra serifada é o mais usual, com 72 pontos para os títulos e temas, 24 a 36 para os sumários, frases-chave ou subtemas e 18 a 20 para os detalhes de texto e legendas. Na montagem, o ângulo de perfil baixo é o mais habitual, pois oferece facilidade de leitura a pessoas com diferentes estaturas e com mobilidade condicionada, devendo ficar em harmonia com a paisagem, à distância. A escrita dos textos requer clareza, simplicidade e interesse, pois as placas interpretativas devem usar uma linguagem entendível pelo

cidadão comum. O artista da palavra deve praticar, jogar e testar o poder que elas têm, misturá-las de diferentes maneiras para obter resultados e efeitos diferentes. Os textos devem ser merecedores da consideração dos visitantes, pois são eles quem lhes fala, quem os encoraja a lerem em voz alta para os outros visitantes, a lerem tudo e a lembrarem-se de tudo aquilo que leram. São úteis e significativos para os visitantes e devem contar uma estória que seja simultaneamente educativa e divertida. As suas palavras devem ser armas que misturam o físico e o emocional, para provocarem emoções tais, que as imagens surjam com os sons das palavras, se acendam e brilhem em consonância com a sua combinação, produzindo sentimentos que ajudem o visitante a criar laços afectivos com o sítio.

I.6.7 – A IMPLEMENTAÇÃO

“No battle plan ever survives contact with the enemy”, provérbio militar antigo (cit. in Knudson *et al.*, 2003:320).

A elaboração de um plano de interpretação pressupõe a definição de princípios-chave para explicar todos os detalhes, sem cair em minúcias. O plano deve ser lido por quem o irá implementar e permanecer como uma referência para aí voltar sempre que seja necessário. Deve ser conciso e claro, de forma a transmitir as ideias e as abordagens, estimulando e dirigindo a imaginação dos intérpretes e supervisores (Knudson *et al.*, 2003:320).

A interpretação tanto poder ocorrer em museus como em centros de interpretação, em edifícios de cidades, em parques nacionais, florestas, pantânos, aldeias ou cidades inteiras e em mansões ou casas modestas. Os museus funcionam como destino e contêm objectos originais trazidos para serem mostrados e estudados em lugar conveniente, sendo, muitas vezes, trazidos de lugares longínquos. Os centros de interpretação, embora apresentem objectos originais ou conceitos trazidos de fora da porta, localizam-se junto dos recursos e devem servir de portal e orientação, funcionando como estímulo para a visita ao museu vivo, que é, de facto, o principal destino dos visitantes. Tanto os museus como os centros de interpretação devem funcionar como instituições de orientação e educação (*op. cit.*:177-178).

I.6.8 – A MONITORIZAÇÃO

“To keep a lamp burning we have to keep putting oil in it” (Mother Teresa *cit. in* Knudson *et al.*, 2003:347).

De acordo com o sétimo princípio da Interpretação da Carta Ename, atrás citada, deve ser dada continuidade à pesquisa, formação e avaliação. Um plano de interpretação não deve ser considerado concluído com a realização de uma infra-estrutura específica de interpretação. A continuidade da pesquisa e da consulta são importantes para promover a compreensão e a apreciação da importância de um sítio e devem ser elementos integrantes de cada plano de interpretação do património. Os visitantes, os intérpretes e os membros das comunidades associadas devem ser envolvidos neste processo de contínua monitorização do processo de interpretação. A *National Association for Interpretation* considera que a *“evaluation of interpretation is a multidimensional process used to determine the qualities of interpretation and it is an integral part of all interpretative operations. The process includes input and feedback and considers the interrelationship among people, organizations, environments, and technologies”* (*cit. in* Knudson *et al.*, 2003:367). A interpretação, os programas de apresentação e o respectivo impacto físico num sítio devem ser continuamente monitorizados e avaliados. As mudanças periódicas devem ser feitas com base na análise científica e académica e nos comentários do público.

Neste capítulo, pretendeu-se apresentar as definições mais consensuais da interpretação e apresentação do significado do património, os seus objectivos, os princípios, a gestão, os vários modos de interpretar e a teoria para a elaboração de um plano de interpretação.

II - OS CAMINHOS DE SANTIAGO

Neste capítulo, pretende-se identificar os acontecimentos históricos relacionados com os Caminhos de Santiago, tais como as estórias, as lendas, as tradições e os monumentos que sejam importantes para valorizar o plano de interpretação da rota jacobea no centro histórico de Barcelos. Para isso, torna-se necessário enquadrar historicamente os Caminhos de Santiago e a sua relação com a cidade de Barcelos.

II.1 – ALGUNS DADOS HISTÓRICOS

Segundo a Bíblia, São Tiago Maior, Apóstolo de Jesus Cristo, terá nascido na Palestina e vindo, mais tarde, evangelizar a Península Ibérica. Ambas estas terras faziam parte do império romano (Medina, 2004:346-347).

A vinda dos romanos para a Península Ibérica prendeu-se directamente com as denominadas “guerras púnicas”, que opunham Roma a Cartágo, na luta pelo contrôlo da rota da prata e do mar Mediterrâneo. A conquista total da Península Ibérica (Hispania) pelos romanos durou cerca de 200 anos e só foi totalmente concretizada no ano 19 a.C. (Medina, 2004:346-347).

O advento do Cristianismo constituiu um dado histórico de relevante importância no período histórico correspondente à decadência do império romano, que ocorreu entre os séculos III e V. O Cristianismo foi difundido, a partir do oriente, por todo o império romano, incluindo, a Península Ibérica. Mas foi, somente, a partir do imperador Constantino, no século IV, que o Cristianismo ganhou uma importância no interior deste império, ao ponto de se tornar a sua religião oficial, durante a governação do imperador Teodósio (*op.cit.*:203-207). O império romano começou a sofrer as invasões dos povos bárbaros (assim apelidados por não falarem Latim), ao longo dos séculos IV e V. No ano 406 d.C., alguns povos bárbaros invadiram a Península Ibérica, nomeadamente, os Suevos, que ocuparam o território correspondente ao território português actual e fizeram de Braga a capital do seu reino. Outros povos entraram, juntamente, com os Suevos, nomeadamente, os Alanos e os Vandálos. E, cinco anos mais tarde, entraram também os Visigodos, outro povo bárbaro. Contudo, estes terão entrado a pedido de Roma, pois tratava-se de um povo já “romanizado” e

“cristianizado”. Roma terá feito entrar este povo com o intuito de evitar o pior, mas as invasões dos bárbaros e as várias crises internas acabaram por causar a sua desagregação. A queda do Imperio Romano do Ocidente ocorreu no ano 476 d.C. e teve, entre as várias consequências, o surgimento de vários reinos na Península Ibérica, que, volvidos alguns anos, voltou a constituir-se como uma unidade territorial e política, quando o rei visigodo Leovigildo, após uma vitória militar, anexou o reino Suevo e entregou ao seu filho Recaredo, no ano 586 d.C., um reino visigodo, correspondendo à totalidade do território da Península Ibérica. Entretanto, este rei também se terá convertido ao Cristianismo e no ano 589 d.C. no III concílio de Toledo, fez do Cristianismo a religião oficial do reino visigodo e consequentemente de toda a Península Ibérica (Medina, 2004:216-231).

A Península Ibérica contituiu-se, novamente no século VI, como uma unidade geográfica, política e religiosa. Tratava-se do reino visigodo e cristão que ocupava todo o seu território. Mas os últimos decénios do século VII e os primeiros do século VIII foram terríveis para este reino cristão, devido ao acentuar dos conflitos internos e à fragmentação do poder. Assim, no ano 710 d.C., o rei visigodo Vitiza, seguindo uma prática habitual, associou o seu filho Aquila ao governo do reino, mas alguns sectores da Nobreza não apreciaram essa decisão e apoiaram uma rebelião conduzida por Rodrigo que derrubou o rei (*op.cit.*:238). Aproveitando-se desta situação de conflito interno e apoiados pelos partidários do rei deposto, o exército islâmico de Tarique invadiu a Península Ibérica após a vitória sobre os cristãos na batalha de Gualete ocorrida entre 17 e 19 de Julho do ano 711 d.C. (Almeida, 2001:270).

Todavia, alguns cristãos, comandados por Pelágio, refugiaram-se nos Picos asturianos, no enclave de Cangas de Onis, perto de Oviedo e de Compostela, onde fundaram um pequeno Estado Cristão, pronto a revoltar-se contra o domínio islâmico e a iniciar a Reconquista Cristã da Península Ibérica (*op. cit.*:273).

II.2 – A LENDA DE SANTIAGO

As tradições escritas dos primeiros séculos e as narrações orais de muitos lugares da Galiza falam das pregações de São Tiago, um dos doze Apóstolos de Jesus Cristo, filho de Zebedeu, que depois de pregar na Judeia e na Samaria, terá vindo para a Hispânia, evangelizando-a desde a Andaluzia até à remota e céltica Galiza. Após o seu

regresso à Palestina, São Tiago foi decapitado em Jerusalém, por ordem de Herodes Agripa no ano 44 d.C., tendo sido o primeiro apóstolo a verter o seu sangue por Jesus Cristo. O seu corpo terá sido recolhido pelos seus discípulos Atanásio e Teodoro, que guiados por um Anjo, navegaram numa barca de pedra até a costa da Galiza, subindo depois o rio Ulla até *Iria Flavia* (actual Padron), o porto romano mais importante daquela região, para enterrar o corpo de São Tiago na floresta vizinha de "*Liberum Donum*". A lenda conta que passaram-se séculos, durante os quais por causa da perseguição ao cristianismo exercida pelos imperadores romanos, o túmulo terá caído em esquecimento (Almeida:2005). Mais tarde, já no século IX, um eremita e pastor, chamado Pelayo, começou a ver, todas as noites, umas misteriosas luzes no monte Librádon sobre um túmulo de um campo chamado *Campus Stellae* (Compostela). Entretanto, São Tiago ter-lhe-á aparecido em sonhos, convidando-o a escavar para que o seu sepulcro voltasse à luz. Pelayo terá informado o Bispo Teodomiro de *Iria Flavia*, que deu ordem para escavar até ser encontrada a arca romana de mármore, dentro da qual, se encontravam os restos de um homem decapitado. Segundo a tradição, terá sido assim a descoberta do túmulo de São Tiago Maior em Compostela, na Galiza. De imediato, o rei cristão das Astúrias e Galiza, Afonso II, o Casto, informou o Papa Leão III e o Imperador Carlos Magno desta descoberta. Depois, mandou construir uma primeira igreja no local do sepulcro, à volta do qual, se desenvolveu um pequeno burgo medieval, para onde se transferiu a sede episcopal de *Iria Flavia*. E assim, surgiram Santiago de Compostela, a terceira cidade santa da cristandade, logo a seguir a Jerusalém e a Roma e as peregrinações, que continuam a levar multidões ao túmulo do Apóstolo São Tiago, na Galiza (Ramirez, 2010:7). A *Inventio* das relíquias jacobéias surgiu num momento capital para a afirmação do reino cristão, que ia gradualmente sacudindo a pressão dos muçulmanos numa Galiza atulhada de adversidades, que conservava ainda muito de uma tradição cultural e económica cimentada em oito séculos de presença romana e visigótica. Assim, a descoberta destas relíquias, para além da sua carga simbólica, revelara-se um instrumento nas mãos de um poder político que, a partir de Oviedo, procurava lançar os alicerces de um reino Cristão, com imperiosa necessidade de extravasar as suas fronteiras para lá das míticas montanhas Asturianas (Almeida, 1999:9).

II.3 – O MITO MOTIVADOR DA RECONQUISTA CRISTÃ

As peregrinações a Santiago de Compostela tiveram um papel preponderante na reconquista cristã. Graças à descoberta de um sarcógrafo romano em Compostela (Galiza), na primeira metade do século IX, à volta do qual se fez uma estória, segundo a qual, seria o de São Tiago, tornou-se no mito mobilizador da guerra santa dos cristãos contra os invasores muçulmanos, até porque o culto a São Tiago já era o principal em toda a Hispânia (Saraiva, 1981:249). No local do aparecimento do corpo de São Tiago, no ano de 832 d.C., foi edificado um primeiro Templo, no ano 899 d.C.. A partir daí, começaram a ocorrer milagres de todo o género, inclusivé, o da vitória do rei cristão Ramiro I contra os muçulmanos, na batalha de Clavijo, onde o próprio São Tiago foi visto, montado num cavalo branco, a combater e a proteger os exércitos cristãos (*op. cit.*:250). Outro milagre importante, atribuído a São Tiago, ocorreu em 1064 d.C., aquando da reconquista definitiva da cidade de Coimbra, sob o reinado de D. Fernando Magno de Leão. Foi um acontecimento de grande significado político para esta mancha ocidental da Península Ibérica, ao ponto da tomada da cidade ter sido atribuída a uma ajuda de São Tiago, que apareceu, em figura de cavaleiro, a oferecer a chave da cidade aos cristãos (Almeida, 2001:57). Tinha sido encontrado o mito motivador para a Reconquista Cristã da Península Iberica: Santiago de Compostela.

II.4 – PELOS CAMINHOS DE SANTIAGO

“Ali vão inumeráveis gentes de todas as nações... Não há língua nem dialecto cujas vozes não ressoem ali. As portas da Basílica nunca se fecham, nem de dia nem de noite... Toda a gente vai alí aclamando E-utr-eia (adiante, ea!), E-sus-eia (vamos, ea)”

(Liber Sancti Jacobi, Codex Calixtinus, *cit. in* Briones, 2010:21).

Falar dos Caminhos de Santiago, é falar de peregrinação, que Murray e Graham definem como *“a religious phenomenon in which an individual, or group sets forth on a journey to a particular cult location to seek the intercession of God and the saints of that place in an array of concerns”* (1997, *cit. in* Richards e Fernandes, 2007:218). Sampaio afirma que a simbologia religiosa da peregrinação é a da passagem do homem pela Terra, cumprindo o seu tempo de provas para aceder ao Paraíso perdido, sendo o

peregrino um caminheiro que faz o seu próprio Caminho com o desejo de chegar a um lugar sagrado, simbolizado no Santuário (2010:251). Ora, é precisamente este desejo fervoroso do encontro com o Santuário em Compostela, que esteve na origem das plurinacionais peregrinações jacobéias, movidas pela lembrança e pelo júbilo da cristianização do Ocidente pelo Apóstolo São Tiago. Os Caminhos de Santiago atravessam e articulam todo o continente europeu, são as bases culturais comuns a todos os povos que habitam o mosaico em que vivemos e têm como referência fundamental a História comum que se formou, peregrinando até Compostela. Por eles, caminharam milhões de peregrinos e no seu contorno imediato construíram-se cidades, mosteiros, catedrais, pontes e fortificações. Através destas rotas, prosperou a economia dos povos e desenvolveu-se uma cultura específica, banhada pela generosidade extraída de valores solidários e de hospitalidade fraterna e com estes princípios construiu-se a Europa. Os Caminhos de Santiago na Europa são como uma teia de aranha, pois cada peregrino, saindo de sua casa, unindo-se aos demais peregrinos na sua paróquia e depois ao grupo, caminhava até uma localidade maior e repetindo assim o processo, os milhões de peregrinos que escolhiam caminhar até Compostela, acabavam por se encontrar nos quatro pontos que marcaram para sempre as outras tantas vias. Esses quatro pontos localizavam-se todos em França: Paris, Vezelay, Le Puy e Arles eram os locais de encontro de todos os peregrinos. Os milhões de peregrinos que ao longo da história peregrinaram, reuniam-se nos quatro pontos atrás referidos em França, todos carregados de simbolismo e de monumentos. Depois, seguindo a inapelável lógica geográfica, os itinerários que dali partiam, iam confluindo pouco a pouco, de tal forma que três destes se juntavam e terminavam em Saint-Jean-Pied-de-Port, uma pequena localidade, junto à qual, se levanta a muralha dos Pirinéus, com Roscevalles lá em cima; o outro partia de Arles e cruzava a cordilheira dos Pirineus à altura de Somport e de Canfranc, mas ainda havia outras alternativas, incluindo as da costa marítima (Ramirez, 2010:17-21).

Os Caminhos de Santiago abundam na Galiza, pelos quatro pontos cardeais, as rotas penetram o território galego, aproximando o peregrino da sua meta, o próprio Santuário. De entre todos os Caminhos de Santiago, destacam-se o Caminho Primitivo, por ter sido o primeiro a ser percorrido pelo rei Afonso II, logo que recebeu a notícia do aparecimento do túmulo do Apóstolo; e o Caminho Francês, por ser o mais frequentado,

o mais popular e já estar descrito no século XII por Aymeric Picaud no *Codíce Calixtino* (*op. cit.*:17-21). Contudo, o Camino Português de Santiago sempre teve e continua a ter um papel relevante no contexto das peregrinações jacobéias.

II.4.1 - O CAMINHO PORTUGUÊS DE SANTIAGO

Os Caminhos portugueses entram na Galiza, pelo Sul. À medida que avançava o processo histórico conhecido como a Reconquista Cristã, os peregrinos iam subindo pela *Via de la Plata*, uma via romana, por onde todos aqueles que se iam libertando do domínio muçulmano se acercavam de Compostela para dar graças a São Tiago. Reza a tradição histórica que cada peregrino atravessava o rio Minho, onde podia, mas que a maioria punha os pés na ribeira de Tuy, de onde se dirigiam para Santiago de Compostela. Este Caminho que liga Tuy a Santiago é conhecido como o *Camino Português de Santiago*. Há cerca de um século, foi construída uma ponte internacional entre Tuy e Portugal, que passou a servir de passagem privilegiada dos peregrinos oriundos de Portugal. Em Tuy, os peregrinos encontram uma cidade amuralhada, segura e presidida pela sua catedral, outrora, também com funções de fortaleza. De Tuy até Santiago, o Caminho de Santiago é um desfilar contínuo de arte, onde os monumentos se sucedem uns atrás dos outros, alguns com grandiosidade, outros simples exemplos do bem fazer de um povo (Ramirez, 2010:17-21).

Passaram e continuam a passar muitos peregrinos em Barcelos. Celestino Rosal, Presidente da Associação dos Amigos do *Camino Português de Santiago*, no seu discurso no Congresso “O Caminho de Santiago para o Século XXI”, realizado em Pontevedra nos dias 22, 23, 24 e 28 de Março de 2007, afirmou que o Caminho de Santiago, eleito no interior de Portugal, seria o que se inicia em Coimbra e passa pelo Porto, Vila do Conde, Rates, Barcelos, Ponte de Lima e Valença do Minho. Marques afirma que a passagem por Barcelos tem um cariz histórico, pois a Rainha Santa Isabel, viúva do rei D. Dinis, actualmente sepultada na cidade de Coimbra, terá pernoitado em Barcelos, no hospital medieval de Abade de Neiva, aquando da sua primeira peregrinação a Santiago, em 1325 (*cit. in* Almada, 2000:80).

No período anterior à estruturação do burgo barcelense e à construção da ponte medieval, a transposição do rio Cávado fazia-se em frente à gafaria da Fonte de Baixo, por onde passavam todos os peregrinos vindos dos lados do Porto (antiga Cale). A

localização desta travessia do rio devia-se à facilidade de sua transposição naquele local, tanto de barco, como a vau, quando o caudal o permitia. Após a travessia, os peregrinos encontravam, nesse local, uma gafaria e uma albergaria, documentadas desde 1177 e com utilização até ao Século XIII. A localização desta gafaria justificava-se por ficar num sítio onde os lázaros (ou leprosos) podiam receber muitas esmolas e também porque se acreditava que a proximidade da água contribuía para a cura da lepra (Almeida, 1999:26).

Na época medieval, era necessário aproveitar o antigo sistema viário romano, nomeadamente, a *Via XIX* que ligava a Galiza a Braga. Contudo, antes das peregrinações jacobitas, no século IX, tal como S. Pedro de Rates e Ponte de Lima, Barcelos já era um ponto de confluência de várias vias, por onde passava a estrada do Porto, uma via romana secundária, que unia Barcelos a Ponte de Lima pela portela da Facha. Foi este caminho o que registou o maior movimento de peregrinos, de entre todos os itinerários jacobitas, durante a Idade Média. Mesmo antes da construção da ponte medieval, entre 1325 e 1328, já passavam, em Barcelos, muitos peregrinos a caminho de Santiago (*op. cit.:*:16).

Segundo a Lenda do Galo de Barcelos, terá ocorrido, neste burgo, um milagre atribuído a São Tiago. No Museu Arqueológico de Barcelos (ruínas do Paço Condal), encontra-se o Cruzeiro do Senhor do Galo, evocativo desta lenda, lavrada em relevo no granito, representando um peregrino pendente, com São Tiago, por baixo, a suster-lhe os pés, com Jesus Cristo crucificado em ambos os lados e um galo para garantir a inocência do peregrino enforcado. Este cruzeiro simboliza a protecção que São Tiago concedia aos seus devotos peregrinos e foi encontrado no local onde funcionara a forca, junto à estrada medieval do Porto, um dos mais percorridos Caminhos de Santiago (Almada, 2000:40).

Barcelos foi um eixo importante de passagem dos peregrinos nos Caminhos de Santiago. Esta importância ficou reforçada pela passagem da Rainha Santa Isabel na sua peregrinação a Santiago, em 1325, a sua estada no hospital de peregrinos de Abade de Neiva e com a construção da ponte medieval no século XIV. Outro factor que contribuiu para o crescimento dos Caminhos de Santiago em Barcelos, foi a construção de várias facilidades de apoio aos peregrinos, nomeadamente, duas albergarias e três hospitais. Além da gafaria, foram fundados dois hospitais, na época medieval,

nomeadamente, o do Espírito Santo e o de Abade de Neiva. O primeiro faz parte do actual edifício dos Paços do Concelho e serviu como posto de assistência aos peregrinos até ao século XIV. Segundo Ferraz existe um testamento, datado de 1356, que atesta a sua existência (*cit. in* Trigueiros *et al.*, 1998:87). Enquanto que o de Abade de Neiva terá sido fundado por Mestre Martinho, médico pessoal do rei D. Dinis e Prior da Colegiada de Abade de Neiva (Almada, 2000:201).

Poder-se-á afirmar que os Caminhos de Santiago moldaram a História de Barcelos, revisitada no seu património monumental e espelhada no seu artesanato e na cultura do seu povo. A crescente dinamização dos Caminhos de Santiago tem colocado Barcelos na rota de inúmeros peregrinos e visitantes, que, anualmente, fazem este percurso, contribuindo para o aumento do turismo cultural e religioso em Barcelos (CMB, 2010).

II.4.2- OS ITINERÁRIOS HISTÓRICOS EM BARCELOS

Os itinerários históricos percorridos pelos peregrinos a Santiago, no interior do actual centro histórico de Barcelos, foram mudando com o decorrer dos acontecimentos históricos, conforme se pode ver no Mapa 1.

Mapa 1 - itinerários históricos dos Caminhos de Santiago em Barcelos



Fonte: www.google.com/earth

II.4.2.1 - O ITINERÁRIO PRIMITIVO

O itinerário primitivo corresponde à linha branca no Mapa 1. No período anterior à estruturação do burgo barcelense e anterior à construção da ponte medieval, a transposição do rio Cávado fazia-se em frente à gafaria da Fonte de Baixo, por onde passavam os viajantes oriundos dos lados do Porto (antiga Cale), de onde seguiam para o Cimo da Vila (ou Largo do Apoio), o centro do burgo barcelense, onde se realizava a feira. Daqui seguiam para Santiago, pela estrada medieval até à Igreja de Abade de Neiva, onde terá funcionado um hospital de peregrinos (Marques, *cit. in* Almada, 2000:80).

II.4.2.2 - O ITINERÁRIO DA PONTE MEDIEVAL

Este itinerário está sinalizado a azul no Mapa 1. A construção da ponte medieval entre 1325 e 1328, alterou a ordenação do trânsito viário entre as duas margens do rio Cávado. Esta ponte facilitou a passagem dos peregrinos e o trânsito que antes se fazia do Fundo da Vila (Fonte de Baixo) até ao Cimo da Vila (Largo do Apoio), passou a fazer-se numa orientação sul norte, quase directa, entre a ponte medieval e o Largo do Apoio (Almeida, 1999:26).

II.4.2.3 - O ITINERÁRIO DO MILAGRE DAS CRUZES

Este itinerário está sinalizado pela linha azul no Mapa 1. O Milagre das Cruzes, cuja origem está relacionada com o aparecimento miraculoso de uma Cruz de terra negra no chão barrento do Campo da Feira em 1504, mudou o itinerário dos peregrinos a caminho de Santiago, que passaram a fazer peregrinação ao novo lugar de culto (Almeida, 1990).

II.4.2.4 - O ITINERÁRIO DOS SÉCULOS XX E XXI

Este itinerário corresponde à linha verde do Mapa 1. Actualmente, os peregrinos não passam pela igreja medieval de Abade do Neiva, como na época medieval. Os motivos para este novo itinerário, dos séculos XX e XXI, poderão ser vários, mas não

foram encontrados na literatura. Poderá ser o facto desta estrada medieval ter sido “cortada” pela via rápida, que se pode ver no Mapa 2, pois a sua travessia coloca em perigo de vida qualquer peão que se aventure a atravessá-la.

Mapa 2 - Estrada medieval



III - CARACTERIZAÇÃO DO CENTRO HISTÓRICO DE BARCELOS

Neste capítulo, pretende-se estruturar a caracterização do centro histórico de Barcelos, com linhas de leitura da evolução dos itinerários históricos dos Caminhos de Santiago, no seu interior.

Foto 1- Centro Histórico de Barcelos



III.1 – LOCALIZAÇÃO

O centro histórico de Barcelos, no âmbito desta dissertação, corresponde, em termos territoriais, à freguesia de Barcelos, uma das oitenta e nove freguesias do seu concelho. Esta freguesia localiza-se no centro do concelho, na margem norte do rio Cávado, confinando com as freguesias de Arcozelo, Vila Frescainha (São Pedro e São Martinho) e Vila Boa. Pertence ao distrito de Braga, insere-se na NUT II (Norte) e na NUT III (Cávado) e pertence à região de Turismo do Porto e Norte de Portugal (PNP). É servida por três importantes eixos rodoviários: a A3 (Porto/Valença) a norte, a A11

(Braga/Esposende) a sul e a A28 (Porto/Viana do Castelo) a poente. Para além disso, possui ligações rodoviárias privilegiadas com as cidades vizinhas, nomeadamente, Braga, Esposende, Famalicão, Viana do Castelo e Póvoa de Varzim. Está ligada por via férrea (Linha do Minho) à cidade do Porto e a Espanha. Fica a 53 km do Aeroporto Internacional Francisco Sá Carneiro e do Terminal de Cruzeiros do porto de Leixões, com acesso directo por auto-estrada (A11 e A28). Finalmente, deve ser realçado o facto deste aeroporto possuir uma HUB³ da *Ryanair*, contribuindo para a proximidade de Barcelos aos principais mercados emissores turísticos europeus (CMB, 2011).

III.2 – DADOS ESTATÍSTICOS

A freguesia de Barcelos, segundo os censos de 2011, tem uma população de cinco mil duzentos e treze (5213) habitantes. A sua área geográfica é de 1,2 km², tem uma densidade populacional é 4344 hab/km². Por sua vez o concelho a que pertence tem uma população de cento e vinte mil quatrocentos e noventa e dois (120.492) habitantes. A sua área geográfica é de 378,9 km², com uma densidade populacional é de 318 hab/km². A percentagem da população que atingiu o ensino superior foi de 5,2 %. Há neste concelho quatro mil novecentas e setenta e quatro (4974) empresas distribuídas assim pelos diversos sectores económicos: primário (5,6 %), indústria transformadora (35%) e turismo (29,6 %) A taxa do desemprego é de 9,6%, assim distribuída: no sector primário 1,2%; no turismo 15,2 % e na indústria 51,5% (INE, 2011).

III.3 – A SITUAÇÃO SÓCIO-ECONÓMICA

III.3.1 – A EVOLUÇÃO SÓCIO-ECONÓMICA

Barcelos foi, desde sempre, um importante centro comercial no norte do país, com uma feira semanal que se realiza todas as quintas-feiras desde o século XIII. Até meados do século XX, em termos económicos, foi um concelho, predominantemente,

³ Hub - designação dada a aeroportos que são os principais centros de operações de vôos comerciais.

agrícola e artesanal, o que se reflectia na importância da sua mundialmente conhecida feira semanal. O processo de industrialização, ocorrido na primeira parte do século XX, contribuiu para o exódo rural das populações, devido à substituição dos trabalhadores agrícolas (lavradores, jornaleiros e caseiros) pelas máquinas agrícolas. O fenómeno da globalização, em finais do século XX, contribuiu para a crise da indústria têxtil que lançou no desemprego muita da mão-de-obra pouco qualificada que recebera do sector primário (CMB, 2011).

III.3.2 – O TURISMO EM BARCELOS

O sector turístico apresenta-se como uma das soluções apontadas pelos vários governos para ultrapassar a crise, que passaria pelo desenvolvimento regional através da implementação de um turismo sustentável, fazendo um bom aproveitamento de todos os recursos endógenos. O Governo Português elaborou um Plano Estratégico Nacional do Turismo (PENT) (RCM 53/2007)⁴ para o período de tempo entre 2007 e 2015. Este plano aponta o *Touring* cultural e religioso como o produto estratégico para a região de Turismo do Porto e Norte de Portugal (ERTPNP⁵), à qual Barcelos pertence. Este produto turístico representa cerca de quarenta e quatro milhões de viagens internacionais por ano na Europa, volume que representa, aproximadamente, 18% do total das viagens de lazer realizadas pelos cidadãos europeus, crescendo a um ritmo de 5 a 7% ao ano, sendo um exemplo deste crescimento os peregrinos nos Caminhos de Santiago que passam em Barcelos (CMB, 2010).

A Organização Mundial de Turismo (OMT) orienta o turismo a nível mundial e define-o como sendo “*as actividades realizadas pelas pessoas durante as suas viagens e estadias, em locais diferentes da sua residência habitual, por um período de tempo consecutivo e inferior a um ano, com objectivos de lazer, negócios e outros*” (cit.in Cunha, 2006:20). O sistema funcional do turismo assenta na procura e na oferta. Esta define-se como o conjunto de factores naturais, equipamentos, bens e serviços que provoquem a deslocação e satisfaçam as necessidades de deslocação e de permanência dos visitantes, que, por sua vez, constituem a procura (Cunha, 2006:191).

⁴ Resolução do Conselho de Ministros

⁵ Gerida pela Entidade Regional de Turismo do Porto e Norte de Portugal sediada em Viana do Castelo

Barcelos, em termos de oferta primária (recursos naturais e culturais), dispõe de vários recursos turísticos, naturais, culturais, artísticos e históricos. Destacam-se o rio Cávado, os Caminhos de Santiago, o Museu da Olaria e os seus vários Monumentos, nomeadamente, a Igreja Matriz, o Paço Condal (actual Museu Arqueológico), o Cruzeiro da Lenda do Galo, o Pelourinho, a Ponte Medieval, a Torre da Porta Nova, a Igreja do Terço e o Templo do Senhor da Cruz. Barcelos, em termos de oferta secundária (infra-estruturas, acessibilidades, alojamento, restauração e entretenimento), dispõe de várias facilidades. Barcelos dispõe de equipamentos hoteleiros (facilidades para acomodar, manter e ocupar os tempos livres dos turistas), aproximadamente 390 camas distribuídas entre a hotelaria tradicional e o turismo no espaço rural, com cinco unidades hoteleiras no Centro Histórico. Quanto à restauração, dispõe de uma oferta variada e de qualidade. Baseando-se na Lenda do Senhor do Galo, símbolo de Barcelos e de Santiago, a Câmara Municipal de Barcelos promove a marca “Galo Assado”, fazendo do galo um símbolo da gastronomia local. Relativamente ao acolhimento e à cultura, poderá ser considerada uma cidade acolhedora, onde prevalece o espírito, as atitudes e os comportamentos acolhedores em relação aos visitantes, assim como as manifestações culturais, tais como, festas, música, danças tradicionais e desporto. Destacam-se dois eventos com impacto económico, nomeadamente, a feira semanal e a Festa das Cruzes. Esta será a primeira grande romaria do Minho e realiza-se no início do mês de Maio atraindo muitos visitantes a esta cidade. Também se realizam alguns eventos gastronómicos, nomeadamente, o fim-de-semana do bacalhau, a semana gastronómica do galo e o concurso do galo assado, que têm reforçado e aumentado o prestígio da imagem turística de Barcelos (CMB⁶, 2010).

Quanto à procura, segundo um estudo realizado pelo PTCAB⁷, sobre os movimentos turísticos ocorridos durante a última década e mais detalhadamente no ano de 2009, verifica-se que 40% dos visitantes são nacionais e 60% são estrangeiros. De entre os estrangeiros, destacam-se a França (19%) e a Espanha (14%). Assinala-se o facto dos visitantes pertencerem, essencialmente, ao espaço da União Europeia. Quanto aos peregrinos a Santiago, foram registados, no posto de turismo, 1.184 visitantes em

⁶ Câmara Municipal de Barcelos

⁷ Posto de Turismo e Centro de Artesanato de Barcelos

2009, dos quais, 946 eram estrangeiros. De notar que estes valores são apenas uma pequena amostra (cerca de 25%) do fluxo total de peregrinos que passam, anualmente, por Barcelos (CMB, 2010).

A tabela 2 apresenta o perfil do visitante tipo da região de turismo do Porto e Norte de Portugal, à qual Barcelos pertence. Este perfil de visitante foi obtido a partir de um estudo sobre os turistas que visitam esta região e a deixam via Aeroporto Francisco Sá Carneiro. Os dados foram recolhidos entre Março de 2008 e Outubro de 2009 (meses de recolha: Março, Abril, Maio, Julho, Agosto e Setembro de 2008, e Junho, Agosto, Setembro e Outubro de 2009), utilizando um inquérito por entrevista pessoal, aplicado na sala de embarque do Aeroporto. Os inquiridos foram seleccionados por conveniência enquanto esperavam pelo voo. Os sujeitos foram pré-qualificados antes de responder ao questionário, eliminando-se os residentes e passageiros em trânsito. Os turistas foram subdivididos em dois grupos, os que vinham em lazer e os que vinham em negócios ou trabalho. Obtiveram-se 917 questionários de visitantes em lazer, concluindo-se que as visitas a monumentos ocupam o primeiro lugar nesta tabela.

Tabela 2 - Perfil do visitante da região de turismo PNP

Actividades praticadas no PNP			
Actividades	Nº de Respostas	% casos	% Nº Respostas
Visitar monumentos	562	61,3	13,2
Experimentar a gastronomia	534	58,2	12,5
Fazer compras	478	52,1	11,2
Visita às caves do Vinho do Porto	395	43,1	9,3
Ir para a praia	364	39,7	8,5
Visitar museus	343	37,4	8,1
Compra de artesanato	320	34,9	7,5
Passeios de carro	319	34,8	7,5
Gozar a animação nocturna	226	24,6	5,3
Cruzeiros de barco no Douro	186	20,3	4,4
Assistir a eventos culturais	157	17,1	3,7
Circuitos organizados de autocarro	123	13,4	2,9

Paisagem	113	12,3	2,7
Assistir a eventos desportivos	67	7,3	1,6
Visitar Vale do Douro	51	5,6	1,2
Jogar Golfe	20	2,2	0,5

FONTE: ERTPNP⁸, 2009

A Câmara Municipal de Barcelos tornou públicos os dados referentes à procura durante o ano de 2011, segundo os quais, a frequência turística na cidade de Barcelos cresceu 11%, em 2011, em relação ao ano anterior. O posto de turismo local registou mais de 46 mil visitantes à procura de informação sobre a cidade e a região. Assim segundo estes dados, cerca de 30 mil pessoas vieram do estrangeiro, sendo 25 mil de países europeus. Os restantes são nacionais e oriundos, maioritariamente, do Porto e Norte de Portugal, Beiras, Grande Lisboa e Vale do Tejo. Foi registado no posto de turismo um aumento de 22%. Em termos de mercados europeus, registou-se um aumento global de 3% relativamente a 2010, indo o destaque para as subidas do mercado francês com um aumento de 17%, do mercado inglês com 15% e do italiano com 19%. Em contrapartida, o mercado espanhol registou uma queda global de 10%, principalmente, de turistas oriundos da Galiza. Mas outras regiões espanholas subiram, nomeadamente: Astúrias (26%) e Madrid (13%). Esta queda do número de turistas, provenientes da Galiza, não estará alheia à introdução de portagens nas SCUT e à crise económica. Relativamente aos mercados fora da Europa, destaca-se o aumento em 20% do mercado brasileiro, que atingiu quase 3000 visitantes em 2011. De referir ainda a manutenção de um número elevado de peregrinos que procuram o posto de turismo para apoio e informação, sendo certo que se trata apenas de uma parte do total dos peregrinos que atravessam Barcelos, a caminho de Santiago de Compostela. A Câmara Municipal de Barcelos atribui estes dados positivos, obtidos em 2011, ao artesanato, à feira semanal, ao turismo religioso, aos grandes eventos como a Festa das Cruzes, a uma dinâmica promocional em feiras estratégicas, ao conceito “Barcelos, Museu vivo do Caminho de Santiago”, conjugando o Caminho de Santiago e a Lenda do Galo, sendo esta associada ao artesanato e à gastronomia. Estes aspectos ligados à identidade e à

⁸ Entidade Regional de Turismo do Porto e Norte de Portugal

diferenciação cultural de Barcelos, no contexto da região e do país, constituem um potencial turístico que o actual executivo camarário tem procurado explorar⁹.

III.3.3 – A GÉNESE DO BURGO BARCELENSE

Barcelos deverá a sua origem à sua localização geográfica (Almeida, 1999:6). O local, onde se situa esta cidade, não terá sido escolhido para qualquer outro povoamento, antes da fundação da nação portuguesa, no século XII. A geologia e a topografia mostram que era um terraço fluvial com uma altitude de 20 a 30 metros, ligeiramente elevado sobre os outros terrenos confinantes da margem norte do rio Cávado, devido à saliência da mancha granítica que aqui se adensa (Almeida, 1990:9).

Barcelos começou a crescer a partir do século XII, quando o rei D. Afonso Henriques, fundador da nação portuguesa, lhe concedeu a carta-foral de vila régia, que foi confirmada, mais tarde, pelo seu neto, o rei D. Afonso II (*op. cit.*:12).

Na Idade Média, Barcelos tornou-se num ponto de passagem crucial, pois para se rumar a Santiago de Compostela, pelos Caminhos das terras do Entre-Douro-e-Minho, era necessário aproveitar o antigo sistema viário romano, sobretudo a velha estrada romana a via XIX, que ligava a Galiza a Braga¹⁰ por Ponte de Lima e Tuy, mas também a via romana (secundária) que unia Barcelos a Ponte de Lima pela portela da Facha. Aliás, antes da *Inventio* das relíquias jacobitas no século IX, já Barcelos (tal como S. Pedro de Rates e Ponte de Lima) era um ponto de confluência de várias vias, uma espécie de placa giratória, onde afluíam diversos interesses regionais. Aliás, como já referido, teria sido esta preciosa situação geográfica que contribuiu para a génese do burgo barcelense (Almeida, 1999:6).

Contudo, antes da construção da ponte medieval, já passavam em Barcelos muitos peregrinos a caminho de Santiago de Compostela. E embora o interesse de Barcelos não extravasasse o de Braga, o facto de ser atravessado por vias de grande interesse económico e estratégico fez de Barcelos um local de passagem apetecível, pois passava, aqui, a estrada medieval do Porto, que também passava por S. Pedro de

⁹ Cf. in : <http://www.cm-barcelos.pt/noticias/destaques/barcelos-teve-mais-turistas-em-2011>, acedido em 11 de Fevereiro de 2012.

¹⁰ Bracara Augusta, capital da Galiza durante o Imperio Romano, e depois capital do Reino Suevo

Rates, fazendo-se a travessia do rio Cávado na Fonte de Baixo (vau do rio), onde funcionavam uma gafaria e uma albergaria (*op. cit.*:16).

Barcelos tornou-se a primeira vila condal em Portugal, quando o rei D. Dinis, em 1298, doou esta povoação a João Afonso e o nomeou seu 1º Conde. Ainda durante o reinado de D. Dinis, o seu filho bastardo, D. Pedro Afonso, tornou-se o seu 3º Conde. Patrocinou importantes construções nesta vila condal, nomeadamente, a ponte medieval, a Igreja Matriz e a capela da Senhora da Ponte. A construção da ponte gótica foi um factor determinante para o seu desenvolvimento. Ainda na Idade Medieval, um filho de outro rei contribuiu para o desenvolvimento da vila: D. Afonso, 8º Conde Barcelos, filho bastardo de D. João I. Patrocinou obras importantes, nomeadamente, o Paço Condal e as muralhas da vila (com três torres) e fundou o primeiro Museu em Portugal e a Casa de Bragança. A fundação desta resultou do seu casamento com a única filha de D. Nuno Álvares Pereira, o 7º Conde de Barcelos. Os seus descendentes reinaram em Portugal durante a quarta dinastia (Almeida, 1990:12).

A vila de Barcelos manteve o seu crescimento económico, durante a época moderna. Era rei de Portugal D. Manuel I, quando ocorreu o Milagre das Cruzes de 1504, que consistiu no aparecimento miraculoso de uma cruz de terra negra no chão barrento do campo da feira. Nessa época, o rei D. Manuel I fundou a Santa Casa da Misericórdia de Barcelos, no ano de 1500, que assumiu a administração do hospital do Espírito Santo e da gafaria da Fonte de Baixo (*op. cit.*:20).

Ainda durante a Idade Moderna, esta vila beneficiou da restauração da independência nacional, em 1640, pois ascendeu ao trono português o Conde de Barcelos, tornando-se, novamente, uma vila régia. Este facto histórico contribuiu para um novo período de desenvolvimento, que se prolongou pelo século seguinte. A feira ganhou importância, e à sua volta, surgiram construções com qualidade arquitectónica. Contrariamente, o século XIX foi um período de crise em Barcelos, devido, sobretudo, às reformas liberais de 1836 e às invasões francesas do início desse século. Mas nos finais do século XIX, a abertura da linha férrea do Minho, em 1877, proporcionou uma nova oportunidade de desenvolvimento, que foi aproveitada para a implantação das suas primeiras indústrias têxteis (*op. cit.*:29).

Actualmente, a crescente dinamização dos Caminhos de Santiago tem colocado Barcelos na rota de inúmeros peregrinos e visitantes, que o percorrem, anualmente, contribuindo para o aumento do turismo cultural e religioso em Barcelos (CMB, 2010).

IV – PLANO DE INTERPRETAÇÃO

Neste capítulo, pretende-se apresentar um plano de interpretação dos Caminhos de Santiago no centro histórico de Barcelos, que contribua para concretizar os objectivos específicos desta dissertação, sobretudo, enriquecer as experiências de lazer e a percepção da vida quotidiana e das tradições desta cidade.

IV.1 – ENQUADRAMENTO

Um plano de interpretação deve ser capaz de provocar o visitante. A sua elaboração deve elucidar o modo como os recursos devem servir os seus visitantes, tendo em conta as suas características. O seu principal objectivo deve ser a comunicação de temas, estórias e conceitos específicos, que sejam capazes de transmitir a essência do seu significado, em concreto. Nele, devem ficar, claramente, definidos o modo como interpretar um recurso histórico, cultural ou outro, os meios a utilizar na produção de experiências ricas, únicas e memoráveis para os seus visitantes e as estratégias para os guias-intérpretes fazerem, eficazmente, a ligação entre a oferta e a procura. Os visitantes devem ser orientados e educados para o uso sustentável dos recursos, a compreensão do significado dos seus valores históricos, culturais e naturais para a suas próprias vidas.

Para a elaboração deste plano de interpretação, partiu-se do pressuposto de Barcelos ser a única cidade, onde terá ocorrido um milagre do galo, nos Caminhos de Santiago em território português. Esta lenda e o seu galo tornaram-se a imagem e a marca da cidade e factores de desenvolvimento e divulgação do turismo barcelense através do mundo. Além disso, acredita-se que os Caminhos de Santiago terão estado estreitamente ligados à génese do burgo barcelense.

O ponto de partida para a elaboração de um plano de interpretação deve ser sempre uma reflexão sobre os seus dois principais componentes, isto é, os visitantes e os recursos. Tendo em conta este principio basilar, foram identificados os recursos mais emblemáticos da rota jacobea neste Centro Histórico, de forma a relacioná-los com as características, motivações, necessidades e desejos dos seus visitantes. Nesse sentido, foi definida uma estratégia para a usufruição eficaz desses recursos que passou pela elaboração de três itinerários temáticos, em que se incluíram as suas lendas e estórias,

nomeadamente, a Lenda do Galo de Barcelos. Relativamente aos visitantes, foi realizado um inquérito para descobrir o seu perfil e as motivações que os trazem a Barcelos.

IV.2 – VISITANTES

IV.2.1 – MOTIVAÇÕES E PERFIL DO VISITANTE

Neste capítulo, pretende-se fazer a caracterização do visitante a Barcelos, nomeadamente, o seu perfil, as suas motivações e a imagem, por ele, percebida da cidade. Nesse sentido, foram realizados inquéritos a 211 visitantes, que foram escolhidos, aleatoriamente, no centro histórico de Barcelos, num período tempo que decorreu entre o dia 8 de Março e o dia 7 de Abril de 2012 (Sábado de Páscoa).

Estes inquéritos revelaram os seguintes resultados: a maioria dos visitantes revelou ter como principal objectivo o lazer (41%) e apontou como a primeira das suas motivações o facto de Barcelos ter história e cultura (33,1%), seguindo-se o interesse pelo Caminho de Santiago (24,8%) e, em terceiro lugar, a curiosidade pelo galo de Barcelos (11,2%). Tendo em conta que o Caminho de Santiago e a Lenda do Galo de Barcelos fazem parte da cultura local, poder-se-á concluir que as motivações culturais representam 67,1% das visitas a Barcelos.

Estes inquéritos revelaram o seguinte perfil do visitante: adulto activo (35-65 anos), com ambos os géneros em igual percentagem, casado (51%), empregado (59,2%), com funções de directores ou gestão (24,6%), oriundos maioritariamente de 4 principais mercados emissores estrangeiros (65%), nomeadamente, Espanha (38%), Alemanha (21,9%), França (10,9 %) e Brasil (5,8%). Além disso, estes turistas têm um nível académico elevado, pois 65,9% possuem diplomas universitários.

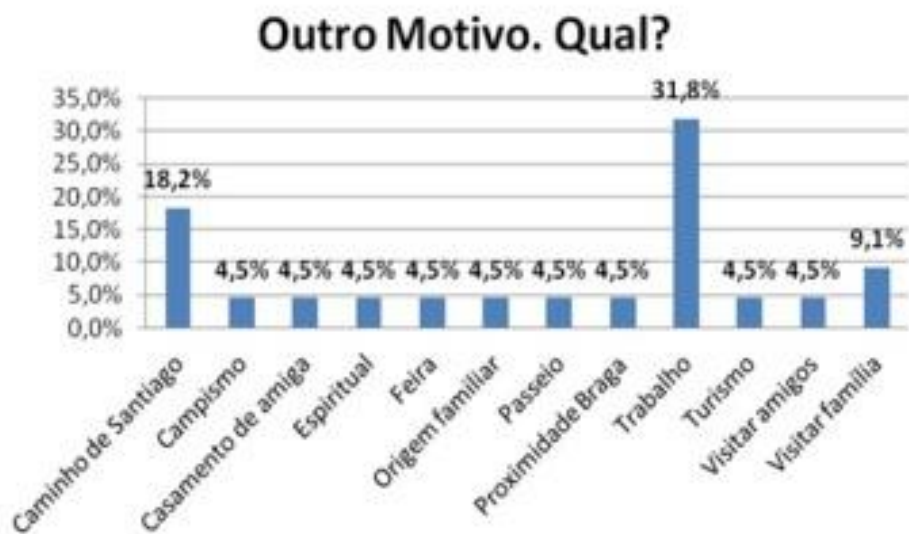
Finalmente, os visitantes inquiridos revelaram que a imagem de Barcelos, por eles percebida, aponta para uma cidade histórica (33,2%), bonita (16,1%) e acolhedora (14,2%), adjectivos com conotação positiva.

Gráfico 1 - Objectivo da visita a Barcelos



O Gráfico 1 mostra que o lazer (41%) é o objectivo número um para as visitas a Barcelos, seguido dos fins culturais (17%), da curiosidade (16%) e, finalmente, dos motivos religiosos (10%).

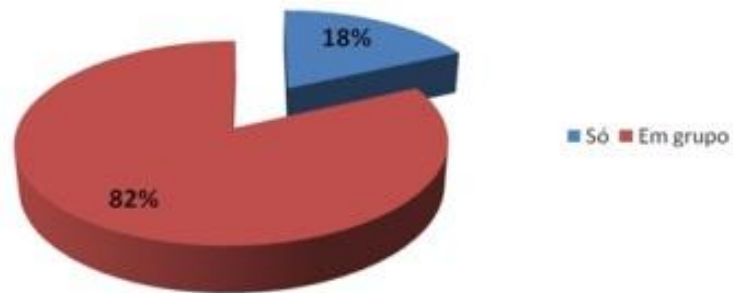
Gráfico 2 – Outro motivo para a visita



O Gráfico 2 mostra que o trabalho (31,8%) e o Caminho de Santiago (18,2%) destacam-se entre os “outros objectivos” para as visitas a Barcelos.

Gráfico 3 - Visita só ou em grupo?

A2 - Está a fazer a visita:



O Gráfico 3 mostra que os visitantes fizeram a visita em grupo (82%).

Gráfico 4 - Que tipo de grupo?



O Gráfico 4 revela que a família é o tipo de grupo mais comum (33,6%), seguido pelos grupos de casais e amigos (29,3%).

Gráfico 5 – Grupo – número de pessoas



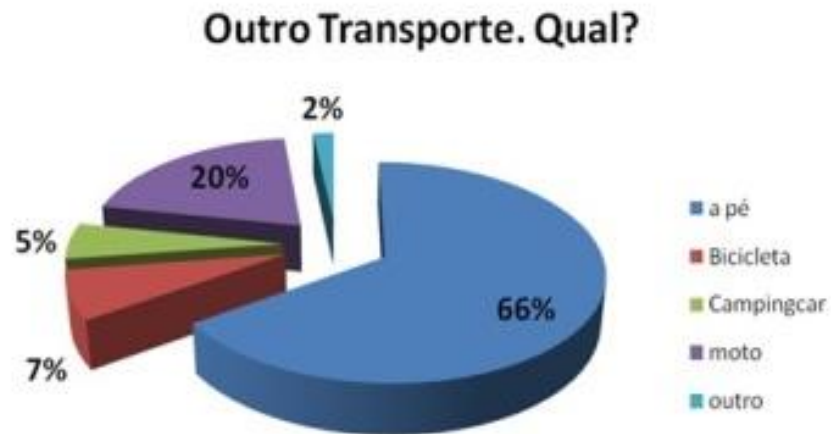
O Gráfico 5 mostra que os visitantes são compostos, maioritariamente, por grupos de 2 pessoas (47,9%).

Gráfico 6 - Meio de Transporte



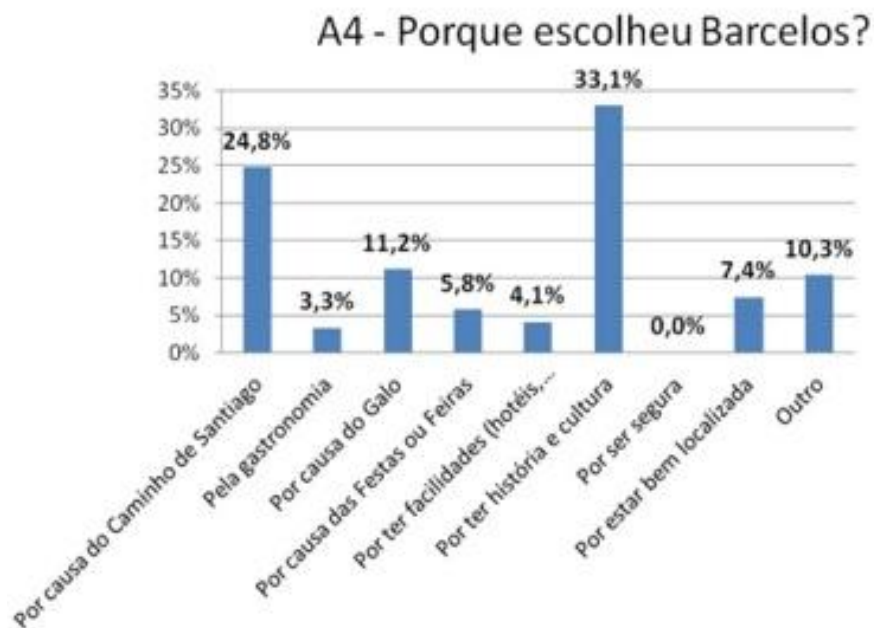
O Gráfico 6 revela que 56% dos visitantes chegam de carro, a Barcelos, seguidos pelos “outros meios” (23%).

Gráfico 7 - Outro Meio de Transporte



O Gráfico 7 revela que de entre os “outros meios de transporte”, se destacam os visitantes (peregrinos) que chegam a pé (65%).

Gráfico 8 - Motivações para escolher Barcelos



O Gráfico 8 revela a primeira das motivações para visitar esta cidade é o facto de Barcelos ter história e cultura (33,1%), seguida do Caminho de Santiago (24,8%) e do Galo de Barcelos (11,2%).

Tendo em conta que o Caminho de Santiago e a Lenda do Galo de Barcelos fazem parte da cultura local, pode-se afirmar que as motivações culturais representam 67,1% das motivações das visitas a Barcelos.

Gráfico 9 – Outras Motivações

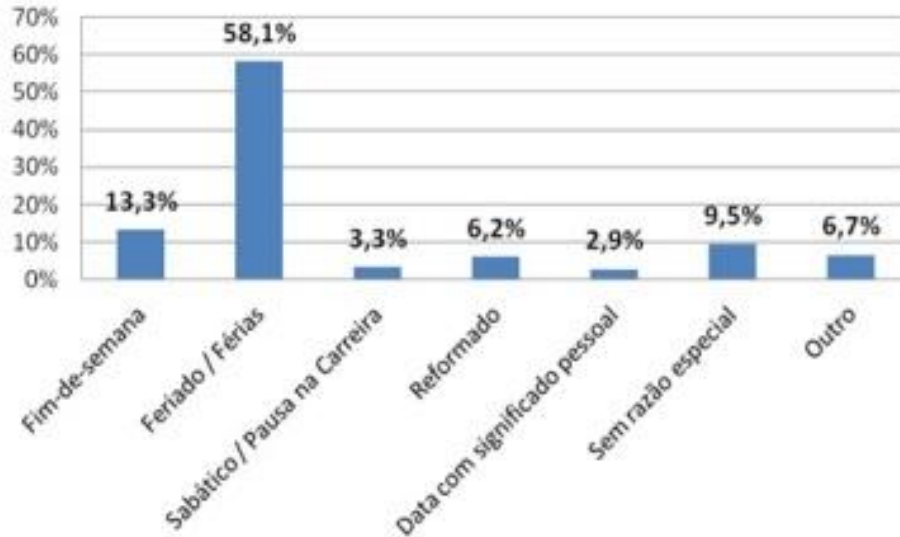


O Gráfico 9 revela que os “outros motivos” para visitar Barcelos, são, sobretudo, as visitas a familiares e amigos (18,1%), o trabalho (13,6%) e a “missa motard”¹¹ (13,6%).

¹¹ Evento organizado pela Câmara Municipal e Club Motogalos no dia 1 de Abril de 2012, que consistiu numa missa campal no Campo da Feira, que atraiu cerca de 30 mil motards de todo o país e alguns de nacionalidade estrangeira.

Gráfico 10 - Razão para a visita nesta data

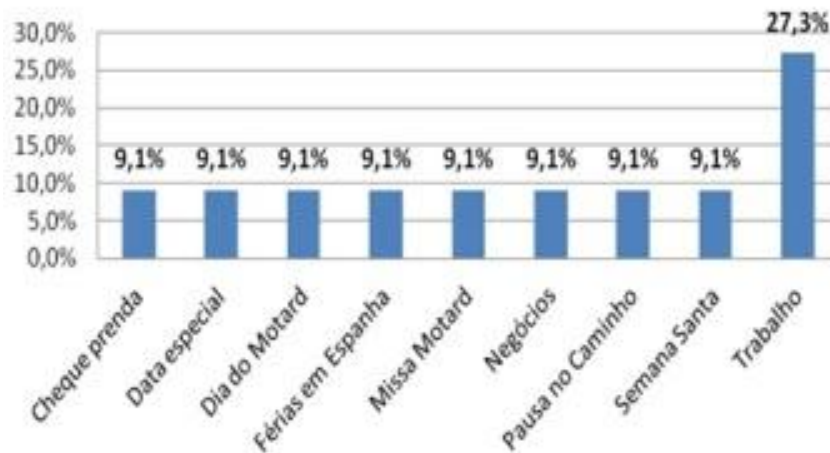
A5 - Qual a razão de o fazer nesta data?



O Gráfico 10 mostra que a principal razão, para fazer a visita nesta data, foram as férias e o feriado da Páscoa (58,1%). Assinala-se o facto destes inquéritos terem sido realizados durante um período temporal que incluiu as férias da Páscoa de 2012.

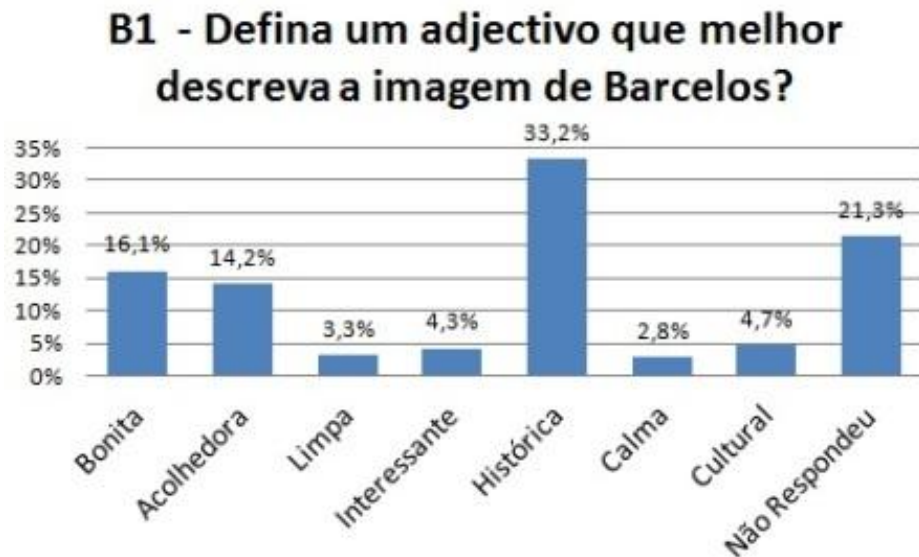
Gráfico 11- Outras razões para a escolha desta data

Qual a razão de o fazer nesta data? Outros Motivos



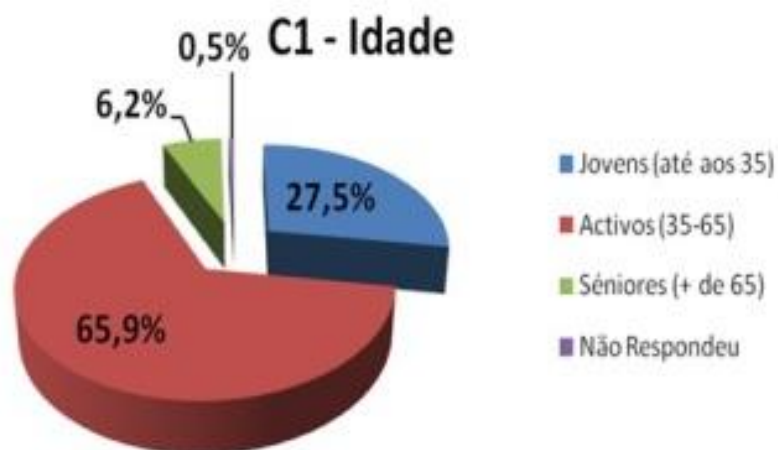
O Gráfico 11 revela que o trabalho (27,3%) foi o “outro motivo”, que mais contribuiu para as visitas a Barcelos, nesta data.

Gráfico 12 - Adjectivo para descrever a imagem de Barcelos



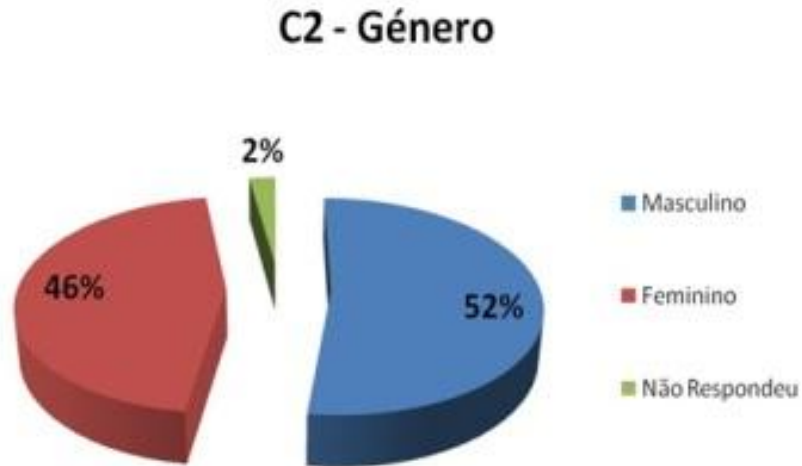
O Gráfico 12 revela que a imagem de Barcelos, percebida pelos seus visitantes, é a de uma cidade histórica (33,2%), bonita (16,1%) e acolhedora (14,2%). Assinale-se o facto de todos estes adjectivos serem conotados com uma percepção positiva.

Gráfico 13 - Idade dos visitantes



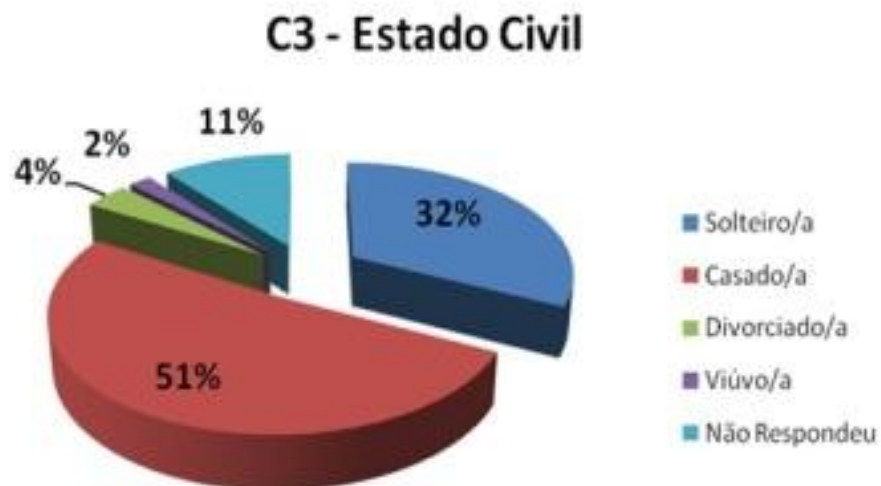
O Gráfico 13 revela que os inquiridos são adultos activos entre os 35 e 65 anos (65,9%), seguidos do grupo de jovens com menos de 35 anos (27,5%).

Gráfico 14 – Género dos visitantes



O Gráfico 14 revela a existência de um equilíbrio relativamente ao género dos visitantes, com 52% de homens e 46% de mulheres.

Gráfico 15 - Estado civil dos visitantes



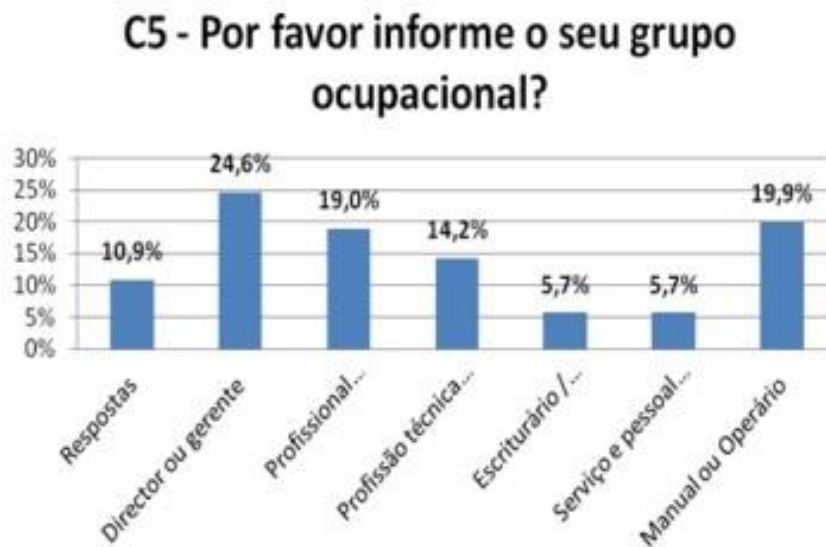
O Gráfico 15 mostra que os inquiridos são maioritariamente casados (51%).

Gráfico 16 - Situação profissional dos visitantes



O Gráfico 16 mostra que os inquiridos são maioritariamente empregados (59,2%), seguindo-se os reformados (15,6%) e os trabalhadores por conta própria (14,2%).

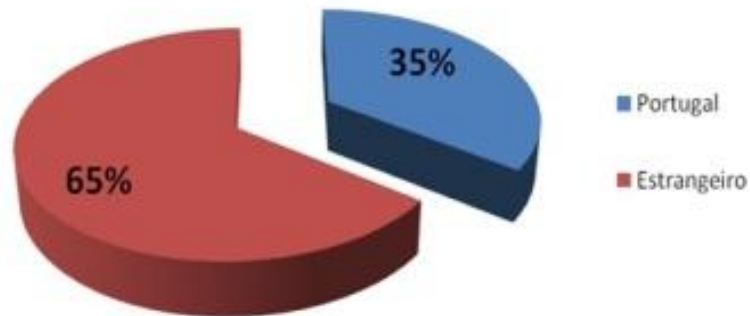
Gráfico 17 - Estatuto profissional dos visitantes



O Gráfico 17 revela que 24,6% dos inquiridos têm um estatuto profissional de chefia (directores ou gerentes).

Gráfico 18 - Origem dos visitantes

C6 - É de Portugal ou do Estrangeiro?



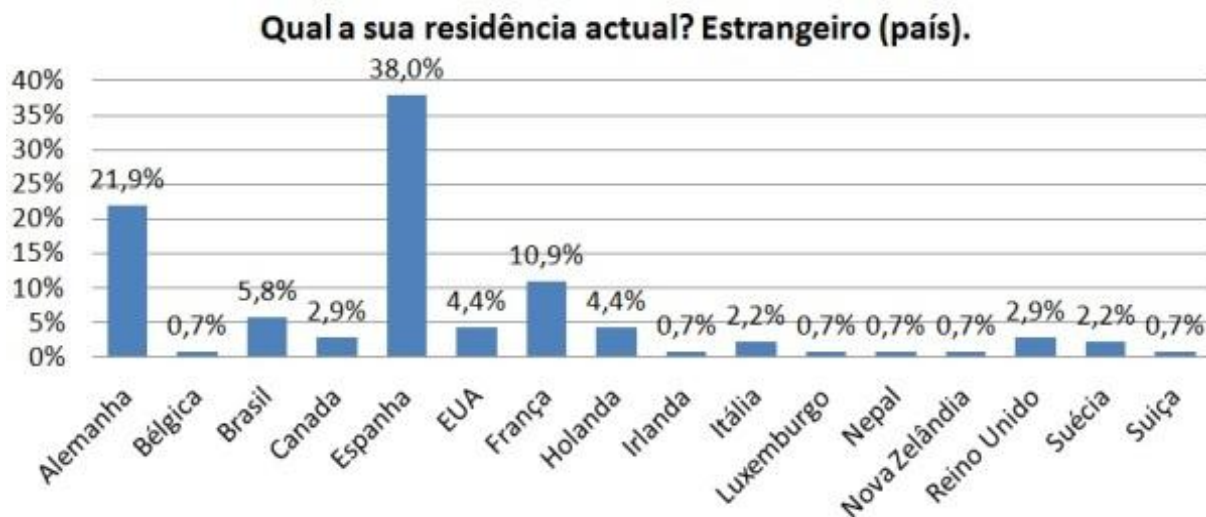
O Gráfico 18 mostra que 65% dos inquiridos são oriundos de mercados emissores estrangeiros.

Gráfico 19 - Cidade de origem dos visitantes nacionais



O Gráfico 19 mostra que os inquiridos nacionais vieram de várias cidades, destacando-se Lisboa (12%) e Porto (10%).

Gráfico 20 - Origem dos visitantes estrangeiros



O Gráfico 20 revela que os visitantes estrangeiros são oriundos de vários mercados emissores, nomeadamente, a Espanha (38%), a Alemanha (21,9%), a França (10,9 %) e o Brasil (5,8%).

Gráfico 21 - Nível académico dos visitantes



O Gráfico 21 mostra que os visitantes são, maioritariamente, licenciados (41,7%), realçando-se o facto de 65,9% terem diplomas universitários.

IV.2.2 – SEGMENTAÇÃO DE MERCADO

Os dados obtidos através destes inquéritos permitem definir para este Plano de Interpretação os seguintes segmentos: o turista cultural e religioso, adulto activo e reformado, com elevado nível académico, que visita Barcelos de carro ou no âmbito de visitas de *Touring* organizadas por operadores turísticos, maioritariamente oriundos dos principais mercados emissores (Espanha, Alemanha, França, Reino Unido), entre outros; e os peregrinos do Caminho de Santiago, que visitam Barcelos no âmbito das suas peregrinações a Santiago, também, maioritariamente, oriundos dos principais mercados emissores, predominando a Alemanha.

Apontam-se como segmentos-alvo, o turista cultural e religioso e o nicho dos peregrinos dos Caminhos de Santiago. O posicionamento será identificado através do desenvolvimento de uma imagem turística associada às marcas da cidade, ligadas à sua tradição jacobea, nomeadamente, o Galo de Barcelos.

IV.3 – RECURSOS

No apêndice A, elencam-se os principais recursos de património material e imaterial, com interesse para este plano de interpretação.

Património Material: o critério, para a escolha destes recursos, deveu-se ao facto de estarem ligados aos Caminhos de Santiago e poderem valorizar este centro histórico, contribuindo para o desenvolvimento do turismo cultural e religioso e promovendo uma imagem turística da cidade ligada à tradição jacobea. O património classificado neste centro histórico, encontra-se todo ao longo da rota jacobea, nomeadamente, a Ponte Medieval, a Igreja Matriz, o Paço Condal (Museu Arqueológico), o Pelourinho, o Solar dos Pinheiros, os Paços do Concelho, a Torre da Porta Nova, o Chafariz do Largo da Porta Nova (proveniente do Mosteiro de Vilar de Frades), o Campo da Feira, o Templo do Senhor da Cruz, a Igreja do Terço, a Casa do Jardim e o Solar do Benfeito. Além destes, conta com o Largo do Apoio (Podium), como património inventariado e não classificado e com o Cruzeiro da Lenda do Galo, exposto no Museu Arqueológico.

Património Imaterial: o conceito de património cultural imaterial (ou intangível) abrange todas as expressões culturais e tradições, que um grupo de indivíduos preserva para as gerações futuras, por respeito da sua ancestralidade e cultura, tais como, a história, os saberes, os modos de fazer, as formas de expressão, as celebrações, as festas, as danças populares, as músicas, os costumes, as tradições e as lendas, com destaque, neste caso concreto, para a Lenda do Galo de Barcelos.

IV.4 - ITINERÁRIOS TEMÁTICOS DA ROTA JACOBÉIA

Neste capítulo, apresentam-se os três itinerários temáticos da rota jacobéia no centro histórico de Barcelos, que foi um ponto de passagem de peregrinos a caminho de Santiago, na época medieval, com várias facilidades de apoio (três hospitais e duas albergarias) e valorizado pela passagem da Rainha Santa Isabel.

IV.4.1 - ITINERÁRIO TEMÁTICO “O BERÇO DE BARCELOS”

Com este itinerário, pretende-se interpretar a génese de Barcelos nos inícios da peregrinação jacobéia e fazer a caracterização do largo do Apoio, que terá sido o seu “berço”. Percorre-se desde o Fundo da Vila (ou Fonte de Baixo), local onde os peregrinos faziam a travessia do rio Cávado, a vau, quando o caudal o permitia ou de barco¹², até ao Cimo da Vila ou Largo do Apoio ou *Podium*.

Foto 2 - Passagem a vau no rio Cávado



¹² Alguns autores atribuem a toponímia de Barcelos à existência de uma barca para atravessar o rio, que se chamaria a *Barca Cellus*.

Estes dois locais, o Fundo e o Cimo da Vila, estão intimamente ligados na contribuição que deram para a génese da cidade de Barcelos. Enquanto que o primeiro oferecia condições excepcionais para, aí, se fazer a travessia do rio, a vau, o segundo, por estar localizado num terraço fluvial elevado, apresentava boas condições para a defesa dos seus habitantes. No Cimo da Vila, são visíveis vestígios, na beirada da casa do Apoio, virada ao rio Cávado, compostos por cinco robustos e típicos cachorros, que serviriam de torre de vigia da travessia do vau do rio, antes da construção da ponte medieval. Do Fundo da Vila, os peregrinos percorriam a estrada medieval até ao Cimo, onde, numa primeira fase da sua história, até à centúria de trezentos, este burgo ter-se-á agregado em torno da casa e do largo do Apoio, que resultou do cruzamento de várias vias e actividades económicas, culturais e sociais. A existência de oferta de alojamento também contribuiu para a génese e o crescimento do burgo. Almeida (1990:53) aponta a probabilidade de “Poio” derivar da palavra latina “*Podium*”, que significa “outeiro”, que poderá ter sido aplicado por quem, outrora, olhava para este local, após a travessia do rio, do Fundo da Vila. A toponímia deste largo também aponta nesse sentido, mas Trigueiros (citando o Abade do Louro) afirma que a toponímia deste largo poderá advir de uns assentos de pedra, já demolidos, oriundos da casa do Apoio, que protegiam quem lá se sentasse, caso fosse perseguido pela justiça (1998:670-671).

Portanto, o Fundo da Vila, junto ao vau do rio e o burgo medieval, fundado no Cimo da Vila, terão sido o “berço” da actual cidade de Barcelos.

Foto 3 - Fundo da Vila ou Fonte de Baixo



Na Fonte de Baixo ou Fundo da Vila, existem umas casas, de origem medieval, onde terão funcionado uma albergaria e uma gafaria (hospital de leprosos), junto ao local onde se fazia a travessia do rio. A localização da gafaria justificava-se por ficar num sítio, onde os lázaros (ou leprosos) podiam receber muitas esmolas e também por se acreditar que a proximidade da água contribuía para a cura da lepra. Estas instituições medievais estão documentadas desde 1177 e foram utilizadas até ao século XIII. O texto das Inquirições de 1258 refere a existência da *Propter Albergariam de Barcelus*, outra albergaria, situada na margem da estrada medieval, entre o Fundo e o Cimo da vila. Estas instituições perderam a sua utilidade devido a vários factores, nomeadamente, a construção da ponte medieval e a fundação de outros hospitais (Espírito Santo e o de Abade do Neiva). Mas foi, sobretudo, a ponte que contribuiu para a perda de utilidade deste itinerário e se tornou um ponto de passagem crucial das peregrinações jacobeanas e alterou a ordenação do trânsito viário entre as duas margens do rio, a partir de 1328 (Almeida, 1999).

Foto 4 - Largo do Apoio ou Cimo da Vila



O Largo do Apoio apresenta uma organização típica de um burgo medieval, com a sua primitiva praça ao centro, onde se realizava a feira e à sua volta, as ruas distribuídas pelos vários mesteres (profissões). Do largo, saem seis ruas na direcção dos quatro pontos cardeais: duas para poente, duas para nascente, uma para sul e outra para norte. A poente fica a rua dos Açougues, a via principal, por onde chegavam os peregrinos vindos do vau do rio; a rua paralela a esta, era a rua dos Sapateiros. A nascente fica a rua dos Mercadores, no enfiamento da rua dos Açougues, que o fazia a ligação com a judiaria (nesta rua passa o Caminho de Santiago após o milagre das Cruzes de 1504); e a rua paralela a esta, era a dos Tripeiros. Saía-se do burgo pela porta do vale, a norte, em direcção a Santiago de Compostela. A sul, fica a rua de Santa Maria (actualmente rua da Misericórdia), que ligava o burgo à Igreja Matriz e à ponte medieval.

Rememora-se, neste Largo do Apoio, o urbanismo medieval em Barcelos. A sua organização, em forma de burgo medieval, ajuda a compreender a sua génese. Aqui, podem-se ver várias casas de origem medieval, destacando-se, a casa do Apoio (também

conhecida como Solar dos Carmornas), a casa do Santo Condestável e a casa do Alferes Barcelense.

Foto 5 - Casa do Apoio



A Casa do Apoio é uma construção medieval, que sofreu muitos restauros ao longo dos séculos, que adulteraram a sua autenticidade. Provavelmente, terá sido o primeiro edifício construído neste burgo e a residência dos alcaides de Barcelos, até ao século XV. No seu interior, terá funcionado a cadeia medieval, onde, provavelmente, esteve encarcerado o peregrino da Lenda do Galo. Esta casa medieval apresenta uma beirada, virada ao rio Cávado, donde restam cinco robustos e típicos cachorros, que serviria de torre de vigia da passagem no vau do rio, antes da construção da ponte medieval (Trigueiros *et al.*, 1998:281-301).

Foto 6 - Casa do Santo Condestável



A casa do Santo Condestável, D. Nuno Álvares Pereira, o 7º Conde de Barcelos, apresenta uma frontaria cuidada, dotada de dois portais, um estreito para serviço exclusivo de pessoas, pelo qual se acedia à escadaria condecete ao sobrado, onde existem umas janelas modeladas à maneira manuelina e um portal amplo para a passagem de cargas e de cavalos para os fundos da habitação e do quintal. Não apresenta ameias, mas tem uma cornija, sob a qual, se encontra o escudo dos Pereiras. Esta casa, tal como se encontra actualmente, será o resultado dos vários restauros (*op. cit.:307-322*).

Foto 7 - Casa do Alferes Barcelense



A casa do Alferes Barcelense, também conhecido por “Alferes Decegado”, encontra-se do lado oposto à casa do Santo Condestável, a norte do largo do Apoio, junto à porta do vale. Esta casa quinhentista simboliza a ligação de Barcelos à batalha de Alcácer Quibir ¹³ e o amor deste alferes à sua Pátria. Trata-se de um edifício simples de dois sobrados, do segundo quartel do século XVI, mandado construir pelo seu pai, que foi almoxarife e juiz em Barcelos (*op. cit.*:327-337).

¹³ Batalha ocorrida no Norte de Africa a 4 de Agosto de 1578, onde pereceu o rei D. Sebastião.

Foto 8 - Hospital Medieval do Espírito Santo



O hospital medieval do Espírito Santo faz parte do actual edifício dos Paços do Concelho e fica situado na esquina da rua de S. Francisco (antiga rua dos Mercadores) com o largo do Apoio e com a rua da Misericórdia. Até ao século XIV, serviu como posto de assistência aos peregrinos de Santiago. Ferraz afirma existir um testamento, datado de 1356, que atesta a sua existência e, segundo o qual, Barcelos possuía dois hospitais, este e a gafaria da Fonte de Baixo, que prestavam apoio aos peregrinos de Santiago e aos pobres do burgo (*cit. in* Trigueiros *et al.*, 1998:87).

Por volta do ano de 1500, o rei D. Manuel I fundou a Santa Casa da Misericórdia em Barcelos e entregou-lhe a gestão destes dois hospitais medievais (Almeida, 1990:20).

Foto 9 - Chafariz do Largo do Apoio



No centro do Largo do Apoio, encontra-se um chafariz em granito, de tradição renascentista, assente numa base e constituído por um tanque circular, de onde sai uma taça bojuda coberta com cinco carrancas, por onde brota a água e está encimado por um pináculo, terminado em esfera. Trata-se de uma obra atribuível a João Lopes, datada do século XVII (Trigueiros *et al.*, 1998:175).

A sua datação é posterior à época medieval, facto que deve ser realçado, pois, após o Milagre das Cruzes de 1504, a actividade comercial medieval deste largo, ter-se-á deslocalizado para o novo local de culto, o actual campo da feira.

IV.4.2 - ITINERÁRIO TEMÁTICO “O MILAGRE DO GALO DE BARCELOS”

Com este itinerário, pretende-se interpretar a Lenda do Galo de Barcelos. Percorre-se pelo actual Caminho de Santiago, desde a margem sul da ponte medieval, em frente à Capela de Nossa Senhora da Ponte, até ao Largo do Apoio, passando pelo Cruzeiro da Lenda do Galo, que se pode ver no Museu Arqueológico de Barcelos.

Foto 10 - Capela e Ponte Medieval



A Capela de Nossa Senhora da Ponte situa-se na margem sul da ponte medieval. Foi mandada construir por D. Pedro Afonso, 3º Conde de Barcelos, para a sacralização da ponte, em 1328. Foi reconstruída e elevada no século XVII, sendo a cúpula e o varandim acrescentos do século XVIII. Possuía um lava-pés em pedra e os típicos bancos das capelas-abrigo para os peregrinos de Santiago (Faria, 1995, *cit. in* Almada, 2000:47).

Foto 11 - Ponte medieval de Barcelos



A ponte medieval é uma edificação gótica dos inícios do século XIV, que fez de Barcelos um ponto de passagem importante para os peregrinos a caminho de Santiago. Foi mandada construir por D. Pedro Afonso, 3º Conde de Barcelos. É constituída por cinco arcos em forma ogival, sendo os centrais mais altos e largos que os das extremidades. Foi reforçada, do lado nascente, por uma construção em pedra, formando um ângulo para quebrar a força da corrente das águas e, do lado poente, por maciços contrafortes quadrangulares (Trigueiros *et al.*, 1998:139).

Foto 12 - Solar dos Pinheiros



Após a travessia da ponte medieval, em frente ao Pelourinho, encontra-se o palácio Solar dos Pinheiros, um edifício datado de 1448, em que se destacam os elementos característicos do estilo manuelino. Está-lhe associada a lenda do Barbadão, segundo a qual, a figura gravada em pedra, que se pode ver na cornija do telhado, representando uma cara com grandes barbas e umas mãos puxando por elas, virada para o Paço Condal, teria associada a si uma simbologia que se reveza em duas versões. Uma que diz a imagem representa Tristão Gomes Pinheiro, enraivecido contra o Conde de Barcelos, por este lhe ter embargado a obra do seu Solar, não lhe deixando altear mais as torres, para não lhe devassar o Paço Condal. A outra versão diz que aquele Barbadão representa o Tristão Gomes Pinheiro protestando vingança contra um cavaleiro do Paço Condal, que manchara a dignidade da sua filha (*op cit.:237*).

Foto 13 -Pelourinho de Barcelos



No jardim que se encontra em frente ao Solar dos Pinheiros, virado ao rio Cávado, encontra-se erguido o Pelourinho que esteve, primitivamente, na praça municipal. Na Idade Média, era um símbolo de justiça, onde se faziam os avisos ao povo e se aplicavam alguns castigos aos criminosos. Trata-se de um monumento gótico, em granito, datado dos finais do século XIV ou princípios do século XV e constituído por uma base robusta, um fuste alto prismático de base octogonal, um capitel pequeno e um remate decorado com oito contrafortes e oito pináculos (*op cit.*:156).

Foto 14 - Paço Condal



Este itinerário do Pelourinho segue para o Paço Condal¹⁴, onde funciona, actualmente, o Museu Arqueológico de Barcelos. Foi mandado construir por D. Afonso, o 8º Conde de Barcelos e filho do rei D. João I, que também patrocinou a construção das muralhas da vila. Trata-se de um monumento exemplar das construções nobres apalaçadas de finais da Idade Média, em que alguns castelos tinham alas residências para os seus alcaides. Tem uma natureza híbrida, pois tanto pode ser classificado como património civil (residência da Casa de Bragança) ou como fortaleza militar. Este monumento foi adulterado ao longo dos tempos, mas ainda hoje é possível reconstituir genericamente a sua fisionomia original, graças a imagens antigas, tais como o desenho de Duarte d'Armas, dos inícios do século XVI e uma pintura de António Augusto Pereira, datada de 1856 (*op cit.*:1998:223.230).

¹⁴ Foi classificado como Monumento Nacional por Decreto de 16-06-1910, DG n.º 136, de 23-06-1910.

Foto 15 - Cruzeiro da Lenda do Galo



No interior deste Museu Arqueológico, encontra-se o cruzeiro evocativo da Lenda do Galo, segundo a qual, Barcelos terá sido a única localidade em Portugal onde ocorreu um milagre do galo, atribuído a São Tiago. Segundo a Bíblia, o galo é tradicionalmente um animal associado a muitos milagres. Foi o galo quem cantou à meia noite quando Jesus Cristo nasceu e também quando São Pedro negou conhecer Jesus Cristo em Jerusalem. O milagre do galo assado, que se ergue para cantar como evidência da justiça e da verdade, tem uma origem muito antiga, pois já aparece em relatos dos Evangelhos Apócrifos da época paleocristã. O galo foi o eleito para muitos milagres atribuídos ao Apóstolo São Tiago ao longo dos Caminhos a Compostela. Além deste em Barcelos, destacam-se os milagres de Toulouse (França) e de São Domingo da Calçada (Espanha). Aliás, estas três cidades lucrariam com a promoção conjunta de uma rota das cidades jacobéias do milagre do galo. Segundo Cosquin, muitas lendas e contos da Idade Média, dispersas na nossa literatura oral vieram do Oriente, a pátria de muitas lendas europeias. E da mesma forma que algumas desceram do Ganges até um riacho da Lorena ou da Bretanha, a Lenda do Galo de Barcelos poderá ter viajado desde a Índia longínqua até às margens do rio Cávado (*cit. in Pires de Lima, 1965:28-29*).

Este cruzeiro foi encontrado no local, onde, outrora, funcionara a forca, na berma da “estrada do Porto”, um dos Caminhos de Santiago mais percorridos, na Idade Média (Almada, 2000:40). Trata-se de um monumento granítico, com duas grandes faces: na face que estava outrora virada para a forca (agora para o rio) apresenta lavrada em relevo a figura de um peregrino pendente de uma corda amarrada ao seu pescoço e tendo por baixo a figura de São Tiago com a cabeça e com mão esquerda numa atitude de lhe suster as plantas do pés, tendo na mão direita um bordão com uma cabaça. Na face oposta, apresenta, num canto, a figura do sol e no outro a figura da lua, e uma figura de Nossa Senhora e, por baixo desta, outra que se assemelha a São Bento. O cruzeiro remata em cruz com a imagem de Jesus Cristo crucificado, esculpida em ambos os lados, mostrando-nos na sua peanha, logo acima da cabeça do peregrino, um galo e no lado oposto, um dragão tosco. Iconograficamente, estes relevos são tradicionais figurações do Sol e da Lua ao lado de Jesus Cristo, o Senhor do Universo, e o dragão ao pé da haste da Cruz, símbolo do demónio vencido pela rendição a Jesus Cristo (Pires de Lima, 1965:35-36; Almeida, 1990:97; Almeida, 1999:22).

Esta lenda, lavrada em relevo no granito, conta-se assim: “na vila de Barcelos tinha-se cometido um crime, e não havia meio de descobrirem o culpado. Aconteceu de passar por aqui um peregrino galego que seguia a caminho de Santiago, a fim de cumprir uma promessa. Sendo um estranho, logo o apontaram como culpado: prenderam-no e condenaram-no à morte. O homem disse que nada tinha a ver com o caso, jurou, protestou que estava inocente; de nada lhe valeram juras e protestos. A seu pedido, como último desejo de um condenado à forca, levaram-no à presença de um juiz. Este recebeu-o na sala de jantar, onde se preparava para tomar a refeição. Mais uma vez o pobre homem jurou a sua inocência, e garantiu ser tão verdade o que dizia como o galo que estava assado sobre a mesa levantasse e cantar. E, de facto, o galo assado ergue-se da travessa e cantou vibrantemente. Imediatamente “nuestro hermano” foi mandado em paz. Mas voltou, mais tarde, a Barcelos para erigir um monumento em honra da Virgem e de São Tiago” (Teotonio da Fonseca, *cit. in* Pires de Lima, 1965:38).

Foto 16 - Igreja Matriz de Barcelos



Saíndo do Museu Arqueológico, passa-se na Igreja Matriz de Barcelos¹⁵, uma igreja medieval, construída num estilo que pode ser classificado como românico-gótico. Nas arquivoltas do seu portal principal, estão gravadas as armas do seu patrono, D. Pedro Afonso, o 3º Conde de Barcelos. Fica localizada em pleno Caminho de Santiago e no seu interior, em dois dos capiteis dos arcos que sustentam o telhado, estão esculpidas algumas vieiras, vestígios históricos de um local de culto jacobeu (Almeida, 1991, *cit. in* Almada, 2000:63).

Foto 17 - Paços do Concelho



Após a passagem pela Igreja Matriz, este itinerário segue pelo actual Caminho de Santiago, ao longo da rua medieval de Santa Maria, a actual rua da Misericórdia, terminando no Largo do Apoio. Do lado nascente desta rua, fica o edifício dos Paços do

¹⁵ Igreja classificada como Monumento Nacional por Decreto n.º 14 425, DG, I Série, n.º 228, de 15-10-1927.

Concelho, que resulta da aglomeração de vários edifícios (capela de Santa Maria, Igreja da Misericórdia, a antiga sinagoga e Hospital Medieval do Espírito Santo) e de acrescentos aos primitivos Paços do Concelho, que apresentam arcadas góticas de finais do século XV. Sofreu grandes alterações no século XVIII e a ampliação do século XIX deu-lhe a actual imponência. Serviu de posto de assistência aos peregrinos de Santiago (Trigueiros, *et al.*, 1998:157-162).

Foto 18 - Largo do Apoio



Termina-se este itinerário no Largo do Apoio.

IV.4.3 – ITINERÁRIO TEMÁTICO “O MILAGRE DAS CRUZES”

Com este itinerário, pretende-se interpretar o Milagre das Cruzes de 1504 e os seus impactos no Caminho de Santiago e na história deste burgo de almocrêves, mercadores e judeus. Percorre-se desde o Largo do Apoio até ao Largo do Bonfim, passando pelo Templo do Bom Jesus da Cruz, o local do milagre.

Foto 19 - Rua dos Mercadores (S. Francisco)



Para se entender os impactos do Milagre das Cruzes de 1504 no burgo, torna-se necessário enquadrá-lo historicamente. Naquela época, reinava em Portugal D. Manuel I, que para contrair matrimónio com a herdeira do trono de Espanha, a princesa D. Isabel, viúva do seu sobrinho, obrigou-se a assinar um contrato de casamento com uma cláusula que exigia a expulsão dos Judeus de Portugal, o que representava um sério dilema para o rei, pois precisava dos Judeus, mas tinha de cumprir o acordo de matrimónio. Então, em vez de os expulsar, optou por decretar a sua conversão ao

cristianismo. Ora, sendo Barcelos um burgo medieval de almocreves, mercadores e Judeus, a ocorrência deste foi-lhe de grande utilidade, pois o milagre funcionou como o mito motivador para a conversão dos habitantes do burgo ao cristianismo. Assim, os Judeus tornaram-se cristãos-novos e a sinagoga da judiaria passou a funcionar como Igreja da Santa Casa da Misericórdia. De facto, este milagre transformou o burgo judeu numa vila cristã e mudou o itinerário do Caminho de Santiago. Após o milagre, os peregrinos começaram a visitar o novo local de culto e a rua dos Mercadores (actual rua de S. Francisco) tornou-se o novo itinerário do Caminho de Santiago em Barcelos.

Foto 20 – Capela de S. Francisco



A rua dos Mercadores foi “cristianizada”, após o Milagre das Cruzes de 1504, com a construção da capela de São Francisco, em 1508. Foi aí instituído o vínculo de São Francisco e as casas, anexas a esta capela, passaram a servir de hospedaria aos frades franciscanos. Esta capela apresenta um pórtico gótico arcaizante do século XIV, trazido da capela do hospital medieval do Espírito Santo. Este facto é a evidência de que

poderá tratar-se da reconstrução da demolida capela de Santa Maria, que estava apenas ao Hospital do Espírito Santo (*op cit.:*116).

Foto 21 - Rua Direita (D. António Barroso)



A rua Direita (ou D. António Barroso), o local de passagem entre a ponte medieval, a Torre de Menagem e o Templo do Senhor da Cruz, tornou-se, após o Milagre das Cruzes de 1504, um ponto de passagem obrigatória para os peregrinos a Santiago e uma rua comercial por excelência. As suas casas apresentam uma admirável riqueza arquitectónica.

Foto 22 - Torre de Menagem da Porta Nova



A Torre de Menagem da Porta Nova¹⁶ é uma construção medieval, que fez parte das muralhas do século XV. Serviu de porta de saída da vila condal para o local do Milagre das Cruzes de 1504. Funcionou como cadeia desde o século XVII até 1932. Recentemente, funcionou como posto de turismo e artesanato e funcionará, futuramente, como centro de interpretação do Galo de Barcelos. Em frente a esta Torre, mas do lado interior das muralhas, fica a casa dos Machados da Maia, um edifício quinhentista, do século XVI, onde funciona, actualmente, a Biblioteca Municipal (*op cit.*:339).

¹⁶ Classificada como Monumento Nacional por Decreto n.º 11 454, DG, I Série n.º 35, de 19-02-1926.

Foto 23 - Templo do Senhor da Cruz



No exterior das muralhas e da Torre de Menagem da Porta Nova, encontra-se o Templo do Senhor Bom Jesus da Cruz¹⁷, situado, precisamente, no local onde aconteceu o Milagre da Cruz de 1504. Trata-se de um edifício barroco (1705-1710), com destaque na decoração de 1730, que apresenta uma planta em cruz regular (cruz grega) e celebra este milagre, após o qual, este local tornou-se passagem obrigatória dos peregrinos a Santiago. Este milagre consistiu no aparecimento de uma Cruz de terra negra no chão barrento que originou uma forte devoção popular e a conversão dos Judeus infiéis. Este milagre originou uma forte devoção popular, e nesse ano, no local do aparecimento da cruz, foi erguido um cruzeiro em pedra com as dimensões da cruz miraculosamente aparecida. O fervor religioso cresceu de tal modo que a população demonstrou-o com procissões e ofertas que foram aplicadas na construção de uma ermida em 1505, que

¹⁷ Foi classificado como Imóvel de Interesse Público por Decreto n.º 42 007, DG, I Série, n.º 265, de 6-12-1958.

evolui para o actual Templo. Um comerciante barcelense ofereceu a imagem flamenga do Senhor da Cruz, em madeira de carvalho e tamanho quase natural, nos inícios do século XVI. Também foi fundada a Irmandade do Senhor da Cruz, com grande importância religiosa e social em Barcelos, que promove anual Festa das Cruzes, uma das principais atracções turísticas desta cidade (Almeida, 1990:63-69;101).

Foto 24 - Jardim das Barrocas



A sul deste Templo, fica o Jardim das Barrocas (ou Passeio dos Assentos), um trabalho do século XVIII, em estilo rococó (Trigueiros *et al.*, 1998:213-215).

A nascente, pode-se admirar um enorme espaço arborizado, o actual campo da feira com um monumental chafariz do século XVII, no seu centro, obra de João Lopes. Aqui, realiza-se a mais antiga e tradicional feira do país¹⁸ que remonta aos tempos medievais e já se realizaria por meados do século XIII, no Largo do Apoio, quando por

¹⁸ A Festa das Cruzes e a Feira semanal de Barcelos são na actualidade as maiores atracções turísticas de Barcelos, sobretudo a Feira semanal, que está incluída em quase todos os packages de Touring da região de turismo do Porto e Norte de Portugal.

toda esta região, os cereais se avaliavam pela “medida de Barcelos”. Foi, desde sempre, um factor de desenvolvimento económico e um fenómeno social, contribuindo para a divulgação do seu artesanato, inclusivé, o Galo de Barcelos (Almeida, 1990:85).

Após o milagre das Cruzes, a vila cresceu para o exterior das suas muralhas, ao longo do Caminho de Santiago, onde foram construídas algumas casas com bastante riqueza arquitectónica, com destaque para a Casa dos Andrades e Almada, a Casa do Jardim e o Solar do Benfeito.

Foto 25 - Casa dos Andrades e Almada



A casa dos Andrades e Almada (actualmente da família Arantes) fica situada ao lado do Templo do Senhor da Cruz. Trata-se de uma casa típica do século XVII, de três pisos e apresenta uma fachada elegante (*op cit.:*489). Funciona como unidade de alojamento local, frequentada por peregrinos a Santiago.

Foto 26 - Igreja do Terço



Prosseguindo o caminho para norte, em direcção a Santiago, entra-se no Campo 5 de Outubro, onde, do lado nascente, fica o convento de freiras beneditinas, construído no início do século XVIII, de que resta a Igreja de Nossa Senhora do Terço¹⁹. Esta igreja apresenta um exterior modesto, mas um deslumbrante espaço interior, um dos mais densos interiores barrocos em Portugal. A sua importância na arte barroca advém-lhe dos seus grandiosos painéis de azulejo azul e branco, datados de 1713, mostrando cenas da vida de S. Bento, das pinturas do seu tecto e sobretudo do seu púlpito em talha dourada. Contudo, devido a uma lei de 1834, este convento foi vendido e, posteriormente, descaracterizado, salvando-se o portal e a igreja graças aos cuidados da Confraria do Terço (Trigueiros *et al.*, 1998:35).

¹⁹ Esta Igreja foi classificada como Imóvel de Interesse Público por Decreto-lei Nº 47508 de 24-1-1967

Foto 27 - Casa do Jardim



A Casa do Jardim, propriedade da família Beça Meneses, situada no Campo 5 de Outubro, é uma casa nobre, datada de meados do século XVIII, com um só sobrado, janelas no rés-do-chão e portadas de sacada no andar superior, de frontaria bem axializada pelo único portal de rua e pela janela especial do salão central. Apresenta uma rica decoração de conchas e de penachos de ramos, sobre as vergas curvas dos vãos, que a tornam a mais decorada fachada nesta cidade (Almeida, 1990:79).

Foto 28 - Solar do Benfeito



O Solar do Benfeito, situado no Largo do Bonfim, é um edifício de meados do século XVIII, que incorpora, na sua frontaria, a capela de Santa Ana, representativa da arquitectura barroca (*op cit.:*80).

Este largo resulta do cruzamento dos vários Caminhos de Santiago, anteriores e posteriores ao Milagre da Cruzes de 1504. Nesta bifurcação de estradas medievais, em direcção a Santiago, funciona, actualmente, um albergue para apoio aos peregrinos de Santiago.

Termina-se, aqui, a rota jacobea no Centro Histórico de Barcelos.

IV.5 – AS TÉCNICAS DE INTERPRETAÇÃO

IV.5.1 - A TÉCNICA DIRECTA: AS VISITAS GUIADAS

Segundo Tilden (1957), jamais algum dispositivo será melhor que o contacto pessoal e directo. Nesse sentido, foram escritos textos que servirão de suporte e orientação para as visitas-guiadas a realizar nos itinerários temáticos da rota jacobea no centro histórico de Barcelos, que podem ser consultados no apêndice B.

IV.5.2 – A TÉCNICA INDIRECTA: AS PLACAS INTERPRETATIVAS

A técnica indirecta escrita foi a seleccionada para este plano de interpretação. As suas componentes são o texto, o objecto e o *design*, que formam, conjuntamente, a linguagem interpretativa, que deve ser o ponto de convergência do plano de interpretação, para relacionar, eficazmente, os recursos e os visitantes. Para a linguagem interpretativa ser eficaz, as placas interpretativas devem obedecer as certas regras. Por conseguinte, os textos devem ter entre as cinquenta e as setenta palavras, escritas com letra serifada, em tamanho facilmente legível pelos visitantes. Nesse sentido, sugere-se o tamanho 72 para os títulos e temas; os tamanhos 24 e 36 para sumários, frases-chave ou subtemas e os tamanhos 18 e 20 para os detalhes de texto e legendas. Na montagem das placas, o ângulo de perfil baixo é o mais habitual, dado que oferece mais facilidade de leitura às pessoas de diferentes estaturas e com mobilidade condicionada. Além disso, a harmonia estética com a paisagem deve ser tida em consideração (Knudson *et al.*, 2003).

Quanto ao material para fabricar as placas interpretativas, optou-se pela chapa de latão por ser o material das actuais placas toponímicas existentes no centro histórico de Barcelos e por se integrarem, harmoniosamente, na sua paisagem urbana.

Sequentemente, apresenta-se, na figura 1, o desenho para o protótipo das placas interpretativas recomendadas para este plano de interpretação.

Figura 1 - Protótipo das placas interpretativas

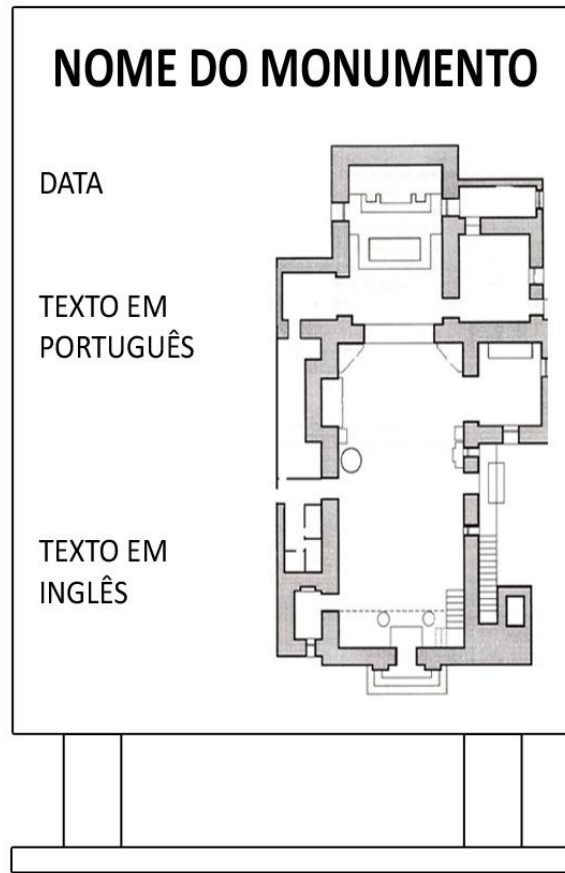


Foto 29 - Quiosque para afixação dos painéis interpretativos



No início de cada itinerário, será colocado um painel interpretativo no interior de um quiosque em madeira. No âmbito deste plano de interpretação, recomenda-se que se mantenham os quiosques utilizados pela Câmara Municipal de Barcelos, ao longo do Caminho de Santiago (ver exemplar na foto 29). Estes quiosques são fabricados em madeira e cobertos por um pequeno telhado típico da região, integrando-se, harmoniosamente, na paisagem urbana da cidade. Para além de atractivos, facilitam a leitura aos visitantes.

IV.5.2.1 – ITINERÁRIO TEMÁTICO “ O BERÇO DE BARCELOS”

Neste sub-capítulo, pretende-se apresentar o painel e as placas interpretativas deste itinerário temático, que pretende interpretar a génese de Barcelos nos inícios da peregrinação jacobea.

O painel deste itinerário será afixado num quiosque, colocado junto ao vau do rio Cávado na Fonte de Baixo.

Figura 2 - Painel do itinerário temático " O Berço de Barcelos"



As placas interpretativas deste itinerário, são as seguintes:

Primeira placa:

Vau do rio Cávado

Século XII

Antes da construção da ponte medieval, fazia-se, por aqui, a travessia do rio Cávado. Servia de ponto de passagem da estrada medieval entre o Porto e Santiago de Compostela. Terá sido, por aqui, que a Rainha Santa Isabel passou, aquando da sua peregrinação a Santiago de Compostela, em 1325.

Barcelos deverá a sua toponímia à barca que aqui operava (*Barca Cellus*).

Segunda placa:

Fonte de Baixo ou Fundo da Vila

Século XII

Casas de origem medieval, onde terão funcionado até ao século XIII, uma gafaria (hospital de leprosos) e uma albergaria para peregrinos e outros viajantes. Há documentação que revela a sua utilização desde o ano de 1177. Perderam a sua utilidade devido, sobretudo, à construção da ponte medieval, no século XIV.

Terceira placa:

Largo do Apoio ou *Podium* ou Cimo da Vila

Século XII

Neste largo nasceu Barcelos, um burgo medieval de mercadores, almocreves e Judeus. Localizado sobre uma mancha granítica com 30 metros de altitude, foi chamado *Podium* por quem o olhava do vau do rio. Resulta do cruzamento de várias vias, organizado como um típico burgo medieval, com a praça ao centro, onde se realizava a feira, circundado por várias ruas, distribuídas pelos vários mesteres (profissões). Barcelos rememora, aqui, o seu urbanismo medieval.

Quarta placa:

Casa do Apoio ou Solar dos Carmonas

Século XII

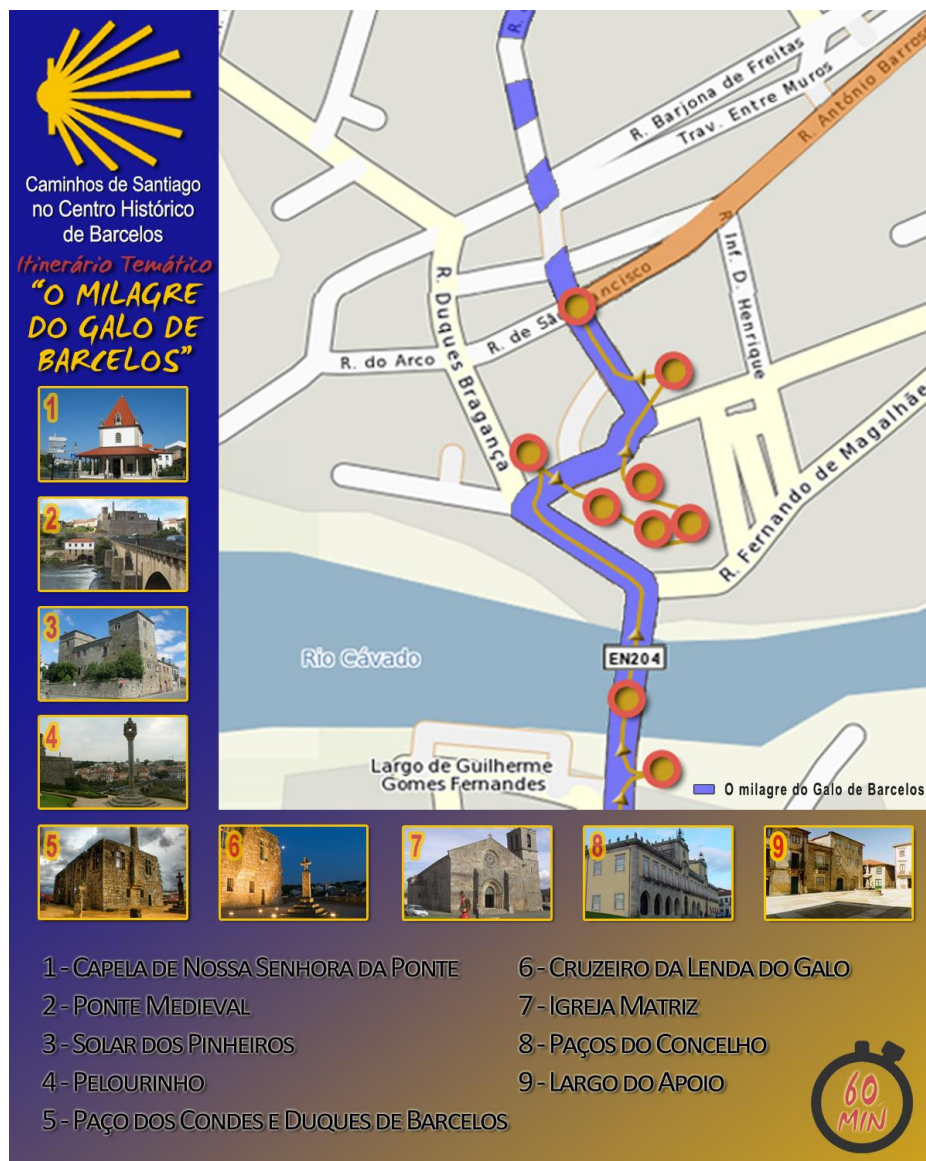
Construção medieval, que sofreu vários restauros e terá sido o primeiro edifício deste burgo e a residência dos alcaides de Barcelos, até ao século XV. No seu interior, terá funcionado a cadeia medieval, onde esteve encarcerado o peregrino da Lenda do Galo. Apresenta uma beirada, virada ao rio Cávado, de que restam cinco robustos e típicos cachorros, que serviria de torre de vigia da passagem do rio, antes da construção da ponte medieval.

IV.5.2.2 – ITINERÁRIO TEMÁTICO “O MILAGRE DO GALO DE BARCELOS”

Neste sub-capítulo, pretende-se apresentar o painel e as placas interpretativas do itinerário temático que pretende interpretar a Lenda do Galo de Barcelos.

O painel será afixado num quiosque colocado no lado sul da capela da Ponte, ficando em posição frontal para os peregrinos que chegam a Barcelos.

Figura 3 – Painel do itinerário “ O Milagre do Galo de Barcelos”



As placas interpretativas deste itinerário, são as seguintes:

Primeira placa:

Capela de Nossa Senhora da Ponte

Século XIV

Construção dos inícios do século XIV, com a função de sacralização da ponte. Foi reconstruída e elevada no século XVII, sendo a cúpula e o varandim acrescentos do século XVIII. Possuía um lava-pés em pedra e os típicos bancos das capelas-abrigo para os peregrinos de Santiago.

Segunda placa:

Ponte medieval de Barcelos

Século XIV

Construção gótica dos inícios do século XIV, mandada erigir por D. Pedro Afonso, 3º Conde de Barcelos. É constituída por cinco arcos em forma ogival, sendo os centrais mais altos e largos que os das extremidades. Foi reforçada, do lado nascente, por construção em pedra, formando um ângulo para quebrar a força da corrente das águas e, do lado poente, por muros contrafortes quadrangulares. Esta ponte fez da vila condal de Barcelos um ponto de passagem crucial nos Caminhos de Santiago.

Esta ponte foi classificada como Monumento Nacional por Decreto de 16-06-1910, DG n.º 136, de 23-06-1910.

Terceira placa:

Palácio Solar dos Pinheiros

Século XV

Edifício datado de 1448, em que se destacam os elementos característicos do estilo manuelino. Está-lhe associada a Lenda do Barbadão, simbolizada na figura gravada em pedra, representando uma cara com grandes barbas e umas mãos puxando por elas, que se pode ver na cornija do telhado, virada para o Paço Condal. Há duas versões desta lenda: uma diz que a imagem representa Tristão Gomes Pinheiro enraivecido contra o Conde de Barcelos, por este lhe ter embargado a obra da sua Casa-solar e não lhe deixar altear mais as torres, para não lhe devassar o Paço Condal; a outra

diz que aquele Barbadão significa o proprietário Tristão Gomes Pinheiro protestando vingança contra um cavaleiro do Paço Condal, que manchara a dignidade da sua filha.

Esta palácio foi classificado como Monumento Nacional por Decreto de 16-06-1910, DG n.º 136, de 23-06-1910.

Quarta placa:

Pelourinho

Século XV/XVI

Monumento granítico em estilo gótico tardio, constituído por uma base robusta, uma coluna vertical alta, de base octogonal, com um capitel pequeno e um remate decorado. Na Idade Média, era um símbolo de justiça, onde se faziam os avisos ao povo e se aplicavam alguns castigos aos criminosos.

Monumento classificado como Imóvel de Interesse Público por Decreto n.º 23 122, DG, I Série, n.º 231, de 11-10-1933.

Quinta placa:

Paço dos Condes e Duques de Barcelos

Século XV

Monumento exemplar das construções nobres apalaçadas de finais da Idade Média, em que alguns castelos tinham alas residenciais para os seus alcaides. Tem uma natureza híbrida, pois tanto pode ser classificado como património civil (residência da Casa de Bragança) ou como fortaleza militar.

Actualmente, funciona como Museu Arqueológico de Barcelos, onde se pode ver o Cruzeiro da Lenda do Galo.

Foi classificado como Monumento Nacional por Decreto de 16-06-1910, DG n.º 136, de 23-06-1910.

Sexta placa:

Cruzeiro da Lenda do Galo de Barcelos

Século XIV

A lenda, aqui lavrada em relevo no granito, apresenta um peregrino a Santiago, que fora acusado, preso e condenado à forca. Jurou inocência sobre o galo assado que o

Juiz ia degustar. No momento da execução, o galo cantou e garantiu a inocência do peregrino pendente, a quem São Tiago, por baixo, sustinha os pés. Para agradecer o milagre, o peregrino erigiu este cruzeiro em honra de São Tiago.

Sétima placa:

Igreja Matriz de Barcelos

Século XIV

Igreja medieval, construída em estilo românico-gótico. No seu portal principal estão gravadas as armas do seu patrono, D. Pedro Afonso, 3.º Conde de Barcelos, filho bastardo do rei D. Dinis. No seu interior, em dois dos capiteis dos arcos que sustentam o telhado, estão esculpidas várias vieiras, evidências históricas de ser um local de culto jacobeu.

Igreja classificada como Monumento Nacional por Decreto n.º 14 425, DG, I Série, n.º 228, de 15-10-1927.

Oitava placa:

Paços do Concelho de Barcelos

Século XIV

Aglomeração de vários edifícios (Capela de Santa Maria, Igreja da Misericórdia (antiga Sinagoga) e Hospital Medieval do Espírito Santo). Foi objecto de reformas e acrescentos a partir dos primitivos Paços do Concelho, com arcadas góticas de finais do século XV. Sofreu grandes alterações no século XVIII. A ampliação do século XIX deu-lhe a actual imponência. Serviu de posto de assistência aos peregrinos de Santiago.

Nona placa (é também a terceira placa do itinerário “o Berço de Barcelos):

Largo do Apoio, *Podium* ou Cimo da Vila

Século XII

Neste largo nasceu Barcelos, um burgo medieval de mercadores, almocreves e Judeus. Localizado sobre uma mancha granítica com 30 metros de altitude, foi chamado Podium por quem o olhava do vau do rio. Resulta do cruzamento de várias vias, organizado como um típico burgo medieval, com a praça ao centro, onde se realizava a

feira, circundado por várias ruas, distribuídas pelos vários mesteres (profissões). Barcelos rememora, aqui, o seu urbanismo medieval.

IV.5.2.3 – ITINERÁRIO TEMÁTICO “O MILAGRE DAS CRUZES”

Neste sub-capítulo, pretende-se apresentar o painel e as placas interpretativas deste itinerário temático que pretende interpretar o Milagre das Cruzes de 1504.

O painel será afixado num quiosque colocado no início da rua dos Mercadores, ficando em posição frontal para os peregrinos que chegam ao Largo do Apoio.

Figura 4 - Painel do itinerário “O Milagre das Cruzes”



As placas interpretativas deste itinerário, são as seguintes:

Primeira placa:

Capela de S. Francisco

Século XVI

Capela construída no século XVI, mas com um pórtico gótico do século XIV, trazido da capela do hospital medieval do Espírito Santo. As casas anexas a esta capela, antes dos mercadores, passaram a servir de hospedaria aos frades franciscanos.

Segunda placa:

Rua Direita ou D. António Barroso

Século XVI

Local de passagem entre a Ponte medieval, a Torre de Menagem da Porta Nova e o Templo do Senhor da Cruz. Após o Milagre das Cruzes de 1504, tornou-se passagem obrigatória para os peregrinos a Santiago e uma rua comercial por excelência. As suas casas apresentam uma admirável riqueza arquitectónica.

Terceira placa:

Torre de Menagem da Porta Nova

Século XV

Construção medieval que fez parte das muralhas do século XV. Porta de saída da vila condal para o local do Milagre das Cruzes de 1504. Funcionou como cadeia desde o século XVII até 1932. Recentemente, funcionou como posto de turismo e local de exposição e venda de artesanato. No futuro, funcionará como Centro de Interpretação do Galo de Barcelos.

Classificada como Monumento Nacional por Decreto n.º 11 454, DG, I Série n.º 35, de 19-02-1926.

Quarta placa:

Templo do Senhor Bom Jesus da Cruz

Século XVIII

Edifício barroco (1705-1710), com destaque na decoração de 1730, apresenta planta em cruz regular (cruz grega) e celebra o local do Milagre da Cruz de 1504, após o qual, se tornou passagem obrigatória dos peregrinos a Santiago. Este milagre consistiu no aparecimento de uma Cruz de terra negra no chão barrento que originou uma forte devoção popular e a conversão dos Judeus infiéis.

Foi classificado como Imóvel de Interesse Público por Decreto n.º 42 007, DG, I Série, n.º 265, de 6-12-1958.

Quinta placa:

Igreja de Nossa Senhora do Terço.

Século XVIII

Igreja do convento de freiras beneditinas, construído no início do século XVIII. Apresenta um exterior modesto, mas com um deslumbrante espaço interior, um dos mais densos interiores barrocos em Portugal. A sua importância na arte barroca advém-lhe dos seus grandiosos painéis de azulejo azul e branco, datados de 1713, mostrando cenas da vida de S. Bento, das pinturas do seu tecto e sobretudo do seu púlpito em talha dourada.

Esta Igreja foi classificada como Imóvel de Interesse Público por Decreto-lei N.º 47508 de 24-1-1967.

Sexta placa:

Largo do Bonfim.

Este Largo resulta da bifurcação das estradas medievais em direcção a Santiago de Compostela, anteriores e posteriores ao Milagre da Cruzes de 1504. Neste cruzamento de caminhos medievais, encontra-se o Solar do Benfeito, um edifício, de meados do século XVIII, que na frontaria incorpora a capela de Santa Ana, representativa da arquitectura barroca.

Os peregrinos a Santiago encontram, aqui, apoio no Albergue Cidade de Barcelos.

IV.6 – IMPLEMENTAÇÃO E MONITORIZAÇÃO DO PLANO DE INTERPRETAÇÃO

Um plano de interpretação só fica terminado com a elaboração de um plano de implementação e um plano de monitorização, para garantir a sua revisão e avaliação periódica. Contudo, este plano só será concretizado se a Câmara Municipal de Barcelos se interessar pela sua implementação. Neste plano de interpretação, sugerem-se as técnicas interpretativas para a sua implementação: como técnica directa, sugerem-se as visitas guiadas com guia-interprete; e como técnica indirecta, sugere-se a escrita. Para a técnica directa apresentam-se os textos de suporte, para os guias poderem interpretar o significado dos recursos, com rigor científico e, simultaneamente, de uma forma divertida e atractiva para os visitantes; para a técnica indirecta escrita, apresenta-se uma proposta concreta para a sua linguagem interpretativa, através da colocação de painéis e placas interpretativas, ao longo dos itinerários, cujos textos foram redigidos, em conformidade, com as regras definidas na literatura. Os seus textos não ultrapassam as setenta e cinco palavras, estão escritos com letra serifada, em tamanho 72 para os títulos e temas, 36 para os sumários e 20 para os detalhes de texto e legendas. Estas placas terão um ângulo de perfil baixo, para facilitar a leitura a pessoas de diferentes estaturas e com mobilidade condicionada. Foi sugerido fabricar as placas interpretativas no mesmo material das actuais placas toponímicas deste centro histórico, concretamente, em chapa de latão, pois integram-se, harmoniosamente, na sua paisagem urbana. Apresenta-se, também, o desenho do protótipo para fabricar as placas. Também se sugere que, no início de cada itinerário, seja colocado um painel interpretativo num quiosque, igual aos que são utilizados, actualmente, pela Câmara de Barcelos, ao longo do Caminho de Santiago (ver exemplar na foto 29). Estes quiosques são fabricados em madeira e cobertos por um telhado típico da região, integrando-se, harmoniosamente, na paisagem urbana da cidade e, para além de atractivos, facilitam a sua leitura.

CONCLUSÃO E RECOMENDAÇÕES

Um plano de interpretação só fica concluído com a sua implementação efectiva, acompanhada por um plano de monitorização, que devem ser elaborados, seguindo os princípios definidos para a interpretação e apresentação do significado do património, com rigor científico e, simultaneamente, de uma forma atractiva para os visitantes. Tilden definiu a interpretação como uma actividade educacional, que visa revelar significados e relações através do uso de objectos originais, experiências em primeira mão e por meios ilustrativos, em vez de comunicar, simplesmente, informações factuais. A Carta Ename corroborou estes princípios e conceitos para a arte de interpretação, reconheceu-os e melhorou-os, com a aprovação do seu sétimo esboço, em 2007. Acrescentou-lhes a necessidade de inovação e adaptação à evolução tecnológica, a autenticidade, a sustentabilidade, a formação, a monitorização e o envolvimento das comunidades de acolhimento.

Para se fazer a história da interpretação, é preciso recuar a 1957, quando Tilden publicou o seu livro *“Interpreting our Heritage”*. O termo interpretação já tinha sido usado por Enos Mills, em 1920. Contudo, só foi largamente usado e reconhecido pelo público, após a publicação do livro de Tilden. Foram vários os autores e as instituições ligadas à conservação do património a definirem o conceito de interpretação, no período que decorreu entre esta publicação e a aprovação do sétimo esboço da Carta Ename, em 2007. Esta carta surgiu do reconhecimento de que, tal como a Carta de Veneza estabelecera o princípio, segundo o qual, a proteção do património era essencial para a sua conservação, também a interpretação do significado desse património deveria ser parte integrante do processo da sua conservação e fundamental para se obterem resultados positivos dessa mesma conservação do património. A Carta Ename foi, oficialmente, autorizada pelo ICOMOS Internacional e tem como principal objectivo definir os princípios básicos da interpretação e apresentação, como componentes essenciais dos esforços de conservação do património e dos meios para melhorar a compreensão do público e a sua valorização.

Poder-se-á afirmar que os Caminhos de Santiago contribuíram para a génese de Barcelos e moldaram a sua história, revisitada no seu património monumental e espelhada no seu artesanato e na cultura do seu povo. Actualmente, a sua crescente

dinamização tem colocado esta cidade na rota de inúmeros peregrinos e visitantes, contribuindo para o aumento do seu turismo cultural e religioso. Passaram e continuam a passar muitos peregrinos, em Barcelos, que foi um eixo importante de passagem nos Caminhos de Santiago, na época medieval. Para isso contribuíram vários factores, nomeadamente, a construção da ponte medieval no século XIV e a existência de várias facilidades de apoio aos peregrinos (hospitais e albergarias). Além disso, esta rota jacobea ficou valorizada com a Lenda do Galo e com a passagem da Rainha Santa Isabel e a sua estada no hospital medieval de Abade de Neiva, aquando da sua peregrinação a Santiago, em 1325.

Barcelos deverá a sua génese às peregrinações jacobeias, mas também à sua localização geográfica, que favorece, actualmente, o seu desenvolvimento turístico. Esta cidade é servida por três importantes eixos rodoviários, caminho de ferro, auto-estradas e fica a 50 km do aeroporto internacional Francisco Sá Carneiro e do terminal de cruzeiros do porto de Leixões.

O ponto de partida para a elaboração de um plano de interpretação é sempre uma reflexão sobre os seus dois principais componentes, os visitantes e os recursos. Primeiro, começa-se por identificar as características dos recursos mais significativos e o perfil e as motivações dos visitantes; depois, define-se uma visão de como os recursos devem servir esses visitantes; e, finalmente, apresenta-se o plano de interpretação para relacionar os recursos com as características, necessidades e desejos dos visitantes, propondo-lhes um conjunto de experiências, nomeadamente, temas e estórias. Após a reflexão sobre os dois principais componentes deste plano de interpretação (os visitantes e os recursos), foram identificados os recursos mais emblemáticos desta rota jacobea e foi um realizado um inquérito aos visitantes, no centro histórico, para descobrir quem são, as suas motivações, as suas necessidades e os seus desejos. Os dados obtidos através deste inquérito, mostram que as motivações culturais representam 67,1% das visitas a Barcelos. Com estes dados, foi possível apontar como segmentos-alvo, o turista cultural e religioso e os peregrinos de Santiago e desenvolver uma imagem turística associada às marcas da cidade, ligadas à sua tradição jacobea, nomeadamente, ao Galo de Barcelos.

Tilden considerou, em 1957, que jamais algum dispositivo seria melhor que o contacto pessoal e directo. Todavia, as técnicas indirectas também apresentam as suas

vantagens. Nesse sentido, foi selecionada a técnica indirecta escrita para este plano de interpretação, tendo sido elaborados textos para os painéis e placas interpretativas, a colocar ao longo dos itinerários temáticos desta rota jacobea e foram, igualmente, elaborados os textos que servirão de suporte à técnica directa.

No âmbito desta dissertação, foi apresentado um plano de interpretação dos Caminhos de Santiago no Centro Histórico de Barcelos. Este plano pretendeu identificar os acontecimentos, as experiências históricas e os monumentos ligados aos itinerários históricos dos Caminhos de Santiago, que possam valorizar este espaço urbano, explicar a relação das peregrinações jacobea com a génese desta cidade, estruturar o seu centro histórico com linhas de leitura da evolução do Caminho de Santiago no seu interior, desenvolver o turismo cultural e religioso, através de uma imagem turística da cidade ligada à tradição jacobea; criar condições para implementar este plano de interpretação, de forma a enriquecer as experiências de lazer, a percepção da vida quotidiana e das tradições que nos rodeiam.

Não foi possível proceder à elaboração de um plano para a sua implementação, que só será possível executar em colaboração com a Câmara Municipal de Barcelos. Tendo em conta que um plano de interpretação só fica terminado com a elaboração de um plano de implementação e monitorização, fica a recomendação para a sua concretização. Ficou também por fazer a tradução do plano para Inglês, dado tratar-se da língua franca no mundo globalizado, o que será um factor de sucesso junto dos visitantes estrangeiros. Para além disso, ficou por fazer a versão audiovisual da técnica indirecta, sendo essencial para o sucesso, no futuro, deste plano pois a sociedade actual depende cada vez mais das novas tecnologias e as aplicações para *smartphones* e *iphones* são ferramentas a ter em consideração no âmbito dos programas de interpretação e apresentação do significado do património.

Recomendam-se acções para a valorização, a conservação e a interpretação do património material e imaterial da rota jacobea neste centro histórico. Estas acções devem passar, primeiramente, pela sensibilização da Câmara Municipal de Barcelos para a sua implementação e inclusão no plano de *marketing* da região de turismo a que Barcelos pertence; segundo, que seja elaborado um plano de implementação e outro de monitorização, em colaboração com os serviços municipais; e, finalmente, recomenda-se que as tarefas que ficaram por concluir, nomeadamente, a tradução do plano de

interpretação e a sua versão audiovisual, sejam entregues a instituições de ensino superior, para serem realizadas no âmbito de trabalhos académicos, num espírito de colaboração entre as universidades, as empresas e as instituições públicas.

BIBLIOGRAFIA

- ALMADA, L. J. (2000). *A Caminho de Santiago, Roteiro do Peregrino*. Porto, Lello Editores.
- ALMEIDA, C. A. F. (1990). *Monografia de Barcelos*. Lisboa, Editorial Presença.
- ALMEIDA, C. A. F. (2001). *História da Arte em Portugal, o Românico*. Lisboa, Editorial Presença.
- ALMEIDA, C. A. F. & BARROCA, M. (2002). *História da Arte em Portugal, O Gótico*. Lisboa, Presença.
- ALMEIDA, C. B. & MATOS, S. (1999). *São Tiago nos Caminhos de Barcelos*. Barcelos, Câmara Municipal.
- ALMEIDA, Carlos A. Brochado, (2000). “O Cruzeiro do Senhor do Galo na Devoção Jacobea”, in *Barcelos Revista*, 2ª série nº 11, 12, 13, 2000/2001/2002, Barcelos.
- ALMEIDA, L. & CARDOSO, A. H. (2005). *O Caminho Português de Santiago*. Cascais, Principa Publicações Universitárias e Científicas, Lda.
- ALTINAY, L. & PARASKEVAS, A. (2008). *Planning Research in Hospitality and Tourism*. Oxford, Butterworth-Heinemann.
- BALLART, J. (1997). *El Patrimonio Histórico y Arqueológico: Valor y Uso*. Barcelona, Ed. Ariel;
- BARROCA, M. J. (2003). *Nova História Militar de Portugal*. Lisboa, Círculo de Leitores.
- BERMAN, C.H. (2010). *The Cistercian Evolution: The Invention of a Religious Order in Twelfth-Century Europe*. 2nd ed., Philadelphia, University of Pennsylvania Press.
- BONIFACE, P. & FOWLER, P., (1993). *Heritage and Tourism in the “Global Village”*. Oxford, Routledge.
- BORG, A. & Mark, R. (1973). “Chartres Cathedral: A Reinterpretation of its Structure” *Art Bulletin*, Vol. 55(3), pp. 367-372.
- BRIONES, P. A. (2010). *Pícaros e Picaresca no Caminho de Santiago*. Palencia, Ediciones Cálamo.
- BURNETT, K. (2001). “Heritage, Authenticity and History” in *Quality Issues in Heritage Visitor Attraction*. Oxford, Butterworth Heinemann, pp. 39-54.

- CALDEIA, D. (2010). *Património, Animação e Turismo*. Portalegre, Instituto Politécnico de Portalegre.
- CAPELLI, G. (2005). *The Vocabulary of Architectural Styles*. (Em linha), acessido em 6 de Fevereiro de 2012. Disponível em:
<http://www.gloriacappelli.it/campuslucca/media/architecture.pdf>
- CASTINEIRAS, M. *et al.* (2010). *Compostela y Europa, La História de Diego Gelmírez*. Santiago de Compostela, S.A. Xestión de Plan Xacobeo.
- CLEERE, H. (1989). *Archeological Heritage Management in the Modern World*, 3rd ed., London, Unwin Hyman Ltd.
- CLEERE, H. (1996). “Protecting the World’s Cultural Heritage,” in *Concerning Buildings -Studies in Honor of Sir Bernard Feilden*. London, Butterworths, pp. 82-95.
- CMB (CÂMARA MUNICIPAL de BARCELOS), (2007). *Roteiro Turístico de Barcelos*. Porto, Mediana.
- CMB (CÂMARA MUNICIPAL de BARCELOS) – Posto de Turismo e Centro de Artesanato de Barcelos (2010). *Relatório Estatístico Anual de 2009 do Turismo em Barcelos*. (doc. policopiado).
- CMB (CÂMARA MUNICIPAL de BARCELOS). (Em linha). Acessido em 6 de Fevereiro de 2012, disponível em: http://www.cm-barcelos.pt/earth/santiago_pt.jsp
- COSTA, C. (2005). “Turismo e cultura: avaliação das teorias e práticas culturais do sector do turismo (1990-2000)”, *Análise Social*, (Vol. XL), pp. 279-295.
- CUNHA, L. (2006). *Economia e política do turismo*. Lisboa, Editorial Verbo.
- DESKALKIS, G. (1984). “Tourism and Architectural Heritage, Cultural Aspects” in *Proceedings of the 34th AIEST Conference*. Prague, pp. 23-36.
- DIAS, P. (1986). *História da Arte em Portugal, O Manuelino*. Lisboa, Publicações Alfa.
- DRUMMOND, S. (2001a). “Critical Success Factors for the Organization” in *Quality Issues in Heritage Visitor Attraction*. Oxford, Butterworth Heinemann, pp. 16-27.
- DRUMMOND, S. (2001b). “Introduction to Quality” in *Quality Issues in Heritage Visitor Attraction*. Oxford, Butterworth Heinemann, pp. 5-15.
- DRUMMOND, S. (2001c). “Overview of Quality Issues” in *Quality Issues in Heritage Visitor Attraction*. Oxford, Butterworth Heinemann, pp. 1-4.
- ENGEL, J. & BLACKWELL, R.P. (1982). *Consumer Behavior*. 4th ed., Dryden Press.

ERTPNP (ENTIDADE REGIONAL DE TURISMO DO PORTO E NORTE DE PORTUGAL). (Em linha), consultado em 6 de Fevereiro de 2012. Disponível em: <http://www.portoenorte.pt>.

FEILDEN, B. M. & JOKILEHTO, J. (1998). *Management Guidelines for World Cultural Heritage Sites*. 2ª Ed., Roma, Ed. ICCROM.

FEILDEN, M. B. (1982). *Conservation of Historic Buildings. Technical Studies in the Arts, Archeology and Architecture*. London, Butterworths.

FERGUSSON, J. (1867). *History of Architecture in all Countries from the Earliest Times to the Present Day*. Vol. 2, London: John Murray Albemale Street, pp. 166-167.

FERREIRA, Maria da Conceição Falcão, (1991). “Barcelos Terra de Condes: Uma Abordagem Preliminar”, *Barcelos Revista*, II série nº 2, Biblioteca Pública Municipal de Barcelos, pp. 5-30.

FERREIRA, Maria da Conceição Falcão, (1992), “Barcelos Terra de Condes: Esboços da Vila Medieval”, *Barcelos Revista*, II série nº 3, Biblioteca Pública Municipal de Barcelos, pp.5-67.

FLETCHER, B. (1901). *A History of Architecture on the Comparative Method for the Student, Craftsman, and Amateur*. 4th Ed., London, B.T: Batsford.

FONSECA, T. (1948). *O Concelho De Barcelos Aquém E Além Cávado*. Barcelos, Companhia Editora do Minho.

FROTCHOT, I., (2001). “Service Concepts and Issues” in *Quality Issues in Heritage Visitor Attraction*. Oxford, Butterworth Heinemann, pp. 139-153.

GARTFIELD, D. (1993). *Tourism at World Heritage Cultural Sites, The Site Manager’s Handbook*. 2nd ed., Washington, US/ICOMOS.

GYIMOTHY, S. & JOHNS, N. (2001). “Developing the Role of Quality” in *Quality Issues in Heritage Visitor Attraction*. Oxford, Butterworth Heinemann, pp. 1-4.

HENRIQUES, C. (2003). *Turismo Cidade e Cultura, Planeamento e Gestão Sustentável*. Lisboa, Edições Sílabo.

ICOMOS (INTERNATIONAL COUNCIL ON MONUMENTS AND SITES), *Ename Charter on the Interpretation of Cultural Heritage Sites*, (em linha), acedida em 6 de Fevereiro de 2012. Disponível em: <http://www.enamecharter.org>.

ICOMOS (INTERNATIONAL COUNCIL ON MONUMENTS AND SITES), *The International Charter for the Conservation and Restoration of Monuments and Sites (Venice Charter, 1964)*, (em linha), acessada em 6 de Fevereiro de 2012. Disponível em:

<http://www.international.icomos.org/venicecharter2004/index.html>

IGLESIAS, J. M. G. (ed), (1999). *Caminhos Portugueses de Peregrinação a Santiago*. Santiago de Compostela, Xunta da Galícia.

INE (Instituto Nacional de Estatísticas), (em linha), acessado em 6 de Fevereiro de 2012. Disponível em: <http://www.ine.pt/> .

JANUSZCZAK, W. (1978). “Art History is not All its Painted,” in *Sunday Times*, Culture Section, 29.11, pp. 2-3.

JOHNS, N. & Hoseason, J. (2001). “Which Way for Heritage Visitor Attractions?” in *Quality Issues in Heritage Visitor Attraction*. Oxford, Butterworth Heinemann, pp. 222-242.

KLAINER, F.S. (2006). “Gardener’s Art through Ages” in *Gothic Art: Architectural Bases*. Wadsworth, Cengage Learning, pp. 312-314.

KNUDSON D.M., et al. (2003). *Interpretation of Cultural and Natural Resources*. 2^a Ed., Pennsylvania, Venture Publishing, Inc.

KOTLER, P., et al. (1998). *Marketing for Hospitality and Tourism*. 2nd ed., Pearson Prentice Hall, USA.

LAWS, E. (2001). “Site Visits” in *Quality Issues in Heritage Visitor Attraction*. Oxford, Butterworth Heinemann, pp. 55-60.

MACHADO, R. V. (2005). *Configuração do Turismo Cultural nas Cidades de Média Dimensão em Portugal: O caso de Braga*. Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade de Aveiro, Aveiro (policopiada).

MAGALHÃES, F. P. O. (2003). “Museologia, Ecomuseus e o Turismo: Uma Relação profícua?” in *VARIA, Antropo Logicas*, edição n^o7. Porto UFP, pp. 211-224.

MAGALHÃES, A. M. (1987). *Barcelos, Guia Turístico*. Barcelos, Companhia Editora do Minho.

MATHIESON A. & WALL G. (1982). *Economic, Physical and Social Impacts*. London, Longman.

MEDINA, J. (2004). *História de Portugal*. s/l: SAPE, vol. III.

MEI (Ministério da Economia e da Inovação) (2011). *Plano Estratégico Nacional do Turismo: Propostas para revisão no horizonte 2015*. (Em linha), acessado em 6 de Fevereiro de 2012. Disponível em: <http://www.turismodeportugal.pt>.

MURPHY, P., PRITCHARD, M. P. & SMITH, B. (2000). “The destination product and its impact on traveler perceptions” in *Tourism Management*, Vol. 21(1), pp. 43-52.

PARKER, J.H. (1955). *A Glossary of Terms used in Grecian, Roman, Italian and Gothic Architecture*. 2nd ed., London, T. Combe & CO. Leicester.

PARKIN, I., MIDDLETON, P. & BESWICK, V. (1989). “Managing the Town and City for Visitors and Local People” in *Heritage Interpretation*. Vol.2, Belhaven, pp. 108-114.

PEARSON, M & SULLIVAN, S., (1995). *Looking After Heritage Places, Carlton Victoria*. Melbourne, Ed. Melbourne University Press.

PEREIRA, P. (1995). *História da Arte Portuguesa. Ed n° 3937*. Lisboa, Printer Portuguesa, Ind. Gráfica, Lda.

PEVSNER, N. (2009). *An Outline of European Architecture*. Utah, Gibbs Smith Publishers.

PINTO-COELHO, M. J. (1997). *World Heritage Portugal*. Lisboa. Estar Editora, Lda.

PIRES de LIMA, F. C. (1965). *A Lenda do Senhor do Galo de Barcelos e o Milagre do Enforcado*. Gabinete de Etnografia da Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho, Lisboa.

POON, A. (1993). *Tourism, Technology, and Competitive Strategies*. Wallingford, CAB International.

PORTUGAL. Lei n.º 107/2001 de 8 de Setembro. Diário da República - I Série A, n° 209 - 8 de Setembro de 2001, pp. 5808-5829.

PORTUGAL. Resolução do Conselho de Ministros n°53/2007 - Diário da República, 1.a série n° 67-4 de Abril de 2007.

RAMIREZ C. (2010). *O Caminho de Santiago*. Santiago de Compostela, S.A. de XESTION DO PLAN XACOBEO.

RICHARDS, G. (1996). *Cultural Tourism in Europe*. Wallingford, Oxon UK: Cab International, (doc. policopiado)

RICHARDS, G. & FERNANDES, C. (2007). *Cultural Tourism: Global and Local Perspectives*. New York, The Haworth Press.

- RICHARDS, G. & WILSON, J. (2006). “Developing creativity in tourist experiences: a solution to the serial reproduction of culture?” in *Tourism Management*, Vol. 27, pp. 1209-1223.
- RODRIGUES, N. (2005). *A Gestão do Turismo em Espaços Religiosos dá o Mote ao Trabalho Sé de Braga, Reflexões para a Valorização da Herança Religiosa e Patrimonial*. Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade do Minho, Guimarães (policopiada).
- ROJAS C. & CAMARERO C. (2007). “Visitor’s Experience, Mood and Satisfaction in a Heritage Context: Evidence from an Interpretation Center” in *Tourism Management*, nº29, (2008), pp.528-537.
- SAMPAIO, F. (2007). “O Caminho Português. O Caminho Português Herança Cultural e Turística do Caminho Português” in *Actas do Congresso: O Caminho de Santiago para o Século XXI. XESTION DO PLAN XACOBEO*. Pontevedra, 22-23-24-28 de Março de 2007.
- SARAIVA, A. J. (1981). *A cultura em Portugal, Teoria e História*. Lisboa, Livraria Bertrand.
- SERRÃO, V. (2001). *História da Arte em Portugal, o Renascimento e o Maneirismo*. Lisboa, Editorial Presença.
- SHACKLEY, M. (Ed), (1998). *Visitor Management, Case Studies from World Heritage Sites*. Oxford, Ed Butterworth Heinemann.
- SMITH, S. (1994). “The Tourism Product” in *Annals of Tourism Research*. Vol. 21, No. 3, pp. 582-595.
- TILDEN, F. (2007). *Interpreting our Heritage*. 4th ed., The University of North Carolina Press, Chapel Hill.
- TRIGUEIROS, A. L. et al. (1998). *Barcelos Histórico Monumental e Artístico*. Braga, Edições APPACDM.
- UNESCO (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E CULTURA), (em linha), acedido em 6 de Fevereiro de 2012. Disponível em: <http://www.unesco.pt>.
- UNWTO (United Nations World Tourism Organization), (2004). *Tourism Congestion Management at Natural and Cultural Sites, a Guidebook*. (em linha), acedido em 6 de Fevereiro de 2012. Disponível em: www.world-tourism.org.

WALKER, J. (2009). *Confraternity of Saint James: Pilgrim guides to Spain, The Camino Portugués*. (Em linha) acedido em 6 de Fevereiro de 2012. Disponível em: <http://www.csj.org.uk/guides-online.htm>

WATSON, C.W. (1908). *Portuguese Architecture*. London, Archibald Constable and Company Ltd.

APÊNDICES

APÊNDICE A

IV.3 – ELENCO DOS RECURSOS NO CENTRO HISTÓRICO DE BARCELOS

IV.3.1 - Património Construído

IV.3.1.1 - Património Civil

Paço Condal de Barcelos (século XIV);

Paços do Concelho (séculos XIII - XIV);

Solar dos Carmonas ou Casa do Apoio ou “Podium” (século XII?-XIV);

Casa do Santo Condestável (século XIV);

Casa do Alferes Barcelense, conhecido por “Decepado” (século XIV);

Casa dos Costa Chaves (século XIV);

Solar dos Pinheiros (século XV);

Casa Quinhentista da antiga Rua da Cruz (século XVI);

Casa dos Machados da Maia (século XVI);

Casa dos Andrades e Almada (século XVII);

Casa do Jardim dos Beça Meneses (século XVIII);

Solar do Benfeito dos Matos Graça (século XVIII);

Casa do Athanzio, situada no Largo do Apoio (século XIX);

Theatro Gil Vicente (século XIX).

Jardins, Chafarizes e Fontenários:

Jardim das Barrocas ou Passeio dos Assentos (século XVIII);

Chafariz do Campo da Feira (século XVII);

Chafariz do Largo do Apoio (século XVII);

Chafariz do Largo da Porta Nova (século XVIII);

IV.3.1.2 - Património Militar

Ponte Medieval gótica (século XIV);

Pelourinho ou "Picota" (século XV/ princípios do século XVI);

Torre de Menagem da Porta Nova (século XV).

IV.3.1.3 - Património Religioso

Capela de Nossa Senhora da Ponte (século XIV);

Cruzeiro da Lenda do Senhor do Galo (século XIV);

Igreja Matriz de Barcelos (século XIV);

Hospital Medieval do Espírito Santo (século XIV);

Gafaria (hospital de leprosos) (século XII);

Capela de S. Francisco (século XVI);

Templo do Bom Jesus da Cruz (século XVIII);

Igreja Beneditina de Nossa Senhora do Terço (século XVIII);

IV.3.2 – Equipamentos culturais

Museu Arqueológico (século XV);

IV.3.3 - Modos de fazer

Artesanato.

IV.3.4 - Património Imaterial

IV.3.4.1 - Festividades e Eventos

Festa das Cruzes;

Feira semanal de Barcelos.

IV.3.4.2 - Património Oral

Lendas e estórias:

Lenda do Galo;

Lenda da Rainha Santa;

Lenda da Ponte Medieval;

Lenda do Barbadão do Solar dos Pinheiros;

Lenda do Milagre das Cruzes.

IV.3.4.3 - Modos de fazer

Gastronomia e Vinhos.

APÊNDICE B - VISITA GUIADA

A Rota Jacobeia no Centro Histórico de Barcelos.

Neste capítulo apresentam-se os textos para as visitas guiadas nos três itinerários temáticos da rota jacobea no seu centro histórico, correspondendo às três épocas históricas da peregrinação jacobea em Barcelos.

Itinerário temático “O Berço de Barcelos”:

Este itinerário inicia-se junto ao vau do rio Cávado na Fonte Baixo ou Fundo da Vila. Começamos por fazer o enquadramento histórico deste itinerário. Antes da construção da ponte medieval no século XIV, era por aqui que se fazia a travessia do rio Cávado, a vau ou de barco, conforme o seu caudal. Servia de ponto de passagem da estrada medieval entre o Porto e Santiago de Compostela. Chegados aqui, os peregrinos encontravam uma gafaria (hospital de leprosos) e uma albergaria. A localização desta gafaria junto ao rio justificava-se por ficar num sítio onde os lázaros (ou leprosos) podiam receber muitas esmolas e também se acreditava que a proximidade da água contribuía para a cura da lepra. Estas instituições estão documentadas desde 1177 e tiveram utilização até ao século XIII. Além disso, as Inquirições de 1258 referem a existência da *Propter Albergariam de Barcelus*, outra albergaria que se situava na margem desta estrada, algures na subida para o Cimo da Vila ou Largo do Apoio. Contudo, estas instituições perderam a sua utilidade após a construção da ponte e de outros hospitais, nomeadamente, o do Espírito Santo e o de Abade de Neiva. Notem que este último foi fundado pelo médico pessoal do rei D. Dinis, o Mestre Martinho, que também foi Prior da Colegiada em Abade de Neiva. Também passou por aqui a Rainha Santa Isabel, que pernoitou no Hospital de Abade do Neiva, aquando da sua peregrinação a Santiago de Compostela, em 1325, logo após a morte do seu marido, o rei D. Dinis, que ocorrera em Janeiro desse mesmo ano. Conta-se que terá feito esta peregrinação para salvar, do purgatório, a alma do seu falecido marido, que tivera uma vida com muitas aventuras extra-conjugais e por isso acreditava-se que a sua alma necessitava desse sacrifício para ir para o céu. Aliás, uma destas aventuras, terá originado o nascimento do 3º Conde de Barcelos, D. Pedro Afonso. E tal como a Rainha Santa teve de fazer, vamos nós, agora, subir a estrada medieval até ao Cima da Vila.

Entramos, então, neste largo medieval onde nasceu Barcelos. Tratava-se de um burgo medieval de mercadores, almocreves e Judeus, localizado sobre esta mancha granítica com 30 metros de altitude. Por isso, foi chamado de *Podium* por quem o olhava do Fundo da Vila, junto ao vau do rio Cávado. E, a este propósito, pergunto-vos: “porquê a escolha desde lugar, ermo, pouco fértil, deserto, para construir este tão importante burgo”? A literatura dá-nos a resposta. Efectivamente, este território nunca fora habitado antes da fundação da Nação Portuguesa, no século XII, devido à geologia e à topografia, que mostram que este local era um terraço fluvial com uma altitude de uns 20 a 30 metros, ligeiramente elevado sobre os outros terrenos confinantes da margem norte do rio Cávado. E foram estas características que terão originado a sua toponímia, que poderá derivar de “*Podium*”, que significa “outeiro”. Assim, quem o olhava do rio na Fonte de Baixo, ficava com a sensação de estar a olhar para o “*Podium*”. Mas há outra versão: segundo o Abade do Louro, “Apoio” poderá derivar da existência de uns bancos para protecção dos viajantes, localizados onde, actualmente, fica a Casa do Athanzio. O certo é que a sua toponímia actual é Largo do Apoio. Até à centúria de Trezentos, o núcleo central de Barcelos ter-se-á agregado em torno deste largo e desta casa do Apoio. Este largo foi o cruzamento de todas as vias, organizado como um burgo medieval, com a praça ao centro, onde se realizava a feira, circundado por várias ruas, distribuídas pelos vários mesteres (profissões). Assim deste largo, saem seis ruas nas direcções dos quatro pontos cardeais: duas para poente, duas para nascente, uma para sul e outra para norte. Do lado poente, fica a rua dos Açougues, que era a via principal, por onde chegavam os peregrinos vindos do rio; a rua paralela a esta, era a dos Sapateiros. A nascente fica a rua dos Mercadores, no seguimento da rua dos Açougues, que ligava o centro à Judiaria. Esta rua tornou-se o itinerário do Caminho de Santiago, a partir do Milagre das Cruzes de 1504. A rua paralela a esta, é a dos Tripeiros. Na direcção de Santiago, do lado norte, fica a porta do vale, por onde seguiam os peregrinos para Abade do Neiva, rumo a Compostela, isto, antes do Milagre das Cruzes de 1504. A Sul, fica a rua de Santa Maria, que liga o burgo à Igreja Matriz e à ponte medieval. A organização do Largo do Apoio, em forma de burgo medieval, ajuda-vos a compreender como terá sido a génese de Barcelos. E apresentando-vos um enquadramento histórico deste burgo, posso dizer-vos que antes da *Inventio* das Relíquias Jacobeias, no Século IX, Barcelos, tal como S. Pedro de Rates e Ponte de Lima, já era um ponto de confluência de várias vias, uma

espécie de placa giratória onde afluíam diversos interesses regionais. Passava, aqui, a estrada do Porto, que resultou de uma via romana secundária. Esta estrada medieval foi a que, durante a Idade Média, registou o maior movimento de peregrinos de entre todos os itinerários jacobeus. Barcelos foi-se tornando um ponto de passagem crucial para se peregrinar pelos Caminhos do Entre-Douro-e-Minho medieval até Santiago de Compostela. Acredita-se que este movimento de peregrinos contribuiu para o seu crescimento. Dado o seu desenvolvimento, recebeu, entre 1156 e 1169, uma carta-foral do fundador da Nação, o rei D. Afonso Henriques. Esta carta tem um enorme valor histórico e simbólico, pois é o mais remoto pergaminho existente sobre a História de Barcelos. Apesar disso, as Inquirições de 1258 ainda o apresentam como pertencendo ao Julgado de Neiva. Mas, em 1298, o rei D. Dinis fez de Barcelos a primeira vila condal em Portugal e nomeou o cavaleiro D. João Afonso, como seu 1º conde. Nada se sabe sobre o 2º conde, mas o 3º conde foi D. Pedro Afonso, filho do rei D. Dinis, que patrocinou importantes obras em Barcelos, nomeadamente, a Ponte Medieval, a Capela da Ponte, e a Igreja Medieval. A construção da ponte gótica foi determinante para o crescimento do número de peregrinos e de Barcelos.

Barcelos rememora, neste largo do Apoio, o seu urbanismo medieval. Ainda se encontram aqui algumas casas medievais, enquadradas numa estrutura de burgo medieval. Além da casa do Apoio, encontram-se aqui outras casas medievais, destacando-se por razões históricas, a casa do Santo Condestável e a casa do Alferes Barcelense “Decepado”. Mas olhemos para a casa do Apoio (ou Solar dos Carmonas). Trata-se de uma construção medieval, que sofreu muitos restauros ao longo dos séculos. Provavelmente, terá sido o primeiro edifício construído neste burgo e a residência dos alcaides de Barcelos, até ao século XV. No seu interior, terá funcionado a cadeia medieval, onde esteve encarcerado o peregrino da Lenda do Galo. Esta casa apresenta uma beirada, virada ao rio Cávado, donde restam cinco robustos e típicos cachorros, que serviria como torre de vigia da passagem no vau do rio, antes da construção da ponte medieval. Foi doada pelos Condes de Barcelos a D. Rodrigo Carmona, almoxarife da Casa de Bragança. Com a construção do Paço Condal, este solar perdeu a sua utilidade inicial.

Agora, admirem esta casa, que terá pertencido ao Santo Condestável. Trata-se de uma casa medieval com uma frontaria muito cuidada, dotada de dois portais, um estreito

para serviço exclusivo de pessoas e um outro amplo para a passagem de cargas e de cavalos para os fundos da habitação e para o quintal. Esta casa não tem ameias, mas tem uma cornija de longa escócia, certamente quinhentista. Na parte superior, sob a cornija, expõe-se o escudo dos Pereiras, de Cruz florenciada, que por não ter espaço ao alto está tombado. A casa tal como se encontra será o resultado de restauros dos aposentos trecentistas do Santo Condestável.

Agora, em frente à casa do Santo Condestável, junto à porta do vale, reparem na casa quinhentista do Alferes Barcelense, também conhecido por “Alferes Decegado”. Esta casa simboliza a ligação de Barcelos à batalha de Alcácer Quibir¹. Trata-se de um edifício simples de dois sobrados, do segundo quartel do século XVI.

A sul deste largo, na esquina com a rua dos Mercadores e com a rua de Santa Maria, fica o Hospital Medieval do Espírito Santo, que, actualmente, faz parte edifício dos Paços do Concelho, resultado de uma série de anexações e ampliações e que para além deste hospital integra também a antiga sinagoga da judiaria barcelense. Este hospital serviu até ao século XIV como posto de assistência aos peregrinos de Santiago. Há um testamento de 1356, que atesta a sua existência. Contudo, por volta do ano 1500, o rei D. Manuel I fundou a Santa Casa da Misericórdia de Barcelos, que assumiu a gestão deste hospital, da gafaria e da sinagoga.

No centro deste largo, encontra-se este chafariz em granito, datado do século XVII, atribuível a João Lopes e às obras de 1621. É de tradição renascentista, está assente numa base e é constituído por um tanque circular, de onde sai uma taça bojuda coberta com cinco carrancas, de onde brota a água. Está encimado por um pináculo, terminado em esfera.

Este largo do Apoio era a praça onde se realizava a feira e o centro comercial e social do burgo, que terá passado para o local do milagre, o actual campo da feira, após o Milagre das Cruzes de 1504.

Itinerário temático “o Milagre do Galo de Barcelos”:

Esta visita guiada inicia-se em frente à Capela da Ponte, situada aqui, na margem a sul da ponte medieval. Esta capela foi construída em 1328 para a sacralização desta ponte, pois a construção de pontes na Idade Média, como certamente sabem, tinha um simbolismo

¹ Batalha ocorrida no Norte de Africa a 4 de Agosto de 1578, onde pereceu o rei D. Sebastião.

miraculoso, religioso e até místico. O edifício original era mais simples e situava-se a uma quota mais baixa. Foi remodelado em meados do século XVII e alteado no século XIX. Nesta capela foram encontrados os típicos bancos das capelas-abrigo de peregrinos, onde não faltavam as amplas pias de pedra para os lava-pés. Esta capela tornou-se o símbolo da tradição do lava-pés aos peregrinos de Santiago. Vamos, agora, atravessar a ponte medieval do século XIV, cuja construção ocorreu entre 1325 e 1328 e alterou a ordenação do trânsito viário entre as duas margens do rio Cávado. Foi mandada construir pelo filho do rei D. Dinis, D. Pedro Afonso, o 3º Conde de Barcelos. Como podem imaginar, esta ponte contribuiu para a importância estratégica de Barcelos, a primeira vila condal de Portugal, desde 1298. Esta vila condal tornou-se um ponto de passagem crucial para se rumar a Santiago de Compostela pelos Caminhos do Entre-Douro-e-Minho medieval. Esta ponte abriu ao trânsito, em 1328. Reparem nesta edificação gótica, constituída por cinco arcos quebrados, com fortes aduelas, sendo os centrais mais altos e largos e os das extremidades mais pequenos e baixos. Notem que foi reforçada a montante por grandes talha-mares de pedra, de forma angular, destinados a quebrar a força da corrente fluvial e a jusante por maciços contrafortes quadrangulares. Esta ponte, como podem verificar, faz a travessia do rio Cávado em Barcelos e substituiu a passagem que se fazia a vau ou de barco, além, onde o rio tem menos corrente. Notem que o trânsito que se fazia da Fonte de Baixo até ao Largo do Apoio, passou a fazer-se numa orientação sul - norte, quase uma ligação directa entre a ponte e a porta do vale. Como já vos disse, o carácter místico e religioso das pontes na Idade Média, contribuiu lhes associar algumas lendas. Esta ponte não foi excepção à regra, e segundo a sua lenda, o povo, na sua ingénua credence, atribuía-lhe algumas facilidades e segurança nos partos. Era em seu entender, castigo, praga ou má olhadura, de pessoas malfazejas, o caso de certas mulheres não vingarem os frutos do seu ventre, que durariam pouco, após o nascimento, se as mães fossem vítimas de tais malefícios. Para se protegerem dos malefícios, faziam um baptismo especial: em vésperas do novo parto, o casal dirigia-se à ponte, esperando aí, até ao bater da meia-noite. Convidavam para padrinho, o primeiro transeunte e faziam o baptismo, servindo-se de um ramo de oliveira para deitar água sobre o ventre materno. Com este baptismo, acreditava-se que a criança nasceria robusta e saudável.

E continuando este itinerário pelo Caminho de Santiago e após a travessia da ponte, deparámo-nos com o palácio Solar dos Pinheiros, à nossa frente. Trata-se de um edifício quatrocentista, datado de 1448, em que se destacam os elementos característicos do estilo manuelino. Está-lhe associada a Lenda do Barbadão, simbolizada na figura gravada em pedra, representando uma cara com grandes barbas e umas mãos puxando por elas, que se pode ver na cornija do telhado, virada para o Paço Condal. Há duas versões que traduzem esta simbologia. Uma diz que a imagem representa Tristão Gomes Pinheiro enraivecido contra o Conde de Barcelos, por este lhe ter embargado a obra da sua Casa-solar e não lhe deixar altear mais as torres, para não lhe devassar o Paço Condal. A outra versão, bem mais simbólica e romanceada, diz que aquele Barbadão significa Tristão Gomes Pinheiro protestando vingança contra um Cavaleiro do Paço Condal, que manchara a dignidade da sua filha.

Do nosso do lado direito, vemos o Pelourinho. Trata-se de um monumento granítico, constituído por uma base robusta, um fuste alto prismático de base octogonal, com um capitel pequeno e um remate decorado com oito contrafortes e oito pináculos, em estilo gótico tardio. Na Idade Média, era um símbolo da justiça, onde se faziam os avisos ao povo e se aplicavam alguns castigos aos criminosos.

Agora vamos entrar no Paço Condal de Barcelos. Trata-se de um monumento exemplar das construções nobres apalaçadas de finais da Idade Média, em que alguns castelos tinham alas residenciais para os seus Alcaides. Tem uma natureza híbrida, pois tanto pode ser classificado como património civil (residência da Casa de Bragança) ou como fortaleza militar. Actualmente, funciona como Museu Arqueológico de Barcelos. Foi o filho do rei D. João I, D. Afonso, o 8º Conde de Barcelos quem patrocinou a construção deste Paço e das muralhas da vila. A título de curiosidade, fiquem a saber que também foi ele quem fundou o primeiro museu em Portugal, a *Casa de Couzas raras*. Com o seu casamento com a única filha do 7º Conde de Barcelos, fundou a poderosa Casa de Bragança, que reinou em Portugal durante a quarta dinastia.

Olhem para o Cruzeiro da Lenda do Galo de Barcelos. Encontramo-nos perante o cruzeiro evocativo da Lenda do Galo, lavrada em relevo no granito, representando um peregrino pendente, com São Tiago por baixo a suste-lhe os pés, com Jesus Cristo crucificado e um galo para garantir a inocência do peregrino enforcado. A Lenda do Galo

de Barcelos, conta-se assim: *“na vila de Barcelos tinha-se cometido um crime, e não havia meio de descobrirem o culpado. Aconteceu de passar por aqui um peregrino galego que seguia a caminho de Santiago, a fim de cumprir uma promessa. Sendo um estranho, logo o apontaram como culpado: prenderam-no e condenaram-no à morte. O homem disse que nada tinha a ver com o caso, jurou, protestou que estava inocente; de nada lhe valeram juras e protestos. A seu pedido, como último desejo de um condenado à forca, levaram-no à presença de um juiz. Este recebeu-o na sala de jantar, onde se preparava para tomar a refeição. Mais uma vez o pobre homem jurou a sua inocência, e garantiu ser tão verdade o que dizia como o galo que estava assado sobre a mesa levantasse e cantar. E, de facto, o galo assado ergue-se da travessa e cantou vibrantemente. Imediatamente “nuestro hermano” foi mandado em paz. Mas voltou, mais tarde, a Barcelos para erigir um monumento votivo em honra da Virgem e de São Tiago”*.

Não fiquem espantados com a quantidade de galos espalhados pela cidade e com a quantidade de vezes que vão ouvir falar do Galo de Barcelos.

Passemos, agora, na Igreja Matriz. Trata-se de uma igreja medieval, podendo ser classificada num estilo misto românico-gótico. No portal principal estão gravadas, nas arquivoltas, as armas do seu patrono, D. Pedro Afonso, o 3.º Conde de Barcelos, filho do rei D. Dinis. No seu interior, em dois dos capiteis dos arcos que sustentam o telhado, estão esculpidas várias vieiras, evidências históricas de ser um local de culto jacobeu.

Saíndo da igreja, reparem agora nos Paços do Concelho. Trata-se da aglomeração de vários edifícios (Capela de Santa Maria, Igreja da Misericórdia (antiga Sinagoga) e Hospital Medieval do Espírito Santo) e acrescentos aos primitivos Paços do Concelho, que apresentam umas arcadas góticas de finais do século XV. Sofreu grandes alterações no século XVIII e a ampliação do século XIX deu-lhe a actual imponência. Serviu de posto de assistência aos peregrinos de Santiago. O actual Salão Nobre foi, primitivamente, a sinagoga da judiaria barcelense. Terá passado a funcionar como Igreja da Santa Casa da Misericórdia, quando o rei D. Manuel I ordenou a conversão forçada dos Judeus ao Cristianismo, que passaram a ser conhecidos como Cristãos Novos.

Terminámos este itinerário, aqui, no Largo do Apoio. Na época medieval, os peregrinos continuavam o Caminho, deixando o burgo pela porta do vale em direcção à Igreja Medieval de Abade de Neiva, de onde, após o repouso no hospital, partiam rumo a

Compostela. Imaginem, por um momento, o alvoroço quotidiano deste largo, na época medieval. Tudo se passava aqui. Imaginem todos aqueles mercadores judeus, viajantes, almocreves e mesteres, que se misturavam num frenesim da labuta quotidiana, na luta pela sobrevivência. A este alvoroço, juntavam-se os peregrinos a caminho de Santiago. Foi o que terá acontecido ao peregrino da Lenda do Galo, que aqui foi acusado e condenado à forca, neste mesmo largo. Nesta casa do Apoio, em torno da qual, o burgo de Barcelos se fundou, terá funcionado como a residência dos alcaides de Barcelos, até ao século XV, também ficaria a cadeia, no seu interior, onde o peregrino da Lenda do Galo esteve encarcerado até ser levado para a forca. Foi a Lenda do Galo de Barcelos.

Itinerário temático “o Milagre das Cruzes”

Vamos percorrer o itinerário que simboliza o fim do burgo medieval e judeu e o início da vila condal católica. Inicia-se aqui, deixando o Largo do Apoio e seguindo pela rua dos Mercadores, agora denominada rua de S. Francisco. Vemos, agora, a capela de S. Francisco que está na origem da mudança de toponímia. A sua construção, nesta rua dos mercadores (Judeus) está envolta em polémica e incertezas do ponto de vista histórico. Notem que o Milagre das Cruzes aconteceu em 1504, enquadrado na política do rei D. Manuel I de conversão dos Judeus ao Cristianismo. E pouco tempo depois, em 1508, foi instituído, aqui, o vínculo de S. Francisco. Aliás, esta capela poderá ser a reconstrução da demolida Capela de Santa Maria, que estava apensa ao Hospital do Espírito Santo. O próprio seu pórtico, em estilo gótico do século XIV, é anterior a esta construção. Para além disso, as casas desta rua passaram a alojar os religiosos da Ordem de São Francisco. Enquadra-se no processo de cristianização desta parte do burgo, de que o Milagre das Cruzes de 1504 foi o mito motivador. Este milagre mudou o itinerário do Caminho de Santiago em Barcelos e toda a sua história. Após este milagre, os peregrinos passaram a caminhar na direcção do novo local de culto, passando por esta rua, atravessando a judiaria e a rua direita e saindo das muralhas pela Torre de Menagem da Porta Nova. E vamos começar este percurso até ao local do milagre, onde se encontra o Templo do Senhor Bom Jesus da Cruz. Estamos a passar no Largo do Theatro Gil Vicente, que resulta da demolição de casas da Judiaria. Neste largo, destaca-se esta casa quinhentista da antiga rua da Cruz, que é uma residência de finais do século XV ou inícios do XVI. Reparem também no

edifício do Theatro Gil Vicente e na casa onde funciona a Associação Comercial de Barcelos (ACIB). Aqui, fez-se história, recentemente, pois alguns jovens formaram, aqui, uma equipa de futebol, no ano de 1924 e como tiveram alguma dificuldade a “baptizá-la”, olharam para o Theatro que funcionou como fonte inspiradora. Nasceu, assim, o Gil Vicente Futebol Clube, que representa Barcelos e o seu galo nos campeonatos da Liga Profissional de Futebol. E agora, passemos pela rua Direita, onde podem admirar estas casas com elevada riqueza arquitectónica, que serão, certamente, reconstruções de casas medievais. Continuemos o percurso até à Torre da Porta Nova. Mas, antes de sairmos do interior das muralhas, admirem a casa dos Machados da Maia, onde funciona, actualmente, a Biblioteca Municipal, um edifício do século XVI, um dos exemplares quinhentistas mais completos e perfeitos em Barcelos. E eis-nos, agora, perante a Torre de Menagem da Porta Nova. Fica mesmo em frente ao Templo do Senhor Bom Jesus da Cruz. Para além de ter feito parte das muralhas do século XV, também funcionou como cadeia desde o século XVII até 1932. Recentemente, funcionou como posto de turismo e artesanato. No futuro, funcionará como centro de interpretação do Galo de Barcelos. E agora, finalmente, eis-nos no local do Milagre das Cruzes de 1504, cuja lenda se conta assim: “na sexta-feira, dia 20 de Dezembro de 1504, por volta das 9 horas da manhã, quando sapateiro João Pires regressava da missa da ermida do Salvador, viu o aparecimento miraculoso de uma cruz de terra negra no chão barrento do Campo da Feira. Como não quis guardar só para si aquilo que considerou ser um sinal sagrado, alertou o povo, que depressa veio ao local do milagre. As cruzes apareciam sob a forma de uma nódoa negra que ia crescendo até se formar uma cruz perfeita, em que a cor não ficava só à superfície, mas penetrava em profundidade na terra”. Foi assim o Milagre das Cruzes que originou uma forte devoção popular, de tal modo que nesse mesmo ano, no local de aparecimento da Cruz, foi erguido um cruzeiro em pedra com as dimensões da cruz miraculosamente aparecida. O fervor religioso que este Milagre gerou foi tal, que a população demonstrava-o realizando muitas procissões e ofertas, que foram aplicadas na construção de uma ermida no ano de 1505. Um rico comerciante de Barcelos, quiçá, um Cristão-novo, ofereceu uma imagem flamenga do Senhor da Cruz, em tamanho quase natural, de madeira de carvalho, dos inícios do século XVI, tendo apenas o rosto e as mãos pintadas. Foi, então, construída uma capela neste local, que evoluiu para o actual Templo, que abriu ao culto em 1710. Apreciem a sua

qualidade arquitectónica, um edifício em estilo barroco, de cúpula e planta centrada com o espaço interior disposto em cruz grega, da autoria do Arquitecto João Antunes. Este Templo é, anualmente, o palco central da tradicional Festa das Cruzes a 3 de Maio, a primeira romaria de Portugal e uma das principais atracções turísticas desta cidade. Também foi fundada a Irmandade do Senhor da Cruz, que teve uma grande importância religiosa e social em Barcelos, nomeadamente, promovendo a Festa das Cruzes. Este milagre aconteceu no reinado de D. Manuel I, que ficou na história como uma época de prosperidade, mas marcado pela conversação forçada dos Judeus. Fundou a Santa Casa da Misericórdia, entregando-lhe a administração da gafaria e do hospital do Espírito Santo (actual edifício camarário) e a sinagoga, juntando todos os serviços no actual edifício camarário.

Este milagre foi importante para a vila de Barcelos e a partir de então, a vila cresceu ao longo do Caminho de Santiago, onde foram construídas algumas casas com bastante riqueza arquitectónica, destacando-se, a Casa dos Andrades e Almada, a Casa do Jardim e o Solar do Benfeito.

A festa das Cruzes e a feira semanal são, na actualidade, as suas principais atracções turísticas. A feira semanal está incluída em quase todos os *packages de Touring* da região de turismo do Porto e Norte de Portugal. Saindo do Templo, admirem, agora, este imenso e arborizado campo da feira, com um monumental chafariz do século XVII no seu centro. Agora olhem para sul e admirem o Jardim das Barrocas (ou Passeio dos Assentos), um trabalho do século XVIII, em estilo rococó. E retomando o Caminho de Santiago, encontramos-nos perante a Casa dos Andrades e Almada, aqui, ao lado do Templo, que funciona como unidade hoteleira, frequentada pelos peregrinos de Santiago. Trata-se de uma casa típica do século XVII, de três pisos, que apresenta uma bonita fachada, elegante e equilibrada. Mas continuemos a percorrer o Caminho de Santiago até à Igreja beneditina de Nossa Senhora do Terço a norte do Campo da Feira. Fazia parte do antigo convento de freiras beneditinas, datado do início do século XVIII. Devido à lei de 1834, este mosteiro foi vendido e ficou completamente descaracterizado, salvando-se apenas o portal e a igreja, graças aos cuidados da Confraria do Terço. Apesar deste seu exterior modesto, esta Igreja apresenta um deslumbrante espaço interior, um dos mais densos interiores barrocos em Portugal. A sua importância na arte barroca advém-lhe sobretudo dos seus grandiosos

painéis de azulejo azul e branco, datados de 1713, mostrando cenas da vida de S. Bento e emblemas moralizantes, destacando-se os azulejos que cobrem as paredes, a talha dos seus três altares, o púlpito, e as pinturas do seu tecto. Possui imagens de Nossa Senhora do Terço, em madeira, do século XVIII, uma escultura em pedra anã de Nossa Senhora da Abadia, datada de meados do século XVI, que se encontrava num nicho da Torre da Porta Nova, no final da rua Direita, aqui recolhida quando este foi destruído, e um Cristo Crucificado que poderá datar do séc. XV.

E do lado oposto ao convento beneditino, vamos apreciar a beleza arquitectónica da Casa do Jardim dos Beça Meneses. Trata-se de uma casa nobre, de um só sobrado, janelas no rés-do-chão e portadas de sacada no andar superior, de frontaria bem axializada pelo único portal de rua e pela janela especial do salão central. Mostra-nos sobre as vergas curvas dos vãos, uma rica decoração de conchas e de penachos de ramos que a tornam a mais decorada fachada de Barcelos. É um monumento datado de meados do século XVIII.

Continuando o Caminho de Santiago, chegamos ao final deste itinerário, no Largo do Bonfim, onde podemos encontrar um albergue de apoio aos peregrinos e o Solar do Benfeito. Este solar é um edifício de meados do século XVIII, que incorpora na frontaria a capela de Santa Ana, representativa da arquitectura barroca.

Terminamos aqui a rota jacobea no centro histórico de Barcelos.

Apêndice C - Questionário

Os Caminhos de Santiago no Centro Histórico de Barcelos

Caro Turista

Este questionário tem como objectivo caracterizar o perfil do visitante de Barcelos, assim como as suas motivações e a imagem que tem de Barcelos.

A. MOTIVAÇÕES

A1. Qual é o objectivo desta visita a Barcelos?

- Por motivos religiosos
- Para lazer /recreação
- Por curiosidade
- Para desporto
- Para estudos, investigação, pesquisa
- Para fins culturais
- Para negócios
- Outros: _____

A2. Está a fazer a visita:

- Só
 - Em grupo
- Que tipo de grupo: _____

Número de pessoas: _____

A3. Que Transportes usou para chegar aqui?

- Avião
- Comboio
- Carro
- Barco
- Bus
- Outro: _____

A4. Porque escolheu Barcelos?

- Por causa do Caminho de Santiago
- Pela gastronomia
- Por causa do Galo
- Por causa das Festas ou Feiras
- Por ter facilidades (hotéis, albergues, etc.)
- Por ter história e cultura
- Por ser segura
- Por estar bem localizada
- Outro: _____

A5. Qual a razão de o fazer nesta data?

- Fim-de-semana
- Feriado / Férias
- Sabático / Pausa na carreira
- Reformado
- Data com significado pessoal
- Sem razão especial
- Outro _____

B. IMAGEM

B.1. Defina um adjectivo que melhor descreva a imagem que tem de Barcelos?

- Bonita
- Acolhedora
- Limpa
- Interessante
- Histórica
- Calma
- Cultural

C. PERFIL

C1. Idade: _____

C2. Género: Masculino Feminino

C3. Estado Civil: _____

C4. Qual a situação profissional?

- Empregado
- Dona de casa
- Conta própria
- Estudante
- Reformado
- Desempregado

C5. Por favor informe o seu grupo ocupacional?

- Director ou gerente
- Profissional (Médico, Advogado, Professor, etc.)
- Profissão técnica (técnico, Enfermeiro)
- Escriturário /Administrativo
- Serviço e pessoal de vendas
- Manual ou Operário

C6. Qual a sua residência actual (origem)?

- Portugal (cidade): _____
- Estrangeiro (país): _____

C7. Qual o seu nível académico?

- Primária incompleta
- Escola secundária
- Escola primária
- Licenciatura
- Escola preparatória
- Mestrado
- Doutoramento

Muito obrigado pela sua cooperação